



JUSTINE

de SADE

HELI '85

Donatien-Alphonse-François
MARQUÊS DE SADE

JUSTINE
OU
As Desgraças da Virtude

Apresentação e tradução de
EDMOND JORGE



Entrelivros Cultural

APRESENTANDO O MARQUES DE SADE

Donatien-Alphonse-François de Sade, nasceu a 2 de junho de 1740 no palácio de Condé onde sua mãe, Marie-Éléonore de Maillé-Bréze de Carman, era dama de honra da princesa de Conde e também sua parenta. Seu pai, Jean-Baptiste-Joseph-François, era conde de Sade. Sua família é originária de Avinhão mas também é aparentada às melhores famílias da Provença.

Até o nascimento de Donatien, o personagem mais importante da família foi Laura de Noves, mulher belíssima que se torna esposa de Hugues de Sade, chamado o Velho, a 16 de janeiro de 1325 e por quem Petrarca, o grande poeta italiano viria a apaixonar-se, imortalizando-a em seus versos.

Aos sete anos, o "bambino louro", como a família chamava Donatien, tem sua educação confiada ao seu tio paterno, Jacques-François-Paul-Aldonse, conhecido também como abade de Sade, e que então era vigário-geral da Abadia de Ébreuil, próximo de Vichy. Não obstante os métodos pedagógicos pouco ortodoxos ecléticos do tio, o ensino é bom e o jovem aprende latim e grego em três anos. Aos dez ele passa a estudar em Paris, onde ingressa num dos melhores estabelecimentos de ensino dos jesuítas, o Colégio de Harcourt, onde dispõe até de um preceptor particular, o abade Amblet, que muitas vezes terá de intervir para abafar os escândalos do seu jovem aluno.

Dele dirá mais tarde o próprio marquês:

"Era homem firme e de muito espírito, sem dúvida adequado para formar a minha juventude. Infelizmente não o conservei por muito tempo".

Em 1754, devidamente munido de um título de nobreza, que então era indispensável para conseguir um posto no exército, Sade ingressa na Escola Preparatória de Cavalaria, que faz parte do Regimento da Cavalaria Ligeira da guarda. Esta escola rivalizava com a dos Mosqueteiros e ambas eram o objetivo dos melhores varões da nobreza de França.

Nomeado subtenente em 1755, dois anos depois passa a porta-estandarte do corpo de carabineiros do regimento do conde de Provença, irmão do rei. Em 1759 Sade passa a capitão do regimento de Borgonha e toma parte na Guerra dos Sete Anos contra a Prússia. Em Aline e Valcour, Sade atribui-se louros que seus superiores e companheiros também lhe dão.

Diz ele: "As campanhas foram iniciadas e atrevo-me a dizer que as fiz muito bem. Esta impetuosidade natural do meu caráter, esta alma ferosa que me deu a natureza, apenas intensificavam ainda mais esta virtude feroz a que dão o nome de coragem e que é considerada, creio eu erradamente, como a única necessária ao nosso estado."

Termina a Guerra dos Sete Anos com a assinatura do Tratado de Paris em 1763 e Donatien-Alphonse é reformado como capitão de cavalaria. Nessa época, os oficiais reformados não perdem seu posto e podem mais tarde voltar a usar o uniforme, como Sade fará em 1767 e 1770. Ele é um bom soldado mas começa a saturar-se da vida numa sociedade militar que não tem nada de puritana. Muito ao contrário.

A 29 de outubro de 1763, Donatien-Alphonse tem sua primeira experiência de prisão, na qual passará quase trinta anos de sua vida. Ele é preso em Vincennes por "devassidão", blasfêmia e profanação da imagem de Cristo, mas no mês seguinte é libertado, sendo porém obrigado a permanecer numa residência indicada, o palácio de Echauffour, na Normandia.

Em abril de 1764 recebe permissão para voltar a Paris. Em julho daquele mesmo ano, apaixona-se pela Senhorita Colette, atriz do Teatro Italiano. Mas parece que esta aventura não o satisfaz, pois o Inspetor Marais, sempre atento às intrigas de toda a sociedade, diz num relatório que pediu à Brissault, uma rameira muito conhecida em Paris, que não enviasse meninas para Sade.

No ano seguinte é a vez da Senhorita de Beauvoisin, uma beldade famosa e cara, de atrair as atenções do marquês e naquele verão ele a leva a La Coste fazendo-a passar por parenta de sua mulher. Naquele mesmo ano, faz corte a uma freqüentadora dos salões parisienses e, numa de suas cartas, lamenta não tê-la desposado.

Segundo um dos seus superiores e que mais tarde será Ministro da Guerra de Luís XVI, Saint-Germain, "dizem coisas horríveis a seu respeito".

O pai de Donatien-Alphonse acaba por agastar-se com esta boataria sobre seu filho. Ao que parece, ele está sempre na companhia de prostitutas e proxenetas e não sai dos bastidores dos teatros. O pai pensa em dar um jeito de casar o filho para ver se ele passa a viver uma vida normal. Além disso, é sua intenção fazer um bom casamento — financeiramente, é claro — pois a situação financeira da

família não vai muito bem. O próprio Donatien-Alphonse não se mostra avesso ao casamento e pensou, várias vezes, em casar-se com a preferida do momento.

Finalmente o pai do marquês arranja-lhe um casamento, e lhe diz que ele se casará com a Senhorita de Montreuil, ao que ele concorda com prazer pensando tratar-se de Anne-Prospère, a quem já vira e que era muito bela. Mas na verdade, a escolhida é Rennée, a outra irmã, até então ignorada. Esta conta vinte e três anos e é destituída dos encantos que a irmã tem em quantidade. Decepcionado, Donatien-Alphonse, mesmo assim, casa-se com Rennée, isto em 17 de maio de 1763, alguns meses antes da sua primeira prisão.

Seu pai falece a 24 de janeiro de 1767 e Donatien-Alphonse torna-se herdeiro das senhorias de La Costa, Mazan e Saumane, e também de dívidas muito altas. Neste mesmo ano ele prepara-se para reingressar no exército e também nasce seu primeiro filho, Louis-Marie, conde de Sade.

A fama do marquês continua aumentando e chega a chamar a atenção de Marais, que profeticamente, diz: "não demoraremos a ouvir falar dos horrores do senhor conde de Sade". É também o Inspetor Marais quem diz que Sade tentou inutilmente cortejar a Senhorita Rivière, dançarina da ópera e que não quis conhecer sua casa de prazeres em Arcueil nem aceitar os 25 luíses de prata mensais que lhe oferecia.

O dia 3 de abril de 1768 assinala o começo da espinhosa carreira sádica do marquês. Neste dia, um domingo de Páscoa, no passeio, uma mulher pede-lhe uma esmola. Os encantos dessa mulher, chamada Rose Keller, é que o levarão pela primeira vez às barras do tribunal. Oferecendo-lhe um escudo ele a convence a acompanhá-lo à sua casinha. Ao chegarem, Donatien-Alphonse prende-a num aposento. Mais tarde, volta, manda-a despir-se e a flagela. Depois torna a prendê-la com algum alimento, prometendo voltar à noite para soltá-la. Rose Keller, porém, não espera e consegue fugir por uma janela, encontra-se com algumas mulheres, conta sua aventura, é levada ao palácio do notário onde lhe tomam o depoimento. Sade é preso por ordem do rei no palácio de Saumur, onde ficará dezoito dias. Dali é transferido para a fortaleza de Pierre-Encisa, próximo de Lyon, onde fica um mês. Somente em novembro é que será libertado por ordem do rei.

Seu segundo filho, Donatien-Claude-Armand nasce em Paris a 27 de junho de 1769. No ano seguinte, Sade retorna ao exército como capitão-comandante do regimento de Borgonha. Em 1771, a 17 de abril, nasce sua filha, Madeleine-Laure.

Em agosto do mesmo ano Sade é preso por dívidas e suas dificuldades financeiras agravam-se no ano seguinte.

Em junho de 1772, ele realiza uma festa de prazer com várias jovens e seu criado Latour. Nesta reunião elas são flageladas e flageladoras e possuídas ora por Sade, ora pelo seu criado. Depois, as mulheres farão queixa de várias sevícias a que foram submetidas, declarando também que o marquês quis fazer sodomia com elas, acrescentando, porém, que recusaram. (No século XVIII, a sodomia, ativa ou passiva, era passível de pena de morte.) A 30 de junho, Marguerite Coste, julgando-se envenenada pelo afrodisíaco dado pelo marquês, apresenta uma queixa, resultando numa ordem de prisão de Sade, acusado de envenenamento e sodomia.

A 12 de setembro, Sade e seu criado Latour são executados e queimados em efígie na Praça dos Pregadores, em Aix-en-Provence. Meses depois, porém, à insistência do duque de Aiguillon, e por solicitação da Senhora de Montreuil, Sade é preso por ordem do Ministro dos Assuntos Estrangeiros do rei da Sardenha, e conduzido ao forte de Miolans. Mas em abril do ano seguinte, 1773, Sade consegue escapar da prisão, com a ajuda da Senhora de Sade, acompanhado do seu criado, Latour, e de outro preso, indo ocultar-se nos arredores de La Coste.

Em 1775, ouve-se falar novamente do marquês, acusado de ter raptado várias jovens. A Senhora de Montreuil, usando do seu vasto relacionamento, procura abafar o escândalo. Em fins de 1776 segundo uns, ou começo de 1777, segundo outros, o pai de uma cozinheira do castelo, Catherine Treillet, também chamada Justine, provoca um escândalo em La Coste, querendo arrancar sua filha daquele meio que considera pervertido. O marquês procura acalmá-lo e resolve não deixar que ele leve a filha antes de encontrar uma substituta. O pai, furioso, dá-lhe um tiro de pistola, sem contudo feri-lo.

Ainda procurado pela polícia, Sade é preso pelo Inspetor Marais no quarto de sua mulher, sendo levado para Vincennes. Não há dúvidas de que esta prisão foi obra da Senhora de Montreuil, que não esconde sua satisfação em livrar-se do genro turbulento. Sua mulher, porém, desesperada, tenta descobrir onde está preso o marido e faz planos para sua fuga. Mas o marquês é transferido para Aix por ordens do rei. Sade, porém consegue escapar no caminho de Valence. A Senhora de Montreuil, contudo, está decidida a manter preso o genro e consegue

outra ordem de prisão do rei. Uma vez mais, o Inspetor Marais vai a La Coste e prende Sade.

Os anos seguintes encontram Donatien-Alphonse cada vez mais envolvido em dívidas e em seqüências de prisões, fugas e solturas.

Em 1781, ainda preso, Sade termina uma comédia, *O Inconstante*. No ano seguinte termina o caderno que contém *O Pensamento Inédito* e o *Diálogo entre um Padre e um Moribundo*, ano em que também começa a escrever os *Cento e Vinte Dias de Sodoma*. Em 1783 escreve *O Prevaricador* e *O Marido Crédulo*, duas comédias, e uma tragédia, *Jeanne Laisné*.

Em 1784 Sade é transferido para a Bastilha. No ano seguinte, sua mulher não pode visitá-lo na prisão porque o cardeal de Rohan (o Caso do Colar) está preso na Bastilha e as visitas estão proibidas. Em outubro ele termina os *Cento e Vinte Dias de Sodoma*, cujo manuscrito é um rolo de papel de quase vinte metros. Em 1786 começa a escrever *Aline e Valcourt*; em 1787 termina *Justine, ou as Desgraças da Virtude*, escrito em dezesseis dias.

Chegamos a 1789, ano da Revolução Francesa. No dia 2 de fevereiro, Sade grita pela janela da sua prisão que estão querendo estrangular os presos da Bastilha e que é preciso libertá-los. 14 de julho — Queda da Bastilha. Os papéis de Sade são dispersados. Em 1790 a Assembléia Nacional anula todas as ordens de prisão e o marquês é libertado. Sua mulher, que está no Convento de Sainte-Aure, recusa-se a recebê-lo.

Em outubro deste mesmo ano, o marquês inicia uma ligação com Marie-Constance Renel, uma comedianta, ex-mulher de Balthasar Quesnet. Essa ligação durará até sua morte.

A Comédie Française recebe por unanimidade *Sophie* e *Des-francs* ou o *Misanthropo por Amor*.

Em 1791 *Justine* é publicado. Em outubro desse ano, é apresentado no Teatro Moliere um drama em três atos que Sade escreveu na Bastilha: *Oxtiern* ou as *Desgraças da Libertinagem*, quando o público chama o autor à cena.

Em 1793, financeiramente, Sade está nas últimas e pede a Gaufridy, seu notário, que liquide tudo para que ele possa ter dinheiro. No fim desse ano ele

volta a ser preso, adoece e é transferido para a casa de saúde de Picpus, sendo libertado em outubro.

Em 1795 publica-se *A Filosofia de Alcova e Aline e Valcour*; dois anos depois é a vez da publicação da *Nova Justine ou as Desgraças da Virtude*, seguida da *História de Juliette*, sua irmã.

Em 1801 publica-se *Crimes de Amor*, precedidos de uma *Idéia sobre os Romances*. Sade também escreve *O Autor dos "Crimes do Amor"* em Villeterque em resposta a um artigo publicado no ano anterior, acusando-o de ser o autor do "infame *Justine*". Em março desse ano Sade é preso na casa do seu editor, Massé. É depois transferido para a casa de saúde de Charenton. Em 1807, já há seis anos na prisão, ele escreve *Os Dias de Florbelle ou a Natureza Desvendada*, mas esse manuscrito é destruído. Sua mulher morre em 1810. Em 1812 Sade escreve *Adelaide de Brunswick, princesa de Saxe*; no ano seguinte é a vez de *História Secreta de Isabel da Baviera* e da publicação de *A Marquesa de Gange*.

A 2 de dezembro de 1814 morre Donatien-Alphonse-François de Sade.

JUSTINE

ou

As Desgraças da Virtude

A senhora condessa de Lorsange era uma dessas sacerdotisas de Vênus cuja fortuna é obra de uma figura encantadora, de muito comportamento mau e de muita trapaça, e cujos títulos, por mais pomposos que sejam, não se encontram nos arquivos de Cítera, forjados pela impertinência que lhes dá forma e mantidos pela tola incredulidade de quem os dá. Morena, muito viva, de belo corpo, olhos negros e dotados de uma expressão prodigiosa, muito espírito e, sobretudo, aquela incredulidade da moda que, dando mais chiste às paixões, faz procurar com muito mais cuidado hoje a mulher em quem julgamos encontrá-lo. Filha de grande comerciante da Rue Saint-Honoré, foi criada com uma irmã três anos mais nova que ela, num dos melhores conventos de Paris onde, até os quinze anos, nenhum conselho, mestre, bom livro ou talento lhe foi recusado. Nessa época fatal para a virtude de uma jovem, tudo lhe faltou num único dia.

Uma terrível bancarrota atingiu seu pai, precipitando-o numa situação tão cruel que tudo o que pôde fazer para escapar à sorte mais sinistra foi fugir imediatamente para a Inglaterra, deixando as filhas com sua mulher que morreu de tristeza oito dias após a partida do marido. Um ou dois parentes que restavam deliberaram sobre o que se faria com as moças. O que cabia a cada uma eram cerca de cem escudos e eles decidiram abrir-lhes as portas, dar-lhes o que lhes era de direito e torná-las senhoras dos seus próprios atos.

A senhora de Lorsange, que então chamava-se Juliette e cujo caráter e espírito estavam apenas quase formados de modo que, aos trinta anos, sua idade quando da história que vamos contar, pareceu impressionar-se apenas com o prazer de estar livre, sem refletir, por instante sequer, nos cruéis reverses que lhes rompiam os grilhões. Quanto à Justine, sua irmã, que apenas completava doze anos, dotada de um caráter sombrio e melancólico e de uma ternura e de uma sensibilidade surpreendentes, tendo em lugar da arte e da finura de sua irmã apenas uma ingenuidade, uma candura, uma boa fé que a fariam cair em muitas armadilhas, esta sentiu todo o horror da sua posição.

O rosto desta jovem era totalmente diferente do da Juliette; o que se via de artifício, de astúcia, de coquetismo nos traços de uma, admirava-se o pudor, a delicadeza e a timidez na outra. Um ar de virgem, de grandes olhos azuis cheios-

de interesse, uma pele resplandecente, um corpo fino e leve, um tom de voz tocante, a mais bela alma e o caráter mais doce, dentes de marfim e belos cabelos louros, este o esboço rápido de uma jovem encantadora, cujas graças ingênuas e traços delicados são de um estilo fino e delicado demais para não escapar ao pincel que gostaria de reproduzi-los.

As duas receberam um prazo de vinte e quatro horas para saírem do convento, deixando os cuidados de se proverem dos seus cem escudos como bem quisessem. Juliette, encantada com a idéia de ser dona de si mesma, quis por instantes enxugar as lágrimas de Justine, mas vendo que nada conseguia, pôs-se a resmungar em vez de consolá-la, dizendo-lhe que ela era uma besta, e que com a idade e o corpo que tinham, não havia porque seguir o exemplo das jovens que morriam de fome. E falou da filha de um vizinho seu, que fugira da casa paterna e agora era faustosamente sustentada por um fazendeiro e tinha sua carruagem para passear em Paris. Justine sentiu-se horrorizada com esse exemplo pernicioso e disse que preferia morrer a segui-lo e recusou-se decididamente a aceitar morar com a irmã tão logo a viu decidida a seguir um tipo de vida abominável mas que Juliette elogiava.

Assim, as duas separaram-se sem que prometessem rever-se, pois suas intenções eram muito diferentes. Juliette, que pretendia tornar-se grande dama, não consentiria em rever a menina cujas inclinações virtuosas e baixas a desonrariam. Justine, por sua vez, não queria arriscar seus modos na companhia de uma criatura perversa que viria a ser vítima da devassidão e da perversão públicas. Assim, cada uma arrumou seus pertences e deixou o convento no dia seguinte, como ficara decidido.

Justine, que quando criança recebera os carinhos da costureira de sua mãe, julgou que essa mulher se sensibilizaria com sua sorte. Procurou-a, contou-lhe sua desdita, pediu que lhe desse trabalho e foi duramente recusada.

— Oh! céus! Disse a pobre criatura, será que o primeiro passo que dou no mundo já me conduz somente às tristezas... essa mulher outrora gostava de mim; por que hoje me repele? Ai de mim, é porque sou órfã e pobre ... é porque nada tenho no mundo ... é porque só se gosta das pessoas por causa da ajuda ou dos agrados que se imagina que possa vir a receber.

Vendo isto, Justine procurou o cura da sua paróquia, pediu-lhe alguns conselhos, mas o caridoso eclesiástico respondeu-lhe ambiguamente que a

paróquia já estava sobrecarregada, que lhe era impossível participar das esmolas, que se ela quisesse servi-lo, ele a alojaria de bom grado em sua casa; mas como, ao dizer isto, o santo homem lhe passara a mão no queixo e lhe dera um beijo mundano demais para um homem da Igreja, Justine compreendeu bem o que se passava e se retirou imediatamente, dizendo-lhe:

— Senhor, não vos peço nem esmola nem um lugar de criada, não faz muito tempo que deixei um lugar muito superior para me ver reduzida a isso; peço-vos os conselhos que minha juventude e minha desdita precisam, e quereis fazer-me comprá-los com o crime ...

O cura, revoltado com estas palavras, abriu a porta, expulsou-a brutalmente e Justine, que fora repelida por duas vezes no primeiro dia, que estava condenada ao isolamento, entrou numa casa onde viu um anúncio, alugou um quatinho mobiliado, pagou adiantado e entregou-se à tristeza que lhe inspirava seu estado e a crueldade das poucas pessoas a quem sua desgraçada estrela a obrigara a recorrer.

Os leitores nos permitirão que abandonemos Justine por algum tempo naquele quarto obscuro para voltar a Juliette e saber dela como do simples estado em que a vimos partir, tornou-se em quinze anos numa mulher com títulos, possuindo mais de trinta mil libras de renda, belas jóias, duas ou três casas, no campo e em Paris e, por enquanto, o coração, a riqueza e a confiança do senhor de Corvine, conselheiro de Estado, homem do maior crédito e às vésperas de entrar para o Ministério. O caminho foi espinhoso, não duvidemos disso, pois é pelo aprendizado mais horrível e duro que essas senhoritas se desenvolvem. E é no leito de um príncipe que talvez recebam as marcas humilhantes da brutalidade de libertinos depravados, em cujas mãos sua iniciação, sua juventude e sua inexperiência se lançaram.

Saindo do convento, Juliette foi à procura de uma mulher que falara nessa amiga da sua vizinhança, que se pervertera e cujo endereço conservava. Ela ali chegou acintosamente, com seu pacotinho de roupas debaixo do braço, um vestido desarrumado, o mais belo corpinho do mundo e ar de colegial. Ela contou sua história à mulher e lhe pediu que a protegesse como fizera, alguns anos antes, com sua velha amiga.

— Que idade tens, minha menina? perguntou a Senhora Du Buisson.

— Farei quinze anos dentro de alguns dias, madame.

— E nunca ninguém?...

— Oh, não, madame, eu vos juro.

— Mas é que às vezes, nesses conventos um capelão... uma religiosa, uma amiga ... preciso ter provas seguras.

— Basta apenas que as procureis, madame.

E a Du Buisson, espetando uns óculos sobre o nariz, e tendo verificado pessoalmente o estado exato das coisas, disse a Juliette:

— Está bem, minha menina, basta que fiques aqui: muita submissão aos meus conselhos, a máxima complacência com minha freguesia, elegância, economia e boa fé para comigo, doçura com tuas companheiras e trapaças com os homens, e dentro de alguns anos eu te porei em situação de te mudares para um quarto, com uma cômoda, um espelho, uma criada e a arte que terás adquirido em minha casa te dará os meios de conseguires o resto.

A Du Buisson pegou o pacotinho de Juliette, perguntou-lhe se tinha algum dinheiro e esta, com muita franqueza, disse que tinha cem escudos; a querida mãe pegou-os assegurando à sua aluna que poria essa pequena quantia a lhe render, mas que não era bom uma moça ter dinheiro. Este era um modo de fazer mal e num século assim tão corrupto, uma jovem sensata e bem nascida devia evitar com cuidado tudo o que pudesse fazê-la cair numa armadilha.

Terminado o sermão, a recém-chegada foi apresentada às suas companheiras, mostraram-lhe seu quarto e, no dia seguinte suas primícias foram postas à venda; em quatro meses, a mesma mercadoria foi vendida sucessivamente a oitenta pessoas, todas as quais pagaram como nova e somente após este espinhoso seminário é que Juliette recebeu as patentes de irmã conversa. Daí por diante ela passou a ser realmente conhecida como filha da casa e participou das suas libidinosas fadigas ... outro noviciado. Se no primeiro, após alguns desvios Juliette servira à natureza, ela esqueceu suas leis no segundo; requintes criminosos, prazeres vergonhosos, devassidões secretas e crapulosas, gostos escandalosos e bizarros, fantasias humilhantes, e tudo isso fruto de parte do desejo de desfrutar sem arriscar a saúde, do outro, fruto de uma sociedade perniciosa que,

corrompendo a imaginação, só se deixa expandir pelo excesso e satisfazer-se somente pela libertinagem.

Juliette corrompeu por completo seus costumes nesse segundo aprendizado, e os triunfos que obteve no vício degradaram totalmente sua alma. Ela sentiu-se nascida para o crime, pelo menos devia subir bastante e renunciar à possibilidade de fenecer num estado subalterno que a obrigava a cometer as mesmas faltas, aviltando-a igualmente e que não lhe traria praticamente os mesmos resultados compensadores. Ela agradou a um velho senhor muito devasso que antes a procurava somente para uma aventura de um quarto de hora. Juliette soube entretê-lo magnificamente e por fim compareceu aos espetáculos, aos passeios ao lado dos elegantes da ordem de Cítera. Ela foi olhada, falaram em seu nome, desejaram-na e a velhaca saiu-se tão bem que em quatro anos arruinou três homens, sendo que o mais pobre deles tinha cem mil escudos de renda. Não era preciso mais para lhe dar fama; é tal a cegueira da gente deste século que quanto mais de uma destas desgraçadas demonstrava sua desonestidade, maior a inveja de entrar na sua lista. Parece que o grau do seu aviltamento e da sua corrupção torna-se a medida dos sentimentos que se ousava ter por ela.

Juliette completava seus vinte anos quando um conde de Lorsange, um cavalheiro de Anjou, de uns quarenta anos de idade, ficou de tal modo encantado com ela que resolveu dar-lhe seu nome, pois não tinha riqueza suficiente para mantê-la de outra forma. Ele lhe deu doze mil libras de renda, assegurou-lhe o resto da fortuna, que chegava a oito, caso morresse antes dela, presenteou-a com uma casa, criados, e uma espécie de consideração no mundo que em dois ou três anos fez todos se esquecerem de como ela começara a vida. Foi aqui que a desgraçada Juliette, esquecendo-se de todos os sentimentos da sua origem honesta e da sua boa educação, pervertida pelos maus livros e pelos maus conselhos, desejosa de desfrutar da vida sozinha, de ter um nome e nada que a prendesse, ousou pensar num meio desonesto de abreviar os dias do seu marido. Ela imaginou e executou sua idéia em tal segredo, infelizmente, que pôde escapar a qualquer suspeita, e enterrar com esse esposo que a atrapalhava, todos os traços do seu abominável gesto.

Novamente livre, e agora condessa, a Senhora de Lorsange retomou seus antigos hábitos, mas julgando-se alguma coisa no mundo, usou de um pouquinho mais de decência. Ela já não era mais uma concubina; era uma viúva rica que dava elegantes jantares na sua residência, para onde a cidade e a corte sentiam-se

muito felizes em serem convidadas. Mas, mesmo assim, ela ia para cama por cem luíses e se entregava por quinhentos por mês. Até os vinte e seis anos fez brilhantes conquistas, arruinou três embaixadores, quatro fazendeiros, dois bispos e três cavaleiros das ordens do rei. E como é raro parar após o primeiro crime, sobretudo quando se saiu bem, Juliette, a desgraçada e delinqüente Juliette tisonou-se com dois novos crimes iguais ao primeiro, um para roubar um dos seus amantes, que lhe confiara uma quantia considerável de cuja existência toda a sua família ignorava e que a Senhora de Lorsange pôde ficar para si graças a esse crime odioso. O outro para receber mais depressa um legado de cem mil francos que um dos seus adoradores incluía no seu testamento em seu favor, em nome de um terceiro que deveria entregar a quantia em troca de pequena retribuição.

A esses horrores, a Senhora de Lorsange acrescentou dois ou três infanticídios. O medo de estragar seu belo corpo, o desejo de ocultar uma dupla intriga, tudo isto a fez decidir abortar por várias vezes, e esses crimes, ignorados como os outros, não impediram essa criatura astuta e ambiciosa de encontrar, todos os dias, novos simplórios para aumentar continuamente a sua fortuna ao mesmo tempo que acumulava também os seus crimes. Portanto, infelizmente, é verdade que a prosperidade pode acompanhar o crime e que mesmo dentro da desordem e da corrupção mais refletida, tudo a que os homens chamam de felicidade pode dourar o fio da vida. Mas como esta cruel e fatal verdade não assusta senão aquela que daqui a pouco daremos como exemplo, a desgraça, ao contrário persegue a virtude por toda parte e nunca atormenta demais a alma das pessoas honestas. Esta prosperidade do crime é apenas aparente, independentemente da Providência que deve, necessariamente, punir tais sucessos, o culpado nutre no fundo do coração um verme que o rói sem cessar, o impede de desfrutar daquele clarão de felicidade que o cerca e lhe deixa em seu lugar somente a lembrança atormentadora dos crimes que lhe trouxeram aquela prosperidade. Quanto à desgraça que atormenta a virtude, o infeliz a quem a sorte persegue tem o consolo da sua consciência, e os prazeres secretos que colhe da sua pureza logo o compensam da injustiça dos homens.

Esta era portanto o estado de coisas da Senhora de Lorsange quando o Senhor de Corville, de cinqüenta anos de idade e desfrutando do crédito de que já falamos, decidiu sacrificar-se inteiramente àquela mulher, unindo-a definitivamente a si. Seja por atenção, por procedimentos, seja por sensatez da parte da Senhora de Lorsange, ele conseguiu seu intento e havia quatro anos que vivia com ela como esposa legítima, quando uma terra excelente que ele comprara perto de

Montargis obrigou-os a passarem lá alguns meses do verão. Certa noite, no mês de junho, quando a beleza do tempo os levava a passear até a aldeia, os dois, cansados demais para quererem voltar para casa a pé, entraram no albergue onde pára a carruagem de Lyon, pretendendo enviar um dos homens a cavalo até sua casa para lhes trazer um carro. Eles repousavam numa sala baixa e fresca que se abria para o pátio quando o coche de Lyon chegou. É um passatempo natural examinar-se os viajantes; não há ninguém que num momento de lazer não preencha seu tempo com essa distração quando tal acontece. A Senhora de Lorsange levantou-se, seu amante acompanhou-a e eles viram entrar no albergue todos os passageiros do coche. Parecia não haver mais ninguém no carro quando um policial, descendo da canastra, recebeu nos braços, entregue por um companheiro igualmente acomodado no mesmo lugar, uma jovem de uns vinte e seis a vinte e sete anos, enrolada numa roupa maltratada e amarrada como uma criminosa. Ao grito de horror e surpresa que escapou dos lábios da Senhora de Lorsange, a jovem voltou-se e deixou ver traços tão doces e tão delicados, um corpo tão fino e tão desembaraçado que o Senhor de Corville e sua amante não puderam deixar de se interessar por essa miserável criatura. O Senhor de Corville aproxima-se e pergunta a um dos cavaleiros o que fez a infeliz.

— Por Deus, senhor, respondeu o alguazil, ela é acusada de três ou quatro crimes enormes, roubo, assassinato e incêndio, mas vos juro que meu companheiro e eu jamais conduzimos um criminoso com tanta repugnância; ela é a criatura mais doce e que nos parece ser a mais honesta .. .

— Ah, ah, exclamou o Senhor de Corville, não poderia haver aí um desses erros cometidos pelos tribunais subalternos? E onde se cometeu o delito?

— Num albergue a três léguas de Lyon, onde a desgraçada ia empregar-se; foi em Lyon que a julgaram e ela vai para Paris para a confirmação da sentença, e voltará para ser executada em Lyon.

A Senhora de Lorsange que se aproximara e ouvira a narrativa, disse em voz baixa ao Senhor de Corville que desejava ouvir da boca da própria jovem a história dos seus infortúnios e o Senhor de Corville, que também desejava a mesma coisa, o solicitou aos condutores da jovem deixando saber quem era. Estes não opuseram nenhum obstáculo e decidiu-se que era preciso passar a noite em Montargis. Por isso, pediu-se um apartamento cômodo perto do seu para os cavaleiros. O Senhor de Corville respondia pela prisioneira, desamarraram-na e ela

foi levada para o apartamento do Senhor de Corville e da Senhora de Lorsange, os guardas jantaram e dormiram ali perto. Depois que fizeram a infeliz comer alguma coisa, a Senhora de Lorsange não pôde deixar de sentir por ela o mais vivo interesse e sem dúvida devia estar dizendo para si mesma: "Esta infeliz criatura pode ser inocente e é tratada como uma criminosa, enquanto que tudo prospera ao meu redor — em torno de mim, que por certo sou bem mais criminosa que ela". Como eu dizia, a Senhora de Lorsange, assim que viu a jovem um pouco mais tranqüila e consolada pelos carinhos que lhe prodigalizavam e pelo interesse que pareciam ter por ela, pôs-se a contar, com um ar muito honesto e sensato, os acontecimentos que a reduziram a tão funesta circunstância.

Contar-vos a história de minha vida, madame, disse a bela desgraçada dirigindo-se à condessa, é oferecer-vos o exemplo mais flagrante das desgraças da inocência e da virtude. É acusar a Providência, não é queixar-se, é uma espécie de crime e não me atrevo...

As lágrimas correram então abundantes dos olhos da pobre moça e após deixá-las correr por instantes, reencetou a narrativa nestes termos.

Permiti, madame, que vos oculte meu nome e meu nascimento que, embora não seja ilustre, é honesto, e sem a fatalidade da minha estrela, não estaria eu destinada à humilhação, ao abandono que deram origem à maior parte das minhas desgraças. Perdi meus pais muito jovem ainda. Cresci com os poucos recursos que me haviam deixado para poder desejar um lugar honesto e recusando constantemente os que não eram; comia sem me aperceber do pouco que me coubera; quanto mais pobre ficava, mais desprezada eu era, mais necessidade tinha de ajuda e menos esperava obtê-la ou mais me era oferecido de maneiras indignas e ignominiosas.

De todas as insensibilidades que sofri nessa desgraçada situação, de todas as propostas horríveis que me foram feitas, citarei apenas a que me aconteceu a casa do Senhor Dubourg, um dos mais ricos tratantes da capital. Eu fora encaminhada para ele como um dos homens cujo crédito e riqueza poderiam por certo atenuar minha sorte, mas os que me deram esse conselho queriam enganar-me, ou então desconheciam a insensibilidade da alma desse homem e a depravação dos seus costumes. Após ter esperado por duas horas na sua antecâmara, finalmente levaram-me à sua presença. O Senhor Dubourg tinha uns quarenta e cinco anos e

acabava de sair da cama, vestido num robe que mal escondia seu desalinho, mandou seu criado de quarto retirar-se e perguntou-me o que queria.

— Ai de mim, senhor, respondi, sou uma pobre órfã que ainda não fez quatorze anos e que já conhece todas as matizes do infortúnio.

Contei-lhe então meus reveses, a dificuldade em encontrar um lugar, a desgraça que tive em gastar o pouco que possuía para achar onde ficar, as recusas sofridas, o próprio esforço que tive para encontrar trabalho em loja ou no meu quarto, e a esperança de encontrar ali, onde me encontrava naquele momento, os meios para minha subsistência. Após ter-me escutado com bastante atenção, o Senhor Dubourg me perguntou se eu sempre fui honesta.

— Não seria nem tão pobre nem tão sofrida, senhor, se tivesse deixado de sê-lo.

— Minha menina, respondeu-me ele, de que maneira pretendeis que a opulência vos alivie o fardo quando não quereis servi-la em nada?

— Servir, senhor, não peço senão isto.

— Os serviços de uma menina como vós não têm muita utilidade numa casa; e não são estes os que espero, não tendes nem a idade nem o porte para vos instalardes como quereis, mas podeis, com um rigor menos ridículo, pretender a um destino honesto na casa de todos os libertinos. É isto que deveis fazer; esta virtude da qual fazeis tanto luxo não serve para nada neste mundo, e fareis bem em entregá-la a alguém quando não tiverdes sequer um copo d'água para beber. Gente como nós, que faz tanta coisa em lugar de dar esmolas, uma das coisas a que nos entregamos menos e que mais nos repugna, quer ser recompensada pelo dinheiro que desembolsa, e o que uma menina como vós pode dar como retribuição a esses auxílios senão o abandono mais completo de tudo o que se quer exigir dela?

— Oh, senhor, então não existe mais generosidade nem sentimentos honestos no coração dos homens?

— Muito pouco, minha menina, muito pouco, já se largou dessa mania de obsequiar gratuitamente os outros; isto pode ser lisonjeiro para o orgulho, mas só por instantes; e como não existe nada tão ilusório e fugaz como esses prazeres, passou-se a querer coisas mais reais em troca e somos da opinião de que, de uma

menina como vós, por exemplo, valeria infinitamente mais obter como fruto dos seus adiantamentos todos os prazeres que a libertinagem possa dar, do que orgulhar-se de ter dado uma esmola. A reputação de um homem liberal, capelão, generoso não vale, para mim, a menor das sensações dos prazeres que podereis dar-me; coisa na qual estou perfeitamente de acordo com quase todas as pessoas do meu gosto e da minha idade. Achareis melhor, minha menina, que não vos ajude senão em troca da vossa obediência a tudo o que se aprouver exigir de vós.

— Que insensibilidade, senhor, que insensibilidade; credes então que o céu não vos punirá por isso?

— Aprendei, pequena noviça, que o céu é a coisa do mundo que menos nos interessa; se o que fazemos na terra o agrade ou não é coisa que praticamente não nos inquieta; muito seguros do seu pouco poder sobre os homens, nós o desafiamos todos os dias sem tremer e nossas paixões só são verdadeiramente encantadoras quando mais transgridem suas intenções, ou pelo menos aquilo que os tolos nos asseguram que seja, mas que, no fundo, não é senão o grilhão ilusório cuja impostura quer cativar o mais forte.

— Ah, senhor, com tais princípios, é preciso então que o desgraçado pereça.

— Que importa? A França tem mais súditos do que precisa; o governo que vê tudo em tamanho grande pouco se preocupa com os indivíduos, contanto que a máquina funcione bem.

— Mas credes que os filhos respeitam o pai quando são assim tão maltratados?

— Que faz a um pai com filhos demais o amor daqueles que em nada o ajudam?

— Seria então melhor que nos tivessem asfixiado quando nascemos?

— Mais ou menos, mas deixemos de lado esta política da qual não deveis compreender nada. Por que reclamar da sorte quando só depende de vós mesmo dominá-la?

— A que preço, céus!

— Ao preço de uma quimera, de uma coisa que não tem valor senão aquele que vosso orgulho lhe dá. Mas deixemos para lá esta tese e ocupemo-nos do que

nos interessa aqui aos dois. Fazeis muito caso dessa quimera, não é? E eu muito pouco, a menos que ma entregueis; os deveres que vos imporei e para os quais recebereis uma recompensa honesta, sem ser excessiva, serão de um tipo totalmente diferente. Eu vos colocarei com minha governante, vós a servireis e todas as manhãs, na minha frente, ora essa mulher e ora meu criado de quarto vos submeterá...

Oh, madame, como vos fazer ouvir essa execrável proposta? Humilhada demais ao ouvi-la, ficando por assim dizer aturdida quando me pronunciavam essas palavras ... sentindo vergonha demais para repeti-las, vossa bondade me permitirá suprimi-las ... O cruel me escolhera os sumo-sacerdotes e eu devia servir de vítima.

— Eis tudo o que posso fazer por vós, minha menina, disse o vilão levantando-se com modos indecentes, e também só vos prometo, em troca dessa cerimônia sempre muito demorada e muito espinhosa, dois anos de manutenção. Tendes quatorze anos; aos dezesseis sereis livre para buscardes a fortuna alhures. Até lá sereis vestida, alimentada e recebereis um luís por mês. É bem honesto e eu não dava tanto àquela a quem substituireis; é verdade que, como vós, ela não tinha intacta essa virtude de que fazeis tanto caso, e que prezo como vedes, cerca de cinquenta escudos por ano, quantia superior à que cabia à vossa antecessora. Pensai bem nesta proposta, pensai sobretudo no estado miserável em que tomo, pensai que no desgraçado país onde viveis é preciso que os que não têm com que viver sofram para ganhá-lo, que, a exemplo deles, sofrereis, concordo, mas ganhareis muito mais que a maioria.

As indignas propostas desse monstro haviam inflamado suas paixões. Ele me agarrou brutalmente pela gola do meu vestido e disse que, por aquela primeira vez, ele próprio ia mostrar-me do que se tratava ... Mas minha desgraça deu-me forças e coragem e consegui desvencilhar-me e, correndo para a porta, exclamei:

— Homem odioso, disse-lhe eu escapando, possa o céu a quem ofendes tão cruelmente te punir um dia como o mereces pela tua odiosa barbárie, tu não és digno nem dessas riquezas que usas de modo tão vil, nem do próprio ar que respiras num mundo que sujas com tuas ferocidades.

Voltei tristemente para meu quarto, absorta nestas reflexões tristes e sombrias que fazem, necessariamente, nascer a crueldade e a corrupção dos homens, quando um raio de prosperidade pareceu brilhar por instantes aos meus olhos. A

mulher em cuja casa me hospedava e que conhecia minhas desgraças, veio dizer-me que por fim encontrara uma casa onde me receberiam com prazer, contanto que me comportasse bem.

— Oh, céus, madame, disse eu abraçando-a emocionada, esta é a condição que me imponho, imaginai que a aceito com prazer.

O homem a quem devia servir era um velho agiota que, segundo se dizia, enriquecera não só emprestando por penhora, como também roubando impunemente a todo mundo toda vez que julgava poder fazê-lo com segurança. Ele morava na Rua Quincampoix, num primeiro andar, com uma velha amante a quem chamava de sua mulher e que pelo menos era tão ruim quanto ele.

— Sofia, me disse o avaro, oh, Sofia (este o nome que eu lhe dera para ocultar o meu), a primeira virtude que é preciso ter na minha casa é a probidade ... se algum dia desviardes daqui a décima parte de um tostão, eu vos mandarei enforcar, vedes bem Sofia, mas enforcar-vos até que não possais mais reviver. Se minha mulher e eu desfrutamos de algumas amenidades na nossa velhice, é o fruto de nossos imensos trabalhos e de nossa profunda sobriedade... Comeis muito, minha menina?

— Alguns gramas de pão por dia, senhor, respondi, água e um pouco de sopa quando tenho a sorte de obtê-la.

— Sopa, irra, sopa ... olhai só minha amiga, disse o velho avaro à sua mulher, sofri com o progresso do luxo. Há um ano isso aí procura colocação, morre de fome há um ano e quer tomar sopa. Fazemos apenas uma vez aos domingos, nós que trabalhamos como forçados há quarenta anos. Recebereis três onças de pão por dia, minha filha, meia garrafa de água do rio, um vestido velho de minha mulher a cada dezoito meses para fazerdes saias, e três escudos de salário no fim do ano, se estivermos satisfeitos com vossos serviços, se vossa economia corresponder à nossa e se, enfim, com ordem e arrumação, fizerdes prosperar um pouco a casa.

— Nosso serviço é pouco, trabalhareis sozinha e trata-se apenas de limpar e arrumar três vezes por semana este apartamento de dez peças, arrumar a cama de minha mulher e a minha, atender a porta, cuidar do cão, do gato e do periquito, e tratar da cozinha, lavar seus utensílios, quer sejam usados ou não, ajudar minha mulher quando faz a comida e empregar o resto do dia a cuidar da

roupa branca, meias, toucas e dos outros pequenos móveis. Vedes bem que não é nada Sofia, e ainda vos sobrará muito tempo o qual vos permitiremos de usar por vossa conta e de fazer também para vosso uso a roupa branca e os vestidos de que podereis necessitar.

Imaginareis facilmente, madame, que era preciso encontrar-se no estado de miséria em que me via para aceitar tal lugar; não só havia infinitamente mais serviço do que minha idade e minhas forças me permitiam realizar, como também não sabia como iria viver com o que me ofereciam. Mesmo assim, não criei dificuldades e instalaram-me na casa naquela mesma noite.

Se a cruel posição em que me encontro, madame, me permitisse pensar em vos divertir por instantes que não devo pensar senão em vos comover a alma em meu favor, ousa crer que vos divertirieis se vos contasse todas as demonstrações de avareza que testemunhei naquela casa, mas uma catástrofe tão terrível para mim me esperava desde o segundo ano que me é bem difícil, quando penso nisso, oferecer-vos alguns detalhes agradáveis antes de vos contar os reveses. Sabereis, contudo, madame, que jamais se usava luz naquela casa; o apartamento do senhor e da dona da casa, felizmente voltados para o lampião da rua, os dispensava de usar de outros meios e jamais outra claridade serviu para levá-los à cama. Não usavam roupa de cama, mas as velhas mangas das roupas do senhor, bem como as da madame, um velho par de punhos de camisa costurados como pano e que eu lavava todos os sábados à noite para que estivessem prontos no domingo. Nada de toalhas, guardanapos e todas estas coisas, para evitar a lavagem de roupa, objeto muito caro numa casa, dizia o Senhor Du Harpin, meu respeitável patrão. Jamais se bebia vinho ali, a água, dizia a Senhora Du Harpin, era a bebida natural que os primeiros homens usaram e a única que a natureza nos indica. Toda vez que se cortava pão, colocava-se um prato por baixo para recolher os farelos, misturava-se com exatidão todas as migalhas que sobrassem das refeições, e tudo isto frito no domingo com um pouco de manteiga rançosa compunha o prato de festim daquele dia de descanso.

Jamais se podia bater as roupas e os móveis, para evitar que estragassem, mas era preciso espaná-los levemente com um espanador; os sapatos do senhor e da senhora eram forrados e ambos guardavam ainda com veneração os calçados que serviram no dia do seu casamento; mas um costume bem mais estranho era o que me faziam exercer regularmente uma vez por semana. Havia no apartamento um gabinete bem grande cujas paredes não eram atapetadas; era preciso que,

com uma faca eu raspasse certa quantidade do estuque das paredes, que depois passava por uma peneira fina, resultando no pó de toalete com o qual eu preparava todas as manhãs a peruca do patrão e o birote da patroa.

Quis Deus que essas torpezas fossem as únicas a que se entregava aquela gente vil; nada mais natural que o desejo de conservar seus bens, mas o que não é natural é o desejo de dobrá-lo com o de outro e não demorei muito a perceber que foi assim que o Senhor Du Harpin ficou tão rico. Havia no andar de cima um senhor de boa posição, possuidor de jóias muito belas as quais, fosse por causa da vizinhança, fosse por terem passado pelas mãos do meu patrão, eram bem conhecidas deste. Muitas vezes o ouvi lamentar com sua mulher certa caixa de ouro de trinta a quarenta luíses que infalivelmente teria ficado com ele se seu procurador tivesse sido um pouco mais inteligente. Para se consolar por ter devolvido essa caixa, o honesto Senhor Du Harpin planejou possuí-la e fui eu a encarregada da negociação.

Após ter-me feito um enorme discurso sobre a indiferença do roubo, sobre a própria utilidade que ele tinha na sociedade, pois restabelecia uma espécie de equilíbrio que desarranja totalmente a igualdade das riquezas, o Senhor Du Harpin me deu uma chave falsa, assegurou-me que ela abria o apartamento do vizinho, que eu encontraria a caixa numa secretária que jamais estava fechada, que eu a tiraria sem qualquer perigo e que por um perigo assim tão essencial eu receberia durante dois anos um escudo sobre meus salários.

— Oh, senhor, exclamei, é possível que um patrão ouse corromper assim sua empregada? Quem me impede de voltar contra vós as armas que me pondeis na mão e o que teríeis a objetar-me de razoável se eu vos roubasse segundo vossos princípios?

O Senhor Du Harpin, muito espantado com minha resposta e não se atrevendo a insistir mais, porém guardando-me um rancor oculto, me disse que fizera isso para experimentar-me, que eu era muito feliz por ter resistido a essa proposta insidiosa de sua parte e que eu teria sido enforcada se tivesse sucumbido. Eu me senti recompensada com esta resposta, mas logo pressenti que as desgraças que me ameaçavam por causa de tal proposta e como errara em ter respondido com tanta firmeza. Todavia, não tinha lugar onde eu não seria obrigada a cometer o crime de que me falavam, ou tornava-se necessário que eu recusasse assim tão duramente a proposta; com um pouco mais de experiência, eu teria abandonado

aquela casa no mesmo instante, mas já estava escrito na página dos meus destinos que cada uma das minhas ações honestas para onde meu caráter me levasse, deveria ser paga com uma desgraça; portanto eu precisava resignar-me à minha sorte sem que pudesse escapar-lhe.

O Senhor Du Harpin deixou passar quase um mês, isto é, até quase a época da revolução, no segundo ano da minha estada na sua casa, sem dizer uma palavra e sem demonstrar o menor ressentimento pela minha recusa, quando certa noite, após terminar meus trabalhos e me recolhia ao meu quarto para algumas horas de repouso, ouvi minha porta abrir-se de repente e vi, não sem temor, o Senhor Du Harpin conduzindo um comissário e quatro soldados do bairro até meu leito.

— Cumpra vosso dever, senhor, disse ele ao homem da justiça, esta desgraçada roubou-me um diamante de mil escudos; vós o encontrareis no seu quarto ou no seu corpo, é inevitável.

— Eu, ter-vos roubado, senhor, disse eu erguendo-me perturbada do leito, eu, senhor; sabeis melhor que ninguém como tal ação me repugna e da minha impossibilidade de cometê-la.

Mas o Senhor Du Harpin, fazendo muito barulho para que minhas palavras não fossem entendidas, continuou a ordenar a busca e o desgraçado anel foi encontrado num dos meus colchões. Com provas assim não havia como responder; fui agarrada imediatamente, amordaçada e conduzida ignominiosamente à prisão do palácio, sem que me fosse possível fazer ouvir uma só palavra em minha própria defesa.

O processo de uma desgraçada que não tem crédito nem proteção é levado a cabo sem demora na França. Aqui acredita-se que a virtude é incompatível com a miséria e, nos nossos tribunais, o infortúnio é uma prova completa contra o acusado. Uma prevenção injusta ali faz crer que aquele que devia cometer o crime, cometeu-o, os sentimentos ali se medem pelo estado em que vos encontrais e assim como os títulos ou a fortuna não provam que deveis ser honesto, a impossibilidade que o sejais torna-se demonstrada imediatamente.

Esforcei-me em vão para defender-me, para dar os melhores meios ao advogado de defesa que me deram; meu patrão me acusava, o diamante fora encontrado no meu quarto, era claro que eu o roubara. Quando quis mencionar o trato horrível do Senhor Du Harpin e provar que a desgraça que me acabrunhava

era apenas resultado da sua vingança e do desejo que tinha de livrar-se de uma criatura que, sabendo do seu segredo, tornava-se senhora da sua reputação, trataram estas queixas como recriminações, disseram-me que o Senhor Du Harpin era conhecido há quarenta anos como homem íntegro e incapaz de tal horror e eu me via no momento de pagar com a vida a minha recusa de participar de um crime, quando um acontecimento inesperado veio, libertando-me, lançar-me novamente nos novos reveses que ainda me esperavam no mundo.

Uma mulher de quarenta anos a quem chamavam de Dubois, famosa por crimes de todos os tipos, estava igualmente na véspera de ouvir sua sentença de morte, mais merecida que a minha, pelo menos, pois seus horrores estavam constatados enquanto que era impossível encontrar algum em mim. Eu inspirara uma espécie de interesse a essa mulher; certa noite, alguns dias antes que ambas fôssemos executadas, ela me disse que não fosse dormir, mas que ficasse com ela naturalmente, o mais perto possível das portas da prisão.

— Entre meia-noite e uma hora, continuou aquela feliz bandida, esta casa pegará fogo ... é obra dos meus cuidados, talvez alguém morra queimado, pouco importa, o que é certo é que nós nos salvaremos, meus cúmplices e meus amigos se unirão a nós e respondo pela tua liberdade.

O mão do céu, que punira a inocência em mim, serviu-se do crime da minha protetora. O fogo começou, o incêndio foi horrível e dez pessoas morreram queimadas, mas nós nos salvamos. No mesmo dia chegamos à choça de um caçador ilegal da floresta de Bondy, uma espécie de velhaco diferente, mas amigo íntimo do nosso grupo.

— Aí estás livre, minha querida Sofia, disse-me então a Dubois, e podes agora escolher o tipo de vida que preferires, mas se tenho um conselho a dar-te é o de que renunciies às práticas da virtude que, como vês, jamais deram-te bons resultados; uma delicadeza deslocada conduziu-te aos pés do cadafalso, um crime horrível te salvou dele; olha bem a que o bem serve no mundo e se não é uma pena imolar-se por ele. Tu és moça e bonita, eu me encarrego de tua sorte em Bruxelas, se quiseres. Eu vou para lá, é minha pátria; em dois anos eu te ponho nos pináculos, mas aviso-te que não será pelas sendas estreitas da virtude que te conduzirei à fortuna; na tua idade é preciso empreender mais de um ofício, e servir a mais de uma intriga quando se quer abrir prontamente o caminho. Tu me

entendes, Sofia, tu me entendes, então resolve rápido, pois é preciso chegar ao campo e só estamos seguras aqui durante algumas horas apenas.

— Oh, madame, disse eu à minha benfeitora, eu vos devo grandes obrigações; salvastes minha vida; sem dúvida estou desesperada por devê-la a um crime e podeis estar bem certa de que se eu fosse obrigada a participar dele, preferiria morrer a fazê-lo. Não sei por que perigos passarei por entregar-me aos sentimentos de honestidade que germinarão sempre no meu coração, mas quaisquer que possam ser os espinhos da virtude, eu as preferirei sempre às falsas luzes da prosperidade, dos favores perigosos que acompanham num instante o crime. Estão em mim as idéias de religião que, graças aos céus, jamais me abandonarão. Se a Providência me torna penosa minha passagem pela vida, é para me recompensar mais amplamente num mundo melhor; esta esperança me consola, suaviza todas as minhas tristezas, acalma minhas queixas, fortifica-me na adversidade e me faz superar todos os males que ela possa me oferecer. Esta alegria logo se apagará no meu coração se eu vier a maculá-lo com crimes e com o medo de reveses mais terríveis ainda neste mundo, terei o aspecto horrível dos castigos que a justiça celeste reserva no outro para os que a ofendem.

— Eis aí sistemas muito absurdos que logo te conduzirão ao hospital, minha filha, disse a Dubois franzindo as sobrancelhas. Acredita-me, deixa de lado tua justiça celeste, teus castigos ou tuas recompensas futuras, tudo isto serve apenas para que o esqueçamos quando se sai da escola, ou para morrer de fome quando se faz a tolice de crer neles, assim que saímos de lá. A insensibilidade dos ricos legitima a velhacaria dos pobres, minha menina; que sua bolsa se abra para nossas necessidades, que a humanidade reine em seu coração e as virtudes poderiam estabelecer-se no nosso, mas enquanto nosso infortúnio, nossa paciência em suportá-lo, nossa boa fé, nossa dependência não servirão senão para duplicar nossos grilhões, nossos crimes tornar-se-ão obras deles e seríamos muito tolos em recusá-los para diminuir um pouco o jugo que eles nos impõem.

— A natureza nos fez nascer todos iguais, Sofia; se a sorte diverte-se em desarranjar este primeiro plano das leis gerais, cabe a nós corrigir-lhe os caprichos e reparar com a nossa sagacidade as usurpações dos mais fortes. Gosto de ouvi-los, a essa gente rica, esses juizes, esses magistrados; gosto de ouvi-los pregar-nos a virtude; é bem difícil preservar-se do roubo quando se tem três vezes mais que o necessário para viver; é bem difícil nunca pensar em assassinato quando se está rodeado de aduladores ou de escravos submissos, em verdade é

enormemente difícil ser sóbrio e moderado quando a voluptuosidade os inebria e quando os pratos mais suculentos os cercam, é-lhes bem difícil ser francos quando jamais se lhes apresenta um interesse em mentir.

Mas nós, Sofia, nós a quem essa Providência bárbara a quem cometes a loucura de transformar em teu ídolo, nos condenou a arrastar-nos pela terra como serpente na relva, nós que somos olhados somente com desdém porque somos pobres, a quem humilham porque somos fracos, enfim, nós que encontramos em toda parte do mundo apenas fel e espinhos, queres que nos preservemos do crime quando somente a sua mão abre-nos a porta da vida, conserva-nos vivos e nos impede de perder a vida; queres que, perpetuamente submissos e humilhados, enquanto essa classe que nos governa guarde para si todos os favores da fortuna, tenhamos somente o sofrimento, a debilidade da dor, as necessidades e as lágrimas, a desonra e o cadafalso!

Não, não, Sofia, não, ou esta Providência a quem reverencias não é feita senão para nosso desdém ou então não são essas as suas intenções ... Conhece-a melhor, Sofia, conhece-a melhor e convença-te que quando ela nos coloca numa situação na qual o mal se nos torna necessário, e se ela nos deixa, ao mesmo tempo, a possibilidade de praticá-lo, é que este mal serve às suas leis tanto quanto o bem se ela ganha tanto com um quanto com o outro. O estado em que ela nos cria é a igualdade, aquele que o desarranja não é mais culpado do que aquele que procura restabelece-lo, todos os dois agem segundo os impulsos recebidos, ambos devem obedecer-los, vendar os olhos e desfrutá-los.

Confesso-vos que se algum dia fiquei abalada, foi com as seduções dessa mulher astuta, mas uma voz mais forte que ela combatia esses sofismas no meu coração, eu a escutei e declarei pela última vez que decidira a jamais deixar-me corromper.

— Está bem, disse a Dubois, faz o que quiseres, abandono-te à tua má sorte, mas se jamais te deixares prender, como por certo não escaparás, pela fatalidade que, salvando o crime imola inevitavelmente a virtude, lembra-te bem, pelos menos, de jamais falar de nós.

Enquanto assim falávamos, os companheiros da Dubois bebiam com o caçador, e como o vinho comumente tem a arte de fazer esquecer os crimes do malfeitor e de exortá-lo muitas vezes a renová-los mesmo à beira do abismo de onde escaparam, nossos celerados não me viram decidida a salvar-me das suas mãos

sem satisfazer seus desejos de se divertirem à minha custa. Seus princípios, suas maneiras, o local sombrio onde estávamos, a aparente segurança em que julgavam estar, sua embriagues, minha idade, minha inocência e meu corpo, tudo isto os encorajou. Eles se levantaram da mesa, deliberaram entre si, consultaram a Dubois, atitudes estas cujo mistério me fazia tremer de pavor, e o resultado foi que eu tinha de decidir, antes de partir, a passar pelas mãos de todos os quatro, de livre e espontânea vontade ou à força; se eu concordasse de bom grado, cada um me daria um escudo para me levar para onde eu quisesse, pois recusava-me a acompanhá-los; que se tivessem de empregar a força para me dominar, o resultado seria o mesmo, mas para guardar segredo, o último dos quatro a desfrutar de mim me enfiaria uma faca no seio e me enterrariam em seguida ao pé de uma árvore.

Deixo-vos pensar, madame, no efeito que me causou essa execrável proposta; lancei-me aos pés da Dubois, implorei que me protegesse mais uma vez, mas a malvada apenas riu da situação que me parecia terrível e que para ela não passava de uma miséria.

— Oh, por Deus, disse ela, aí estás bem desgraçada, obrigada a servir a quatro rapazes grandes e fortes como eles. Há dez mil mulheres em Paris, minha menina, que dariam muitos escudos para estarem em teu lugar hoje. Escuta, acrescentou ela após um momento de reflexão; tenho poder suficiente sobre esses patifes aí para obter a graça que pedes, se quiseres tornar-te diga dela.

— Ai de mim, madame, que preciso fazer? exclamei em lágrimas, ordenai que vos obedecerei.

— Segue-nos, entra para nosso grupo e comete as mesmas coisas sem a menor repugnância, por este preço garanto-te o resto.

Achei melhor não hesitar; aceitando, corria novos perigos, era certo, mas eram menos prementes que estes; eu poderia evitá-los e nada me deixaria escapar aos que me ameaçavam.

— Irei para onde quiserdes, disse eu à Dubois, irei para qualquer lugar, prometo-vos, mas salvai-me da fúria desses homens e jamais vos abandonarei.

— Meninos, disse a Dubois aos quatro bandidos, esta moça faz parte do grupo, eu a recebo e a emposso; proibo-lhes de tratá-la com violência, não a façamos

desagradar-se do ofício logo no primeiro dia; verão como sua idade e seu corpo podem ser-nos úteis, vamos servir-nos deles para nossos interesses e não a sacrifiquemos aos nossos prazeres.

Mas as paixões no homem têm um grau no qual voz alguma pode cativá-las; as pessoas a quem eu deveria servir não estavam em estado de compreender coisa alguma; apresentando-se a mim todos os quatro ao mesmo tempo no pior estado para que me pudesse alegrar-me com minha graça, eles declararam unanimemente à Dubois que quando o cadafalso estivesse pronto, eu deveria tornar-me sua presa.

— A minha primeiro, disse um deles agarrando-me pela cintura.

— E que direito tens de ser o primeiro? perguntou outro empurrando seu camarada e me arrancando brutalmente das suas mãos.

— Serei eu o primeiro, isto sim, exclamou o terceiro.

E a briga, esquentando, nossos quatro campeões se agarram pelos cabelos, jogam-se por terra, esmurram-se, empurram-se violentamente e eu, muito feliz por ve-los numa situação que me dá tempo de fugir enquanto a Dubois se ocupa em apartá-los, saio correndo, chego à floresta e logo perco de vista a casa.

— Ser Supremo, disse eu caindo de joelhos assim que me acreditei em segurança, Ser Supremo, meu verdadeiro protetor e guia, tenha piedade da minha desgraça; vês minha fraqueza e minha inocência, vês com que confiança deposito em ti toda a minha esperança. Salva-me dos perigos que me perseguem, ou por uma morte menos ignominiosa que a da qual fugi, queira pelo menos chamar-me prontamente de volta a ti.

A oração é o mais doce consolo do desgraçado, ele fica mais forte após ter orado; ergui-me cheia de coragem, e como começava a escurecer, escondi-me num pequeno bosque para passar a noite mais a salvo; a segurança em que julgava estar, o abatimento que sentia, a pequena alegria que estava desfrutando, tudo contribuiu para me fazer passar uma noite agradável e o sol já ia alto quando abri os olhos. O instante do despertar é o mais fatal para os desgraçados; o repouso dos sentidos, a calma das idéias, o esquecimento imediato dos seus males, tudo volta ao desgraçado com mais força, tornando-lhes o fardo ainda mais pesado.

— Está bem, disse para mim mesma, então é verdade que há criaturas humanas que a natureza destina ao mesmo estado dos animais ferozes; escondidas em seu reduto, fugindo dos homens como eles, que diferença existe agora entre eles e eu? Será que vale a pena nascer para uma sorte tão miserável?

E minhas lágrimas correram abundantes enquanto eu fazia tão tristes reflexões. Mal parara de chorar e pensar quando ouvi um barulho perto de mim; por instantes pensei tratar de algum animal, aos logo depois distingui a voz de dois homens.

— Vem, meu amigo, vem, disse um deles, estaremos muito bem aqui; a cruel e fatal presença de minha mãe não me impedirá pelo menos de gozar um momento contigo dos prazeres que me são tão caros...

Eles se aproximaram, colocaram-se de tal modo diante de mim que nenhum dos seus murmúrios, nenhum dos seus movimentos me escaparam, e vejo...

Pelos céus, madame, disse Sofia, interrompendo sua narrativa, será possível que a sorte só me coloca em situações tão críticas que torna tão difícil ao pudor vê-las como narrá-las? ... Esse crime horrível que ultraja igualmente a natureza e as leis, essa perversidade espantosa sobre a qual a mão de Deus se abateu tantas vezes, essa infâmia tão nova para mim que mal a concebia, eu a via consumir-se diante dos meus olhos, com todos os requintes impuros, com todos os episódios horrendos que poderia acrescentar-lhe a depravação mais pensada.

Um dos homens, o que dominava o outro, tinha vinte e quatro anos, usava um sobretudo verde e dava a impressão de que sua condição era honesta; o outro parecia um jovem criado de sua casa, de uns dezessete ou dezoito anos e um rosto muito bonito. A cena foi tão demorada quanto escandalosa, e o tempo me pareceu ainda mais cruel, pois não ousava mexer-me para não ser descoberta.

Por fim, os criminosos atores que a representavam, satisfeitos sem dúvida, levantaram-se para retomar o caminho para sua casa quando o patrão aproximou-se do bosque que me encobria, para ali satisfazer uma necessidade. Meu boné alto me traiu e ele me viu:

- Jasmin, disse ele ao seu jovem Adônis, estamos traidos, meu querido ... uma moça, uma profana viu nossos mistérios; aproxima-te, arranquemos essa infame dali e saibamos o que ela pode estar fazendo.

Não lhes dei o trabalho de me ajudarem a sair do meu asilo; saindo dali sozinha, joguei-me aos seus pés.

— Oh, senhores, exclamei, erguendo os braços para eles, tende piedade de uma desgraçada cuja sorte é mais lamentável do que imaginais; são bem poucos os reveses que se podem igualar aos meus; que a situação em que me haveis encontrado não desperte em vós nenhuma suspeita, ela é mais obra da minha miséria do que dos meus erros; longe de aumentar a soma dos males que me acabrunham, queiram ao contrário diminuí-la me facilitando os meios de fugir da severidade que me persegue.

O Senhor de Bressac, este o nome do jovem em cujas mãos cai, com uma grande reserva de libertinagem no espírito, não era dotado de muita comiseração. Infelizmente é muito comum ver-se a devassidão dos sentidos apagar a piedade no homem; seu efeito normal é insensibilizá-lo. Seja porque a maior parte dos seus desvios exige uma espécie de apatia na alma, seja porque o abalo violento que ela imprime na massa dos nervos diminui a sensibilidade da sua ação, um devasso profissional raramente é um homem compadecido. Mas à essa crueldade natural no tipo de gente cujo caráter esbocei, acrescentava-se ainda no Senhor de Bressac uma aversão tão marcante pelo nosso sexo, um ódio tão inveterado por tudo o que o caracteriza, que era difícil que eu pudesse pôr na sua alma os sentimentos que eu queria comover.

— Enfim, que fazes aí, rola dos bosques, me perguntou ele com muita insensibilidade, como resposta, esse homem a quem eu queria comover... fala a verdade, tu viste tudo o que se passou entre esse jovem e eu, não é?

— Eu, não, senhor, exclamei logo, não crendo fazer nenhum mal ao ocultar essa verdade; podeis estar seguro de que não vi senão coisas muito simples; eu vos vi, senhor, e a vós, sentarem-se os dois na relva, e ao que me parece haveis conversado um pouco, ficai bem seguro que isto é tudo.

— Quero acreditar em ti, respondeu o Senhor de Bressac, e isto para tua tranqüilidade, pois se eu imaginasse que tivesses visto outra coisa, jamais sairias deste bosque. Vamos, Jasmin, ainda é cedo e temos tempo de ouvir as aventuras desta mulher à toa; que ela nos conte tudo logo, depois a amarraremos naquele grande carvalho e experimentaremos nossas facas de caça em seu corpo.

Os dois jovens sentaram-se, mandaram-me sentar junto deles e eu lhes contei ingenuamente tudo o que me acontecera desde que vim ao mundo.

— Vamos, Jasmin, disse o Senhor de Bressac levantando-se assim que acabei, sejamos justos pelo menos uma vez na vida, meu querido; e a justa Têmis condenou essa marota, não deixemos que os olhos da deusa sejam tão cruelmente frustrados e façamos a criminosa sofrer a pena a que foi condenada; o que vamos cometer não é um crime, é uma virtude, meu amigo, é um restabelecimento da ordem das coisas e como às vezes temos a má sorte de perturbá-la, vamos restabelecê-la corajosamente, pelo menos quando a ocasião se nos apresenta.

E os cruéis, tendo me retirado do meu lugar, já me arrastavam para a árvore indicada, sem se comoverem com meus gemidos nem com minhas lágrimas.

— Vamos amarrá-la nesta posição, disse Bressac ao seu criado, encostando-me de ventre contra a árvore.

Suas jarreteiras, seus lenços, tudo serviu e num minuto fui tão cruelmente amarrada que me vi impossibilitada de usar qualquer dos meus membros. Terminada essa operação, os bandidos tiraram-me as saias, levantaram minha camisa até as espáduas e pegando suas facas de caça, pensei que fossem cortar todas as partes posteriores que haviam desnudado com tanta brutalidade.

— Isto já basta, disse Bressac sem que eu tivesse recebido um só golpe, isto é o suficiente para que ela nos conheça, para que veja o que podemos fazer-lhe e conservá-la na nossa dependência. Sofia, prosseguiu ele desamarrando-me, vestivos, sede discreta e segui-nos; se ficardes comigo não tereis porque vos arrepender, minha menina, preciso de mais uma criada de quarto para minha mãe. Eu vos apresentarei a ela... confiando na vossa história, responderei por vossa conduta para com ela, mas abusardes de minha bondade e trairdes minha confiança, olhai bem para aquela árvore que deveria servir-vos de leito de morto, lembrai-vos que estamos a apenas uma légua do castelo para onde vos conduzo e que a menor falta sereis trazida de volta imediatamente.

Já novamente vestida, mal conseguia achar expressões para agradecer meu benfeitor, lancei-me aos seus pés, abracei-lhe os joelhos, fazendo-lhe todos os juramentos possíveis quanto a uma boa conduta, mas ele era tão insensível à minha alegria quanto o fora à minha dor:

— Andemos, disse o Senhor de Bressac, será vossa conduta que falará por vós e governará vosso destino.

Pusemo-nos a caminho, com Jasmin e seu patrão conversando e eu a segui-los humildemente sem dizer nada; uma hora depois estávamos no castelo da Senhora Condessa de Bressac e a magnificência dos arredores fizeram-me ver que qualquer ocupação que tivesse nessa casa, certamente seria mais lucrativa para mim do que a de governanta-chefe da Senhora e do Senhor Du Harpin. Fizeram-me esperar num gabinete onde Jasmim me deu um almoço muito decente; enquanto isso o Senhor de Bressac foi ter com sua mãe, avisou-a e meia hora mais tarde veio buscar-me pessoalmente para apresentar-me a ela.

A Senhora de Bressac era uma mulher de quarenta e cinco anos, ainda muito bela e que me pareceu muito honesta e sobretudo muito humana, embora pusesse um pouco de severidade nos seus princípios e nas suas palavras; viúva há dois anos de um homem de uma família importante que se casara com ela sem outra fortuna senão o belo nome que lhe dava, todos os bens que poderia esperar o jovem marquês de Bressac dependiam, portanto, dessa mãe, e o que recebera de seu pai mal lhe dava com o que se manter. A Senhora de Bressac acrescentou a esta herança uma pensão considerável, mas era preciso também que ela bastasse para as despesas também consideráveis, ainda que irregulares, de seu filho. Essa casa tinha pelo menos sessenta mil libras de renda, e o Senhor de Bressac não tinha irmãos ou irmãs; jamais se conseguira convencê-lo a entrar para o exército; tudo o que o afastasse dos prazeres da sua escolha eram-lhe tão insuportáveis que lhe era impossível aceitar qualquer grilhão. A Senhora Condessa e seu filho passavam três meses por ano nessa terra e o resto do tempo em Paris, e esses três meses que o obrigava a passar com ela já eram um transtorno bem grande para um homem que jamais abandonava o centro dos seus prazeres sem se desesperar.

O marquês de Bressac me ordenou que contasse à sua mãe as mesmas coisas que lhe contara, e quando terminei minha narrativa :

— Vossa candura e vossa ingenuidade, disse-me a Senhora de Bressac, não me permitem duvidar da vossa inocência. Não tomarei outras informações sobre vós a não ser a de saber se sois realmente, como me dizeis, a filha do homem que dizeis ser; se for assim, eu conheci vosso pai, e isto será para mim uma razão a mais para interessar-me por vós. Quanto ao vosso caso na residência de Du

Harpin, eu me encarregarei de resolvê-lo em duas visitas ao chanceler, meu amigo há séculos; ele é o homem mais íntegro que existe na França. Basta provar-lhe a vossa inocência para anular tudo o que se fez contra vós e para que possais reaparecer em Paris sem receio algum ... mas pensai bem, Sofia, que tudo o que vos prometo aqui depende somente de uma conduta correta; assim, vereis que os reconhecimentos que exijo de vós ser-vos-ão sempre favoráveis.

Lancei-me aos pés da Senhora de Bressac, assegurei-lhe que ela ficaria sempre satisfeita comigo e daquele momento em diante fui aceita como sua segunda criada de quarto. Três dias depois, as informações que a Senhora de Bressac pedira a Paris chegaram, e eram como eu podia desejar que fossem, e todas as idéias de desgraça desapareceram por fim do meu espírito, sendo substituídas somente pela esperança dos mais doces consolos que eu poderia esperar. Mas estava escrito no céu que a pobre Sofia jamais seria feliz, e se houve alguns momentos de calma para ela, foram apenas para tornar mais amargos os horrores que deviam sucedê-los.

Mal chegamos a Paris, a Senhora de Bressac pôs-se a trabalhar por mim. O primeiro presidente quis ver-me, ouviu interessado a narrativa das minhas desgraças, a infâmia de Du Harpin, examinada mais a fundo, foi reconhecida. Convenceram-se também que se saí ganhando com o incêndio das prisões do palácio, pelo menos não participara em nada daquilo e todo o meu processo foi anulado (asseguraram-me) sem que os magistrados que dele participaram julgassem necessário empregar outras formalidades.

É fácil de imaginar como tudo isto me ligou à Senhora de Bressac; afinal não tivera ela toda sorte de bondades para comigo, como é que tais esforços poderiam deixar de ligar-me para sempre a uma protetora tão preciosa? Todavia, a intenção do jovem marquês de Bressac era precisamente ligar-me com a máxima intimidade à sua mãe. Independente das desordens horríveis do gênero que vos descrevi, e na qual se lançava mais cegamente em Paris do que no campo, não demorei muito a perceber que ele detestava profundamente a condessa. E verdade que esta fazia todo o possível para acabar com suas devassidões ou pelo menos para contrariá-las, mas como empregava um rigor talvez algo excessivo nisso, o marquês, mais irritado precisamente por causa dessa severidade, entregava-se a elas com mais ardor, e a pobre condessa, com suas perseguições ao filho só conseguia ser mais odiada ainda.

— Não imagineis, dizia-me freqüentemente o marquês, que minha mãe faz de boa vontade tudo o que vos interessa; crede, Sofia, que se eu não a molestasse a todo instante, ela dificilmente se resolveria a cumprir o que vos prometera; ela vos faz apreciar todas as suas ações, quando na verdade foram apenas minhas.

Atrevo-me a dizer que é portanto somente a mim que deveis qualquer reconhecimento, e o que exijo de vós deve parecer-vos ainda mais desinteressado, que sabeis muito bem que, embora sejais bela, não são vossos favores o que eu pretendo ... Não, Sofia, os serviços que espero de vós são totalmente diferentes, e quando estiverdes bem convencida de tudo o que tenho feito por vós, espero encontrar na vossa alma tudo o que eu tenho o direito de esperar.

Estas palavras pareceram-me tão obscuras que não sabia como responder; contudo, eu respondia ao acaso e talvez com muita facilidade.

É este o momento, madame, de vos falar do único erro de que me censuro em minha vida... que digo, um erro, uma extravagância como jamais houve igual... mas pelo menos não é um crime, é um simples erro que puniu somente a mim e do qual, parece-me, a mão justa do céu serviu-se para me conduzir ao abismo que se abria insensivelmente aos meus passos. Era-me impossível ver o marquês de Bressac sem sentir-me atraída para ele por uma sensação de ternura que me dominava. As reflexões que eu fazia sobre seu alheamento das mulheres, sobre a depravação dos seus gostos, sobre as distâncias morais que nos separavam, nada, nada no mundo poderia apagar aquela paixão nascente e se o marquês me tivesse exigido a vida, eu lha teria sacrificado mil vezes, crendo ainda nada fazer por ele. Ele estava longe de desconfiar do sentimento que eu guardava com tanto cuidado no coração. O ingrato estava longe de discernir a causa das lágrimas que derramava todos os dias a desgraçada Sofia sobre as desordens horríveis que a levavam à perdição; entretanto, era-lhe impossível não duvidar do desejo que eu sentia de roubar da sua frente tudo o que lhe pudesse agradar, ele não podia deixar de entrever minhas atenções. Muito cegas, sem dúvida, elas iam ao ponto de servir-lhe até mesmo em seus erros, pelo menos até onde a decência me permitisse ocultá-los à sua mãe.

Esta maneira de me conduzir me valera sua confiança e tudo o que vinha dele era-me tão preciso, de tal forma eu me cegava com o pouco que seu coração me oferecia que às vezes tinha o orgulho de crer que não lhe era indiferente, mas como o excesso das suas devassidões logo me desenganavam! Eram tais que não

só a casa estava repleta de criados com essas maneiras execráveis a cercá-la, como também pagava, fora de casa, uma multidão de maus elementos, à casa de quem ele ia, ou que vinham diariamente à sua casa. E como esse gosto, por mais odioso que seja, é também um dos mais caros, o marquês se desorganizava prodigiosamente. As vezes eu tomava a liberdade de lhe fazer ver todos os inconvenientes da sua conduta; ele me escutava sem repugnância e depois acaba dizendo-me que não se corrigia o tipo de vício que o dominava e que, reproduzido sob mil formas diferentes, havia ramos diversos para cada idade, que dando a cada dez anos suas sensações sempre novas, escravizavam até o túmulo aos que tinham a desgraça de venerá-lo... Mas se eu tentava falar-lhe de sua mãe e das tristezas que ele lhe causava, eu via apenas o desprezo, o mau humor, a irritação e a impaciência de ver durante tanto tempo naquelas mãos um bem que já deveria pertencer-lhe, o ódio mais inveterado contra aquela mãe respeitável e a revolta mais clara contra os sentimentos naturais. Seria então verdade que quando se chega a transgredir tão formalmente nos gostos as leis desse órgão sagrado, a seqüência necessária desse primeiro crime é uma terrível facilidade de cometer impunemente todos os outros?

As vezes servia-me dos meios da religião; quase sempre consolada por ela, tentava fazer passar suas doçuras à alma daquele pervertido, quase certa de cativá-lo por esses laços se conseguisse fazê-los compartilhar dos seus encantos. Mas o marquês não me deixava empregar por muito tempo esses caminhos; inimigo declarado dos nossos santos mistérios, crítico obstinado da pureza dos nossos dogmas, inimigo arrebatado da existência de um ser supremo, o Senhor de Bressac, em lugar de deixar-se converter por mim, procurou mais que depressa corromper-me.

— Todas as religiões partem de um princípio falso, Sofia, dizia-me ele, todas julgam necessário o culto de um ser criador; ora se este mundo eterno, como todos aqueles em meio aos quais ele flutua nas planícies infinitas do espaço, jamais tiveram um começo e jamais devem ter um fim, se todas as reproduções da natureza são resultados de leis que se encadeiam, se sua ação e sua reação perpétua supõem o movimento essencial à sua essência, a que reduz-se o motor que lhes dais gratuitamente?

— Acredita, Sofia, que este deus que reconheces é apenas o fruto da ignorância de um lado e da tirania de outro; quando o mais forte quis acorrentar o mais fraco, ele o convenceu de que deus santificava as correntes que o oprimiam,

e este, embrutecido pela sua miséria, acreditou em tudo o que o outro queria. Todas as religiões, seqüências fatais dessa primeira fábula, devem portanto ser sacrificadas ao desprezo como ela, não há nenhuma que não traga consigo o emblema da impostura e da estupidez; vejo em todas elas mistérios que fazem tremer a razão, dogmas que ultrajam a natureza e cerimônias grotescas que só inspiram o ridículo. Mal abri os olhos, Sofia, detestei esses horrores e impus a mim mesmo uma lei, a de pisoteá-los; jurei jamais voltar a eles em minha vida; imita-me se queres ser razoável.

— Oh, senhor, respondi ao marquês, privarieis uma desgraçada de sua mais doce esperança se lhe arrancasseis essa religião que a consola; firmemente ligada ao que ela ensina, absolutamente convencida que todos os golpes que lhe são desfechados são apenas o efeito da libertinagem e das paixões, sacrificar-me-ia a sofismas que fazem tremer a mais doce idéia da minha vida?

Acrescentei a estas mil outras ponderações ditadas por minha razão, derramadas pelo meu coração, mas o marquês apenas ria, e seus princípios capciosos, nutridos pela eloqüência mais masculina, amparado por leituras que eu felizmente jamais fizera, sempre derrubava todos os meus. A Senhora de Bressac, plena de virtudes e piedade, não ignorava que seu filho amparava seus desvios por todos os paradoxos da incredulidade; ela muitas vezes se lamentava comigo e como se dignava ver em mim mais bom senso do que nas outras mulheres que a cercavam, gostava de me confiar suas tristezas.

Não obstante, os maus procedimentos de seu filho redobravam para ela; ele chegara ao ponto de não mais ocultá-los; não só cercara sua mãe de toda essa canalha perigosa que servia aos seus prazeres, como também levava a insolência ao ponto de declarar na minha presença, que se ela se ativesse a contrariar ainda mais os seus gostos, ele a convenceria dos encantos destes entregando-se a eles diante dos seus próprios olhos. Lamentei estas palavras e esta conduta; tentei tirar do fundo de mim mesma os motivos para extinguir na minha alma aquela desgraçada paixão que a devorava . . . mas é o amor um mal que se possa curar? Tudo o que eu procurava para lhe opor só fazia atizar ainda mais a chama, e o pérfido Bressac jamais me pareceu mais amável que quando conseguia reunir na minha frente tudo o que deveria fazer-me odiá-lo.

Havia quatro anos que eu estava naquela casa, sempre perseguida pelas mesmas tristezas, sempre consolada pelas mesmas doçuras, quando o terrível

motivo das seduções do marquês me foi por fim oferecido em todo o seu horror. Estávamos então no campo, eu estava sozinha com a condessa. Sua primeira criada conseguira a permissão de ficar em Paris durante o verão, para tratar de alguns negócios do seu marido. Certa noite, pouco depois de retirar-me dos aposentos da minha patroa, respirava um pouco no balcão do meu quarto, pois devido ao calor intenso não conseguia deitar-me, quando de repente o marquês bateu-me à porta e pediu-me para deixá-lo falar comigo durante parte da noite ... Ai de mim, todos os instantes que me proporcionava o cruel autor dos meus males me pareciam preciosos demais para que eu ousasse recusá-los; ele entrou, fechou a porta com cuidado e sentando-se perto de mim numa poltrona:

— Escuta-me, Sofia, disse-me ele um tanto constrangido, tenho coisas da maior importância a te confiar, começa por jurar-me que jamais revelarás qualquer coisa do que vou te dizer.

— Oh, senhor, podeis crer-me capaz de abusar da vossa confiança?

— Tu não sabes o que tu arriskas se me provares que me enganei em confiar em ti.

— A maior das minhas tristezas seria de tê-la perdido, não necessito de ameaças maiores.

— Está bem, Sofia ... conspirei contra a vida de minha mãe, e foi a tua mão que escolhi para me servir.

— Eu, senhor, exclamei recuando horrorizada, oh, céus, como esses dois projetos puderam acudir-vos ao espírito? Acabai com os meus dias, senhor, eles vos pertencem, fizeti dele o que quiserdes, mas não julgueis que podereis obter de mim a permissão de me prestar a um crime cuja idéia meu coração não suporta.

— Escuta, Sofia, disse-me o Senhor de Bressac reconduzindo-me com tranqüilidade, conheço muito bem a tua repugnância, mas como és inteligente, estou ciente de que os vencerei fazendo-te ver que este crime que julgas tão absurdo é no fundo uma coisa muito simples. Duas perversidades se oferecem aqui aos teus olhos pouco filosóficos, a destruição aumenta quando o semelhante é nossa mãe. Quanto à destruição do seu semelhante, estejas certa, Sofia, ela é puramente ilusória, o poder de destruir não é dado ao homem, existe, ademais o de variar as formas, mas não existe aquele que as possa aniquilar; ora, toda forma

é igual aos olhos da natureza, nada se perde naquele imenso cadinho onde suas variações são executadas, todas as porções de matéria ali lançadas se renovam incessantemente sob novas formas e quaisquer que sejam nossas ações sobre elas, nenhuma as ofende diretamente, nenhuma delas poderia ultrajá-las, nossas destruições reanimam seu poder, elas sustentam sua energia, mas nenhuma a diminui.

— O que importa para a natureza sempre criadora aquela massa de carne que hoje tem a forma de uma mulher se reproduza amanhã sob a forma de mil insetos diferentes? Ousarás dizer que a construção de um indivíduo como nós custa mais à natureza que a de um verme e que, por conseguinte, ela deva dar-lhe mais atenção? Ora, se o grau de atenção ou melhor, de indiferença, é o mesmo, que pode ela fazer, senão pelo que chamamos de crime de um homem, que um outro seja transformado em mosca ou em escarola? Quando me tiverem provado a sublimidade de nossa espécie, quando me tiverem demonstrado que ela é tão importante para a natureza que necessariamente suas leis se irritam com sua destruição, então eu poderei crer que essa destruição é um crime; mas quando o estudo mais ponderado da natureza me tiver provado que tudo o que vegeta sobre o globo, a mais imperfeita das suas obras, tem um preço igual aos seus olhos, jamais suporei que a mudança de um de seus seres em mil outros possa ofender suas leis; eu me direi: todos os homens, todas as plantas, todos os animais que crescem, vegetam, se destroem pelos mesmos meios, não recebendo jamais uma morte real, mas uma simples variação no que as modifica, tudo, digo, tudo se perseguindo, destruindo-se, procriando indiferentemente, aparece um instante sob uma forma e no instante seguinte sob uma outra, podem ao capricho do ser que quer ou que pode move-los, mudar milhares e milhares de vezes num dia sem que uma única lei da natureza possa ser afetada por instantes sequer.

Mas este ser que eu ataco é minha mãe, é o ser que me guardou em seu seio. E daí, não será esta vã consideração que me deterá, e que direito terá ela de me convencer? Pensava ela em mim, essa mãe, quando sua lascívia a fez conceber o feto de onde saí? Posso eu ser-lhe reconhecido por se ter entregue aos seus prazeres? Além disso, não é o sangue da mãe que forma o filho, é somente o do pai; o seio da fêmea frutifica, conserva, elabora, mas não fornece nada, e eis aí a reflexão que jamais me permitiu atentar contra a vida de meu pai, enquanto que considero uma coisa muito simples cortar o fio da de minha mãe. Portanto, se é possível que o coração do filho possa enternecer-se, com justiça, com quaisquer sentimentos de gratidão para com uma mãe, não será, senão, em razão dos seus

procedimentos para conosco desde que atingimos a idade de gozá-los. Se teve bons procedimentos, podemos amá-la, talvez devamos mesmos amá-la; se os teve apenas ruins, desligados de qualquer lei da natureza, não só nada mais lhe devemos como também tudo nos leva a decidir eliminá-la, por essa força poderosa do egoísmo que compromete natural e invencivelmente o homem a desembaraçar-se de tudo o que o prejudica.

— Oh, senhor, respondi apavorada com o marquês, essa indiferença que supondes para com a natureza é apenas obra de vossas paixões; ouvi por instantes vosso coração e não vossas paixões, e vereis como ele condenará esses raciocínios imperiosos de vossa libertinagem. É ao tribunal do coração que vos envio; não é ele o santuário onde essa natureza que ultrajais quer que a escutemos e respeitemos? Se ela gravar ali o mais intenso horror ao crime que pensais praticar, concordareis comigo que ele é condenável? Dir-me-eis que se o fogo das paixões destruir num instante esse horror, não ficareis mais satisfeito em saber que ela renascerá, que se fará ouvir pelo órgão imperioso dos remorsos que procurais em vão combater?

Quanto maior a vossa sensibilidade, mais ele vos afligirá... a cada dia, a cada minuto, vós a vereis diante dos olhos, aquela mãe terna que vossa mão bárbara terá lançado ao túmulo, ouvireis sua voz queixosa pronunciar ainda o doce nome que encantava vossa infância... Ela aparecerá em vossas vigílias, atormentar-vos-á em vossos sonhos, mostrará com suas mãos ensangüentadas as chagas que tereis aberto nela; daí por diante não tereis um só momento de felicidade, todos os vossos prazeres estarão envenenados, todas as vossas idéias vos perturbarão, uma mão celeste cujo poder desprezais, vingará os dias que haveis destruído envenenando todos os vossos; e sem terdes desfrutado de vossas perversidades, perecereis com o arrependimento mortal de haverdes destruído os seus dias.

Ao pronunciar estas últimas palavras eu estava em prantos, ajoelhei-me diante do marquês e implorei-lhe pelo que lhe fosse mais caro para que esquecesse o objetivo tão infame, que jurei ocultar por toda minha vida. Mas não conhecia o coração que buscava enternecer. O vigor que ainda pudesse ter, todas as suas energias já estavam maculadas e as paixões, em todo seu ardor, faziam com que ali reinasse apenas o crime. O marquês levantou-se friamente:

— Vejo que me enganei, Sofia, disse-me ele, estou mais agastado por vós que por mim. Não importa, encontrarei outros meios e tereis perdido muito comigo sem que vossa patroa ganhasse qualquer coisa.

Essa ameaça mudou todas as minhas idéias; não aceitando o crime que me era proposto, arriscaria muito de mim e minha patroa fatalmente morreria. Concordando em ser cúmplice, eu me protegia da cólera do meu jovem patrão e salvaria sua mãe. Esta reflexão, que ocorreu como um raio, me fez mudar o papel num instante, mas como uma mudança assim tão imediata pareceria suspeita, consegui durante muito tempo manejar minha derrota, fiz o marquês repetir muitas vezes seus sofismas; aos poucos dei a impressão de não mais saber o que responder e o marquês julgou ter-me vencido, legitimei minha fraqueza pelo poder da sua arte para dar-lhe a impressão de que eu aceitava. O marquês abraçou-me com efusão. Como esse gesto me teria alegrado se esses bárbaros projetos não tivessem destruído todos os sentidos que meu pobre coração ousara conceber por ele... se fosse possível amá-lo ainda...

— És a primeira mulher que eu abraço, disse-me o marquês. Na verdade, faço-o com toda minha alma; és deliciosa, minha menina, um raio de filosofia penetrou então no teu espírito; seria possível que essa cabeça encantadora pudesse continuar por mais tempo nas trevas?

E ao mesmo tempo acertamos nossas tarefas: para que o marquês caísse melhor na armadilha, não deixei de conservar sempre um certo ar de repugnância toda vez que ele aperfeiçoava seu projeto ou me explicava os meios de executá-lo e foi esse fingimento tão permitido na minha desgraçada posição que conseguiu melhor iludi-lo. Acertamos que dentro de dois ou três dias, ou menos, dependendo da facilidade que encontrasse, eu colocaria sutilmente um pacotinho de veneno, que o marquês me deu, na taça de chocolate que a condessa costumava tomar todas as manhãs. O marquês me garantiu proteção contra todas as conseqüências e prometeu-me dois mil escudos de renda ou junto dele ou onde eu quisesse ficar, pelo resto de minha vida. Ele assinou-me esta promessa sem caracterizar a razão desse favor e depois separamo-nos.

Nesse momento ocorreu algo de muito singular, de muito capaz de fazer-vos ver o caráter do homem atroz com quem estava envolvida, para não interromper a narrativa, sem dúvida podereis esperar até o fim dessa cruel aventura em que me meti. No dia seguinte à nossa entrevista, o marquês recebeu a notícia de que um

tio em cuja sucessão ele absolutamente não pensava, deixou-lhe oitenta mil libras de renda ao falecer.

— Oh, céus, disse para mim mesma ao saber da notícia. E assim que a justiça celeste castiga as maquinações dos perversos? Eu pensara que ia perder a vida por ter recusado uma trama tão inferior, e eis aí aquele homem nos píncaros por ter concebido um crime espantoso.

Mas, arrependendo-me logo dessa blasfêmia contra a Providência, caí de joelhos pedindo perdão a Deus e persuadi-me de que essa sucessão inesperada pelo menos faria o marquês alterar seus projetos. Como estava errada, meu Deus!

— O minha queria Sofia, disse-me o Senhor de Bressac acorrendo naquela mesma noite ao meu quarto, como as prosperidades chovem sobre mim. Já te disse vinte vezes, nada como conceber um crime para fazer chegar a felicidade; parece que somente os malfeitores encontram o caminho aberto. Oitenta e sessenta, minha menina, eis aí cento e quarenta mil libras de renda que servirão aos meus prazeres.

— Como, senhor? perguntei com surpresa moderada pelas circunstâncias que me prendiam, esta fortuna inesperada não vos fez decidir esperar pacientemente a morte que quereis apressar?

— Esperar, não esperaria dois minutos, Sofia. Pensa que eu tenho vinte e oito anos e é bem duro esperar na minha idade. Que isto não mude nada nossos projetos, eu te imploro, e que tenhamos o consolo de terminar tudo antes do momento de voltarmos a Paris ... Cuida para que se faça amanhã, depois de amanhã o mais tardar. Já demoro em te dar um quarto de tua pensão e pôr-te le posse do total.

Fiz o que pude para disfarçar o terror que me inspirava esse encarniçamento no crime, retomei meu papel da véspera, mas todos os meus sentimentos acabaram por extinguir-se, acreditava não ter mais que horror por aquele monstro tão embrutecido.

Nada mais embaraçoso que a minha posição; se eu não executasse o plano, o marquês logo perceberia meu fingimento; se advertisse a Senhora de Bressac, mesmo sobre a menor revelação sobre o crime, o jovem se veria enganado e decidiria imediatamente por meios mais seguros de matar a mãe, expondo-me

também à vingança do filho. Só me restava o caminho da justiça, mas nada no mundo me faria tomá-lo; assim, decidi, independente das conseqüências, prevenir a condessa. De todas as saídas possíveis, esta me parecia a melhor, e foi a que tomei.

— Madame, disse-lhe na manhã seguinte à minha última entrevista com o marquês. Tenho algo de muita importância a vos revelar, mas embora vos diga respeito, estou decidida a calar-me se não receber vossa palavra de honra de que não demonstrareis qualquer ressentimento contra vosso filho pelo que ele teve a audácia de projetar. Vós agireis, madame, fareis o que achardes melhor, mas prometei-me não dizer um única palavra, ou eu me calarei.

A Senhora de Bressac, que julgava tratar-se apenas de algumas das extravagâncias normais do seu filho, prometeu o que lhe era medido, e então lhe revelei tudo. Aquela desgraçada mulher caiu em prantos ao saber dessa infâmia.

— O bandido, exclamou ela, a quem só quis fazer bem? Se eu quis impedir seus vícios ou corrigi-los, que outros motivos senão sua felicidade e sua tranqüilidade me poderiam levar a usar de tal rigor? A quem deve a herança que acaba de receber senão a mim? Se eu a ocultei dele foi por delicadeza. O monstro! Oh, Sofia, provai-me a perfídia do seu projeto, pondo-me a par da situação para que não duvide mais, tenho necessidade de saber tudo o que possa ajudar a extinguir no meu coração os sentimentos naturais .. .

E então mostrei à condessa o pacotinho de veneno que o marquês me dera. Demos de comer uma dose pequena a um cão que depois prendemos com cuidado e que morreu ao fim de duas horas em convulsões terríveis. A condessa, não mais podendo duvidar, decidiu imediatamente o que devia fazer. Ordenou-me que lhe desse o resto do veneno e escreveu sem demora, por estafeta especial, uma carta ao duque de Sonzeval, seu parente, para que este procurasse o ministro secretamente e revelasse a perfídia de que estava prestes a ser vítima, obtivesse uma carta do rei com ordens para seu filho, e de vir imediatamente à sua casa com essa carta e com um oficial de polícia e livrá-la o mais breve possível do monstro que conspirava contra seus dias. Mas estava escrito nos céus que esse crime abominável seria executado e que a virtude humilhada cederia aos esforços da perversidade.

O infeliz cão em quem fizéramos a prova, revelou tudo ao marquês. Ele o ouviu uivar e sabendo que sua mãe o amava, perguntou desvelado o que

acontecera com o cão e onde estava ela. Àqueles a quem perguntou, como ignorassem tudo, nada responderam. Foi sem dúvida desse momento em diante que ele começou a desconfiar; não disse nada, mas eu o vi inquieto, agitado e a espreita durante todo o dia. Conteí estas coisas à condessa, mas tudo o que se podia fazer era instar para o estafeta que cumprisse o mais depressa possível a sua missão e de não revelá-la a ninguém. A condessa disse a seu filho que o estava despachando sem demora para Paris a fim de pedir ao duque de Sonzeval de pôr-se imediatamente à frente da herança do tio que lhe viera às mãos porque se alguém mais aparecesse, era de se temer um processo. Ela acrescentou que pedia ao duque que viesse pessoalmente prestar-lhe contas de tudo para que se decidisse partir com seu filho, se os negócios assim o exigissem.

O marquês, que era excelente fisionomista e não podia deixar de ver o constrangimento no rosto de sua mãe e observar um pouco de confusão no meu, contentou-se com isso e sem dúvida ficou mais alerta. Alegando um passeio com seus amigos, afastou-se da casa e esperou o estafeta num local onde este deveria certamente passar. Esse homem, mais fiel a ele que à sua mãe, não criou nenhum obstáculo e logo lhe entregou os despachos. O marquês, convencido de que se tratava sem dúvida de uma traição minha, deu cem luíses ao estafeta com ordens de jamais tornar àquela casa e, com a raiva no coração, mas portando-se da melhor maneira possível, me adula como de costume, pergunta-me se será amanhã e observa que é essencial executar-se o plano antes da chegada do duque, e deita-se tranqüilamente e sem nada demonstrar.

Se o desgraçado crime se consumou, como o marquês logo me comunicou, só pôde ser como vou contar-vos ... Madame tomou seu chocolate na manhã seguinte, como de hábito, e como ele passava somente por minhas mãos, estou certa de que não estava envenenado; mas por volta das dez horas o marquês entrou na cozinha e encontrando ali apenas o cozinheiro, mandou-o imediatamente buscar pêssegos no pomar. O cozinheiro alegou ser impossível deixar os pratos que preparava e o marquês insistiu no seu desejo premente de comer pêssegos e disse que cuidaria dos fornos. O cozinheiro saiu, o marquês examinou todos os pratos do jantar e é provável que tenha posto nas alcachofras de que madame gostava tanto, a droga fatal que deveria cortar-lhe o fio da vida. Todos jantam, a condessa sem dúvida comeu do prato funesto e o crime é consumado. O que vos digo são apenas suspeitas; o Senhor de Bressac me garantiu na desgraçada seqüência dessa aventura, de que seu plano fora cumprido e que minhas maquinações apenas ofereceram-lhe os meios que lhe permitiram

levar o plano a cabo. Mas deixemos de lado essas conjecturas horríveis e passemos à maneira cruel como fui punida por não ter querido participar daquele horror e ter-me rebelado ... Quando saímos da mesa o marquês abordou-me:

Euscuta-me, Sofia, disse-me ele com a fleugma aparente da tranqüilidade, encontrei um meio mais seguro do que aquele que te propus para executar meus projetos, mas isto requer somente um detalhe; não me atrevo ir muitas vezes ao teu quarto, pois receio os olhares de todo mundo; esteja às cinco horas em ponto no canto do parque, encontrar-te-ei lá e fingiremos estar passeando enquanto te explico tudo.

Eu juro que fosse por permissão da Providência, por excesso de ingenuidade, por cegueira, nada me anunciava a terrível desgraça que me esperava; eu me acreditava tão segura do segredo e das providências da condessa que jamais imaginei que o marquês pudesse ter descoberto tudo. Todavia, sentia-me constrangida:

O perjúrio é virtude quando se promete um crime, disse um dos nossos poetas trágicos, mas o perjúrio é sempre odioso para a alma delicada e sensível que se vê obrigada a recorrer a ele; meu papel me constrangia, mas não demorou muito. Os odiosos procedimentos do marquês, dando-me outros motivos para sofrer, logo me tranqüilizaram sobre os primeiros. Ele se aproximou de mim com o ar mais alegre e franco do mundo, e entramos na floresta sem fazer outra coisa senão rir e gracejar como era-lhe costumeiro portar-se comigo. Quando queria desviar a conversa para o assunto do nosso encontro, ele sempre dizia para esperar um pouco, que receava estarmos sendo observados e que ainda não estávamos em lugar seguro. Aos poucos chegamos àquele bosque e ao enorme carvalho onde ele me encontrara pela primeira vez. Não pude deixar de tremer ao rever aquele lugar e minha imprudência e todo o horror do meu destino pareceram então apresentar-se-me aos olhos em toda a sua extensão e bem podeis imaginar que meu pavor redobrou ao ver junto do funesto carvalho onde já passara por tão terrível crise, dois dos jovens favoritos mais queridos do marquês. Eles se levantaram quando nos aproximamos e jogaram ao chão cordas, nervos de boi e outros instrumentos que me fizeram tremer. Então, o marquês, servindo-se apenas dos epítetos mais grosseiros e horríveis:

— P... perguntou-me ele sem que os jovens pudessem ouvir-lhe as palavras, reconheces este bosque de onde te arranquei como um animal selvagem para dar-

te a vida que merecias perder, onde te ameacei de trazer-te de volta se algum dia me desses motivo para me arrepender da minha bondade? Por que aceitaste os serviços que te ofereci contra minha mãe se desejavas trair-me e como imaginaste servir à virtude arriscando a liberdade daquele a quem devias a vida? Necessariamente colocada entre dois crimes, por que escolheste o mais abominável. Bastava teres recusado minha oferta e não devias tê-la aceito para me traíres.

Então o marquês contou-me o que fizera para surpreender os despachos do estafeta e a causa das suspeitas que sentira.

— O que fizeste com tua falsidade, indigna criatura? continuou ele; arriscaste teus dias sem salvars os de minha mãe; o golpe está dado e espero, ao voltar à casa, ver meu sucesso amplamente coroado. Mas é preciso que te castigue, é preciso que aprendas que o caminho da virtude nem sempre é o melhor, e que existem posições no mundo nas quais a cumplicidade de um crime é preferível à sua delação. Conhecendo-me como me deves conhecer, como te atreveste iludir-me? Imaginaste que o sentimento de piedade, que jamais deixo entrar no meu coração senão por interesse dos meus prazeres, ou que alguns princípios de religião que espezinho constantemente, seriam capazes de me deter? . . . ou talvez tenhas contado com teus encantos? acrescentou ele com o tom da mais cruel zombaria ... Está bem, vou provar-te que teus encantos, por mais desnudados que possam ser, servirão apenas para intensificar minha vingança...

E sem dar-me tempo de responder, sem demonstrar a menor emoção pela torrente de lágrimas que me haviam inundado, me agarrando fortemente pelo braço e me arrastando até seus sequazes:

— Ei-la aí, disse ele, aquela que quis envenenar minha mãe e talvez já tenha cometido o terrível crime, por maiores que fossem meus cuidados para evitá-lo; preferia entregá-la à justiça, mas ela teria perdido a vida e quero deixá-la viva para ter mais tempo para sofrer; dispam-na imediatamente e amarrem-na nessa árvore, para que eu a castigue como merece.

A ordem foi cumprida incontinentemente, amordaçaram-me com um lenço, fizeram-me abraçar a árvore e me amarraram pelas espáduas e pelas pernas, deixando o resto do corpo desimpedido para que nada o pudesse proteger das chicotadas que ia receber. O marquês, espantosamente agitado, agarrou um nervo de boi. Mas antes de me bater, o cruel homem quis ver meu semblante; dir-se-ia que ele

comia com os olhos minhas lágrimas e as expressões de dor que se impregnavam em minha fisionomia. Então postou-se a uns três pés de distância atrás de mim e me senti chicoteada com todas as forças com que era possível fazê-lo, desde as costas até as coxas. Meu carrasco parou um minuto, tocou brutalmente com as mãos todas as partes que ele acabara de magoar... Não sei o que ele disse em voz baixa a um dos seus sequazes, mas num instante cobriram-me a cabeça com um lenço impedindo-me de continuar a ver seus movimentos; mas houve alguns atrás de mim antes de novas cenas sangrentas às quais estava ainda destinada... Sim, bom, é isto, disse o marquês antes de tornar a bater-me, e mal estas palavras, que não compreendi, foram ditas, as chicotadas começaram com mais violência; houve nova pausa, as mãos passaram pela segunda vez sobre as partes laceradas, tornaram a falar em voz baixa... Um dos jovens disse mais alto: Não estou melhor assim?... e estas novas palavras, igualmente incompreensíveis para mim, às quais o marquês respondeu apenas: Mais perto, mais perto, foram seguidas de um terceiro ataque ainda mais intenso que os outros, e enquanto Bressac disse por duas ou três vezes consecutivas estas palavras, acompanhadas de pragas horríveis: Vamos logo, vamos todos os dois, não vêem que quero fazê-la morrer por minhas mãos aqui? Estas palavras, pronunciadas em tons cada vez mais fortes, terminaram este terrível massacre; tornaram a falar por alguns minutos em voz baixa, ouvi novos movimentos e senti meus nós serem desamarrados. Então meu sangue, que cobria o relvado, me mostrou o estado em que me encontrava; o marquês estava só, seus auxiliares haviam desaparecido.

— Está bem, disse ele observando-me com aquela espécie de fastio que segue ao delírio das paixões, vêes agora que a virtude custa caro e dois mil escudos de pensão não valem bem cem açoites com nervo de boi?

Deixei-me cair ao pé da árvore e estava prestes a desfalecer. O perverso, ainda não satisfeito com os horrores que me causara, excitado cruelmente à visão dos meus sofrimentos, me espezinhou contra o chão e me apertou até quase asfixiar-me:

— Sou muito bom para salvar-te a vida, repetiu ele duas ou três vezes, pelo menos toma o cuidado com a maneira como usas minhas novas indulgências.

Então ordenou-me que me levantasse e me vestisse novamente, e como eu sangrava por toda parte, para que minhas roupas, as que me restavam, não se manchassem, reuni maquinalmente folhas de mato para enxugar-me. Enquanto

isso, ele andava a grandes passadas, deixando-me aos meus próprios cuidados, mais ocupado com suas idéias que comingo. Minhas carnes inchadas, o sangue que ainda corria, as dores terríveis que sofria, tudo me tornava quase impossível a operação de vestir-me, e em momento algum o homem feroz com que me relacionava, em momento algum esse monstro que me pusera em tão cruel estado, aquele por quem teria dado a vida alguns dias antes, teve o menor sentimento de comiseração para sequer ajudar-me; quando fiquei pronta, ele se aproximou:

— Ide para onde quiserdes, deve restar-vos algum dinheiro no bolso; não vô-lo tirarei, mas cuidai para jamais aparecerdes em minha casa, seja em Paris ou no campo. Passareis publicamente, advirto-vos, como a assassina de minha mãe; se ela ainda respira, farei com que ela leve esta idéia para o túmulo; toda a casa saberá disso; eu vos denunciarei à justiça. Paris se tornará então ainda mais inabitável para vós que é o primeiro caso, que julgáveis terminado, foi apenas atenuado, previno-vos disso. Disseram-vos que ele terminara, mas fostes iludida; o decreto não foi anulado; deixamo-la nessa situação para ver como vos conduziríeis. Agora tendes dois processos em lugar de um, e em lugar de um vir usurário como inimigo, tendes agora um homem rico e poderoso, decidido a vos perseguir até o inferno, se abusardes com queixas caluniosas da vida que vos deixo ainda.

— Oh, senhor, respondi, qualquer que tenha sido vossa severidade para comigo, não receeis nada de mim; acreditei ter de fazê-las contra vós quando se tratava da vida de vossa mãe, mas nada farei quando se trata da vida da desgraçada Sofia. Adeus, senhor, possam vossos crimes tornar-vos tão feliz quanto vossa crueldade me causa tormentos, e qualquer que seja a sorte que o céu vos reserva, enquanto ele se dignar em me conservar viva, eu empregarei meus dias para implorar por vós.

O marquês ergueu a cabeça e não pôde evitar em considerar-me ao ouvir estas palavras, e como me viu coberta de lágrimas, mal podendo manter-me de pé, receoso, sem dúvida, de comover-se, o cruel afastou-se e não mais olhou para mim. Quando ele desapareceu, deixei-me cair por terra, entregando-me à toda dor, cortei os ares com meus gemidos e molhei a relva com minhas lágrimas.

— Oh, meu Deus, exclamei, assim o quisestes, era um de vossos decretos eternos que o inocente seja ainda vítima do crime e da iniquidade; fazei de mim o

que quisesdes, Senhor, estou ainda bem longe dos males que sofrestes por nós; possam os que sofro adorando-vos tornar-me digna um dia das recompensas que prometestes aos fracos que sempre vos tem como modelo em suas tribulações e que vos glorificam em seus sofrimentos!

Anoitecia e eu não me encontrava em condições de ir mais longe, pois mal podia manter-me em pé; lembrei-me do bosque onde dormira havia quatro anos, numa situação sem dúvida bem menos infeliz, e esforcei-me como pude para ir até lá, atormentada pelos meus ferimentos ainda sangrantes, sucumbida pelos males do meu espírito e pelas tristezas do meu coração, passei ali a mais cruel noite que se possa imaginar. O vigor de minha idade e do meu temperamento deram-me um pouco de forças e ao clarear o dia, apavorada com a vizinhança da cruel residência, afastei-me prontamente, deixei a floresta disposta a procurar ao acaso as primeiras habitações que apareceram, cheguei ao burgo de Clave, longe de Paris cerca de seis léguas. Procurei pela casa de um médico, indicaram-me onde ficava. Pedi ao médico que me pensasse e disse-lhe que fugira da casa de minha mãe em Paris por problemas amorosos, chegara infelizmente à floresta de Bondy, onde bandidos me trataram como ele via; ele cuidou de mim, com a condição de que fizesse um depoimento ao escrivão da aldeia. Concordei; é provável que tivessem feito investigações das quais jamais ouvi falar e o cirurgião, querendo que eu me alojasse em sua casa até ficar boa, empregou de tal forma sua arte que em menos de um mês estava perfeitamente recuperada.

Assim que pude sair, meu primeiro cuidado foi encontrar naquela aldeia uma moça bastante esperta e inteligente para ir à casa de Bressac e descobrir tudo o que se passara desde minha partida. A curiosidade não era o único motivo que me levava a tomar tal atitude; essa curiosidade, talvez perigosa, era certamente fora de propósito, mas o pouco dinheiro que ganhara na casa da condessa ficara em meu quarto, e tinha apenas seis luíses comigo, restando-me ainda quase trinta no castelo. Não imaginei que o marquês fosse tão cruel a ponto de recusar-me o que me pertencia legitimamente e estava convencida de que, passada sua primeira raiva, ele não me faria uma segunda injustiça; escrevi uma carta tão comovente quanto me era possível... Ai de mim, não fora o bastante, meu triste coração ainda falava, malgrado eu mesma, em favor daquele monstro. Ocultei cautelosamente o local onde eu morava e lhe implorava que enviasse meus pertences e meu pouco dinheiro que estavam no meu quarto. Uma aldeã, de uns vinte ou vinte e cinco anos, muito viva e espirituosa, prometeu encarregar-se de entregar minha carta, e de obter quantas informações pudesse para me satisfazer quando voltasse, sobre

todos os diferentes assuntos que eu gostaria de saber. Recomendei-lhe expressamente de ocultar o lugar de onde saía, de não falar em mim de maneira alguma, de dizer que tinha consigo uma carta de um homem que a enviara de mais de quinze léguas dali. Jeannette, partiu, este o nome da minha estafeta, e vinte e quatro horas depois trouxe a resposta. É essencial, madame, dizer-vos o que aconteceu na casa do marquês de Bressac antes de vos mostrar o bilhete que recebi dele.

A condessa, sua mãe, que adoecera seriamente no dia da minha partida do castelo, morreu vinte e quatro horas depois em dores e convulsões espantosas. Os parentes acorreram para lá, e o filho, que parecia estar no maior desespero, afirmava que sua mãe fora envenenada por uma criada de quarto que fugira no mesmo dia e que se chamava Sofia. Procuraram essa criada de quarto e a intenção era fazê-la morrer na forca se fosse encontrada. De resto, o marquês, com essa herança, ficara bem mais rico do que pensara, e os cofres fortes, as pedrarias da Senhora de Bressac, objetos que ele praticamente ignorava, puseram o filho, sem contar com as rendas, de posse de mais de cem mil francos em objetos ou dinheiro vivo. Em meio à dor fingida, dizia-se que ele mal conseguia ocultar sua alegria, e os parentes convocados para a autópsia exigida pelo marquês, após ter deplorado a sorte da infeliz condessa e jurado vingar-se se aquela que cometera o crime lhe caísse nas mãos, deixaram o jovem na posse plena e tranqüila do fruto da sua perversidade. O Senhor de Bressac falara pessoalmente com Jeannette, fizera-lhe tantas perguntas diferentes, às quais a jovem respondera com tanta firmeza e franqueza que ele decidiu dar-lhe uma resposta sem insistir em mais nada.

— Ei-la, esta carta fatal, disse Sofia, tirando-a do bolso. Ei-la, madame, ela às vezes é necessária para meu coração e guardá-la-ei até meu último suspiro; lê-de, madame, se vos for possível fazê-lo sem tremer.

A Senhora de Lorsange pegou o bilhete das mãos de nossa bela aventureira e leu as seguintes palavras:

"Uma perversa capaz de ter envenenado minha mãe, é bem audaciosa para ousar escrever-me após tão execrável delito. É bom que ela oculte o melhor possível seu esconderijo; ela pode estar certa de que será perturbada se for encontrada. Que ousa reclamar... como fala ela de dinheiro e pertences? O que ela pôde deixar equivale aos roubos que fez durante sua estada nesta casa, onde

consumiu seu crime derradeiro. Que ela evite enviar um segundo estafeta como este, pois declaro-lhe que farei prendê-lo até que se conheça o lugar onde se oculta a criminosa e este seja comunicado à justiça."

— Prossegue, minha querida menina, disse a Senhora de Lorsange entregando o bilhete a Sofia, são procedimentos que causam horror... Nadar em ouro e recusar a uma desgraçada que não quis participar de um crime o que ela ganhou honestamente, é uma infâmia sem igual.

— Ai de mim, madame, prosseguiu Sofia, retomando sua narrativa. Chorei durante dois dias por causa dessa carta maldita, e sofria bem mais com as ações horríveis que ela ameaçava do que com a recusa que continha.

"Eis-me culpada, exclamava para mim mesma, eis-me uma segunda vez entregue à justiça por ter respeitado demais seus segredos. Seja, não me arrependo; independente do que possa acontecer-me, não conhecerei nem a dor moral nem os arrependimentos, enquanto minha alma for pura e não tiver cometido outros erros senão os de ter escutado demais aos sentimentos de justiça e virtude que jamais me abandonarão."

Era-me, todavia, impossível crer que as buscas de que o marquês falava fossem verdadeira: elas tinham tão pouco de verossímil, era-lhe tão perigoso me fazer aparecer na justiça que imaginava que ele devia, no fundo, sentir-se infinitamente mais temeroso de ver-me, que eu não devia recear suas ameaças. Estas reflexões fizeram-me decidir permanecer onde estava, e a instalar-me, se possível, até que meu dinheiro, um pouco mais acumulado, me permitisse sair dali para mais longe. O Senhor Rodin, era o nome do médico em cuja casa estava hospedada, propôs-me ficar ali para servi-lo. Era um homem de trinta e cinco anos, de caráter duro, brusco, brutal, mas desfrutando em toda a região excelente reputação. E passando por homem hábil na arte que professava, no havendo nenhuma mulher em sua casa, ele estava bem contente, ao chegar, em encontrar uma que cuidasse da sua casa e de sua pessoa; ofereceu-me duzentos francos por ano e algum lucro de suas práticas; aceitei. Mas não confiava no meu novo patrão e ele continuava a ignorar quem eu era.

Havia dois anos que estava naquela casa sem que meu patrão jamais tivesse exigido de mim senão o cumprimento dos meus deveres — é uma justiça que lhe tenho de fazer — e embora eu não deixasse de ter muito trabalho ali, o tipo de tranqüilidade de espírito que eu gozava me fazia quase esquecer minhas tristezas,

quando o céu, que não queria que uma única virtude pudesse emanar do meu coração sem me abater imediatamente com o infortúnio, veio novamente roubar-me a triste felicidade em que me encontrava no momento para me fazer mergulhar novamente em novas desgraças.

Encontrando-me sozinha, um dia, na casa, ao percorrer os diversos locais que exigiam minha atenção e trabalho, pensei ouvir gemidos que saíam do fundo de um porão; aproximo-me... distingo melhor, ouço o choro de uma menina, mas uma porta bem fechada isolava-a de mim, impossibilitando-me de abrir-lhe a saída do seu cárcere. Mil idéias passaram-me então pela minha cabeça... O que poderia estar essa criatura fazendo ali? O Senhor Rodin não tinha filhos, não conhecia irmãs ou sobrinhas que lhes pudessem despertar o interesse e a quem pudesse estar castigando. A extrema regularidade em que eu o via viver não me permitia crer que aquela jovem se destinasse às suas devassidões. Por que motivo então ele a mantinha presa? Extremamente curiosa e decidida a resolver suas dificuldades, arrisquei-me a interrogar a criança e lhe perguntei quem era e o que fazia ali.

— Ai de mim, senhorita, respondeu-me chorando a infeliz, sou a filha de um carvoeiro da floresta, tenho apenas doze anos. O senhor que mora aqui raptou-me ontem com um dos seus amigos, num momento em que meu pai estava afastado; eles me amarraram, me enfiaram num saco cheio de farelo impedindo-me de gritar, puseram-me na garupa de um cavalo e me trouxeram para cá ontem à noite. Logo me colocaram neste porão. Não sei o que querem fazer de mim, mas quando chegamos eles me puseram nua, examinaram meu corpo, perguntaram minha idade e então, aquele que parecia ser o dono da casa disse ao outro que era preciso adiar a operação para depois de amanhã, por causa do meu medo, e que com um pouco de tranqüilidade, sua experiência sairia melhor e que eu satisfazia muito bem as condições que o paciente precisava ter.

Depois destas palavras, a menina calou-se e recomeçou a chorar com mais amargor. Procurei acalmá-la e prometi ajudá-la. Para mim era extremamente difícil compreender o que o Senhor Rodin e seu amigo, também cirurgião, pretendiam fazer com aquela infeliz. Todavia, a palavra paciente que eu os ouvira falar tantas vezes em outras ocasiões, me fizeram logo desconfiar que eles tinham a intenção pavorosa de fazer alguma dissecação anatômica no corpo vivo daquela desgraçada menina. Antes de aceitar esta cruel opinião, decidi esclarecer-me melhor. Rodin

chega com seu amigo, jantam juntos, despacham-me e finjo obedecer, mas oculto-me e a conversa deles me convence que seu projeto é terrível.

— Jamais, disse Rodin, a anatomia será perfeitamente conhecida a não ser que o exame dos vasos seja feito numa criança que acabe de expirar com uma morte cruel. Somente esta contração nos pode dar uma análise completa de uma parte tão interessante.

— O mesmo acontecia, continuou o outro, com a membrana que assegura a virgindade. É necessariamente obrigatório que seja uma criança o paciente dessa operação. O que se observa na idade da puberdade? — nada; os mênstruos rompem o hímen e todas as pesquisas são inexatas.

— É odioso, continuou Rodin, que considerações fúteis detenham o progresso das artes... Ora pois, é um paciente sacrificado para salvar milhões; deve-se hesitar por esse preço? O crime operado pelas leis é de outro tipo, diferente do que vamos praticar, e o objeto dessas leis tão sábias não é o sacrifício de um para salvar mil? Então, que nada nos detenha.

— Oh, quanto a mim, estou decidido, redargüiu o outro, há muito tempo já o teria feito, se tivesse me atrevido a tal coisa sozinho. Essa criança desgraçada, nascida para o infortúnio, deve nesse caso lamentar a vida? E um serviço que prestamos a ela e a sua família.

— Ela no-la teria vendido se tivéssemos oferecido dinheiro. Tenho por princípio, meu amigo, que todas as pessoas de classe aviltada só servem para experiências; é nestas que devemos aprender com ensaios para conservar práticas preciosas e que nos devem dar resultados financeiros. Pudesse eu dispor de tantas moedas de ouro quantas provas deste tipo já vi fazer e que eu mesmo já fiz quando trabalhava no hospital.

Não vos repetirei o resto da conversa, pois só tratou de coisas da sua arte, e não lhe dei muita atenção, mas dai por diante ocupei-me em salvar a qualquer preço essa infeliz vítima de uma arte sem dúvida muito preciosa, mas cujo progresso me parecia ser pago por preço alto demais, o sacrifício da inocência. Os dois amigos separaram-se e Rodin foi deitar-se sem me dizer nada. No dia seguinte, o dia destinado àquela cruel imolação, ele saiu de casa como de costume, dizendo-me que só voltaria para o jantar com seu amigo, como na noite

anterior. Mal ele se afastou pus-me a pensar somente no meu projeto. O céu ajudou-me, mas que recompensa recebi dele!

Desci ao porão, tornei a interrogar a menina... sempre as mesmas palavras, sempre os mesmos medos. Perguntei se ela sabia onde se põe a chave quando se sai da prisão. "Não, sei, respondeu-me ela, "mas creio que a gente leva consigo". Procuro por toda parte, quando sinto com o pé algo enfiado na areia; abaixo-me... é o que busco, abro a porta. A pobre menina agarra-me aos joelhos e molha minhas mãos com lágrimas agradecidas. Eu, sem pensar por instantes sequer o que arrisco, sem refletir sobre o destino que me aguarda, empenho-me em fazer aquela criança fugir e por sorte consigo fazê-la sair da aldeia sem encontrar ninguém. Ponho-a no caminho da floresta, abraço-a feliz, como ela e com sua felicidade e a que dará ao seu pai ao reaparecer.

A hora aprazada, os dois cirurgiões chegam esperançosos de executar seus projetos odiosos, jantam alegremente e sem demorar muito. Assim que terminam o jantar, descem ao porão. Não tomara outra precaução para ocultar o que fizera exceto romper a fechadura e repor a chave no lugar onde a encontrara, para dar a impressão de que a menina se salvara sozinha, mas aqueles a quem eu queria enganar não eram gente de se deixar iludir com tanta facilidade. Rodin sobe as escadas furioso, atira-se contra mim e me cobrindo de bofetadas me pergunta o que fiz com a criança que ele prendera. Começo a falar negando tudo... e minha maldita franqueza acaba por fazer-me dizer tudo. Nada iguala as expressões duras e coléricas dos dois bandidos; um deles propõe pôr-me no lugar da criança, o outro sugere suplícios ainda piores, e suas intenções, seus projetos, tudo se mistura com as bofetadas que me dão ambos, deixando-me tonta e logo fazendo-me perder os sentidos. Sua ira então se acalma; Rodin me reanima, e quando abro os olhos, eles me mandam ficar nua; assim que me ponho no estado que desejam, um deles me segura enquanto o outro me opera; cortam-me um dedo de capa pé; acalmam-me, depois cada um arranca-me um molar.

— E não é tudo, disse aquele homem cruel, pondo um ferro no fogo, eu a recebi chicoteada e vou mandá-la embora marcada.

E assim falando, o infame, enquanto seu amigo me segura, aplica-me na espádua o ferro ardente com que se marca os ladrões.

— Que ela se atreva a aparecer agora, a putinha, que se atreva, disse Rodin furioso, e ao mostrar essa letra ignominiosa, legitimarei o bastante as razões que me obrigaram a mandá-la embora com tanto segredo e rapidez.

Dito isso, os dois amigos me agarram; era noite; eles me levam até a entrada da floresta e ali abandonam-me tão cruelmente após terem-me feito ver todo o perigo de uma queixa contra eles se eu quisesse tentar pô-los no estado de aviltamento em que me encontro.

Qualquer outra pessoa ficaria temerosa com tal ameaça; desde que se pudesse provar que o tratamento que eu recebera não era obra de um tribunal, o que tinha eu a temer? Mas minha fraqueza, minha ingenuidade, o pavor das minhas desgraças em Paris e no castelo de Bressac, tudo me aturdiu, tudo me assustava e eu só pensava em afastar-me daquele lugar fatal assim que as minhas dores diminuíssem um pouco. Como eles haviam pensado cuidadosamente os ferimentos que me tinham causado, no dia seguinte pela manhã eu estava melhor, e após ter passado, debaixo de uma árvore, uma das noites mais terríveis de minha vida, pus-me a caminho assim que o dia despontou. As feridas dos meus pés impediam-me de andar ligeiro, mas com a pressa de afastar-me daquela floresta tão funesta para mim, caminhei quatro léguas naquele primeiro dia, e também nos dois dias seguintes; mas sem orientar-me e sem pedir informações a ninguém, o que fiz apenas foi rodear Paris e no quarto dia de caminhada, ao anoitecer, eu me encontrava apenas em Lieusaint; sabendo que este caminho poderia conduzir-me para as províncias meridionais da França, decidi segui-lo e chegar a qualquer preço àquelas regiões distantes, imaginando que a paz e o repouso que me eram tão cruelmente negados em minha pátria talvez me esperassem no fim do mundo.

Erro fatal! e quantas tristezas ainda devia eu provar! Minha sorte, bem mais medíocre na casa de Rodin que na do marquês de Bressac, não me obrigara a poupar uma parte do meu dinheiro; felizmente tinha-o todo comigo; isto em cerca de dez luíses, quantia totalizando o que eu poupara na casa de Bressac, e o que ganhara na casa do cirurgião. No auge da minha desgraça, tinha eu ainda a sorte de não me terem tirado esse socorro e dizia para mim mesma que essa quantia me manteria até que eu pudesse encontrar um lugar onde ficar. As infâmias que me haviam causado não apareciam e eu imaginava poder ocultá-las sempre, e que sua marca infamante não me impediria de ganhar a vida. Eu estava com vinte e dois anos, de saúde robusta, ainda que eu fosse delicada e fina, um corpo que, para minha desgraça, era por demais elogiado, algumas virtudes que, embora me

prejudicassem sempre, mesmo assim me consolavam intimamente, fazendo-me esperar que um dia a Providência me daria senão algumas recompensas, pelo menos suspenderia as desgraças que me haviam sido dadas.

Cheia de esperança e coragem, continuei meu caminho até Sens. Ali, como meus pés ainda mal curados faziam-me sofrer horrivelmente, decidi repousar alguns dias, mas como não me atrevia a confiar a ninguém a causa dos meus sofrimento, e lembrando-me dos medicamentos que vi Rodin usar em ferimentos semelhantes, eu mesma os comprei e fiz meus curativos. Uma semana de repouso fizeram-me recuperar por completo. Talvez encontrasse um lugar onde ficar, mas instada pela necessidade de afastar-me ainda mais, não quis sequer procurar. Retomei o caminho com o desejo de encontrar a sorte no Delfinado. Muito ouvira falar desse país desde criança e imaginei que ali eu seria feliz. Vamos ver como me saí.

Em nenhuma circunstância de minha vida os sentimentos de religião me abandonaram; desprezando os vãos sofismas dos espíritos fortes, crendo-os nascidos mais da libertinagem do que de uma convicção firme, eu os combatia com minha consciência e meu coração, encontrando ora num ora noutra tudo o que precisava para respondê-los. Às vezes obrigada pelas minhas desgraças a esquecer meus deveres piedosos, sempre reparava esses erros quando a ocasião se me apresentava. Acabara de partir de Auxerre a 7 de junho; jamais esquecerei esse dia. Caminhara cerca de duas léguas e o calor começava a me dominar. Decidi subir uma pequena elevação encimada por um pequeno bosque, um pouco afastada do caminho, à esquerda, para refrescar-me e dormir algum tempo por um preço mais barato que num albergue e mais segura do que na estrada. Subi, sentei-me ao pé de um carvalho onde, após um desjejum frugal de um pouco de pão e água, entreguei-me às doçuras do sono; dormi tranqüila por mais de duas horas, e mal meus olhos se abriram, pus-me a contemplar a paisagem que se me oferecia à esquerda do caminho. Em meio a uma floresta que se perdia de vista, julguei ver a umas três léguas de onde eu estava, um pequeno campanário erguido modestamente no ar.

"Doce solidão, disse para mim mesma, como tua morada me causa inveja. Deve ser o asilo de algumas religiosas ou de alguns santos eremitas, ocupados somente com seus deveres, totalmente consagrados à religião, afastados daquela sociedade perniciosa onde o crime, lutando incessantemente contra a inocência, acaba sempre por triunfar. Estou certa de que todas as virtudes devem morar ali."

Eu estava ocupada com estes pensamentos quando vi aparecer uma jovem, da minha idade, que pastoreava algumas ovelhas naquela elevação. Indaguei sobre aquela habitação e ela me disse tratar-se de um convento de recoletos, ocupado por quatro solitários a quem ninguém igualava em religião, continência e sobriedade.

— As pessoas ali vão, continuou a moça, uma vez por ano em peregrinação por causa de uma virgem miraculosa de quem os piedosos obtêm tudo o que querem.

Agitada com desejo de ir imediatamente implorar socorro aos pés daquela santa mãe de Deus, perguntei à jovem se ela queria acompanhar-me. Ela me disse que era impossível, que sua mãe a esperava em casa, mas que o caminho era fácil, mostrando-o disse que o padre guardião, o mais respeitável e o mais santo dos homens, não só me receberia muito bem, como até mesmo me ofereceria socorro, se dele tivesse necessidade.

— Chamam-no de reverendo padre Rafael, continuou a jovem; ele é italiano mas passou a maior parte da vida na França; aprecia esta solidão e recusou do papa, de quem é parente, muitos e excelentes benefícios; é homem de uma grande família, doce, serviçal, cheio de zelo e piedade, com uns cinqüenta anos de idade e a quem todos na região encaram como um santo.

A narrativa dessa pastora aumentara ainda mais o desejo, ao qual tornou-se-me impossível resistir, de ir em peregrinação até aquele convento e ali reparar, pelos atos mais piedosos que me fossem possíveis todas as negligências de que era culpada. As necessidades que eu própria tinha de fazer caridade, fi-las àquela jovem, e eis-me então a caminho de Sainte Marie des Bois, que era o nome do convento para onde me dirigia. Quando cheguei à planície não vi mais o campanário e só podia guiar-me pela floresta. Não perguntara à pastora quantas léguas havia até o convento e logo percebi que a distância era muito maior do que calculara. Mas nada me desencoraja, chego à orla da floresta, e vendo que me resta ainda alguma claridade, estou decidida a mergulhar nela, quase certa de chegar ao convento antes do anoitecer... Enquanto isso, nenhuma indicação da presença do ser humano se me apresenta, nenhuma casa, e por caminho apenas um sendeiro de terra batida que eu sigo ao acaso.

Percorrera pelo menos cinco léguas desde que deixara a colina onde acreditara que no máximo três me levariam à minha destinação e ainda não via nada quando

o sol começava a pôr-se. Ouvi por fim o som de um sino a menos de uma légua dali. Tomo aquela direção, apresso-me, o caminho alarga um pouco... e ao fim de uma hora de caminhada desde que ouvi o sino, vejo por fim algumas sebes e logo depois, o convento. Nada mais agreste que aquela solidão; nenhuma habitação por perto, a mais próxima ficava a mais de seis léguas dali e por toda parte havia pelo menos três léguas de florestas. O convento estava situado no fundo de um vale e tive de descer muito para lá chegar. Esta era a razão porque perdera de vista o campanário quando cheguei à planície. A cabana de um irmão jardineiro estava rente aos muros do asilo interno e foi para esta que me dirigi antes de entrar. Pergunto ao santo eremita se é permitido falar com o padre guardião. Ele me pergunta o que desejo e explico-lhe que é um dever de religião... que uma promessa me levou para aquele refiro piedoso e que eu seria bem consolada de todas as penas que sofria para chegar até ali, se pudesse ajoelhar-me aos pés da virgem e do santo diretor em cuja casa está a miraculosa imagem.

O irmão, oferecendo-me repouso, entra logo no convento e, como já anoitecera e os padres estavam jantando, ele demorou um pouco a voltar. Por fim reapareceu com um religioso:

— Eis o padre Clemente, senhorita, disse-me o irmão, é o despenseiro da casa e veio ver se o que desejais merece que se interrompa o padre guardião.

O padre Clemente era um homem de quarenta e cinco anos, enormemente gordo e de um porte gigantesco, olhar feroz e sombrio, o som de sua voz era duro e rouco e logo no primeiro instante fez-me tremer mais do que consolar-me ... Um tremor involuntário tomou então conta de mim e sem que me fosse possível controlá-las, as lembranças de todos os meus sofrimentos passados voltaram à minha memória perturbada.

— Que desejais, perguntou-me o monge com muita rispidez, será esta hora de se vir a uma igreja? E tendes bem o ar de uma aventureira.

— Santo homem, disse eu prosternando-me, acreditava que sempre é hora de se apresentar à casa de Deus; venho de muito longe para chegar aqui, cheia de fervor e devoção, peço-vos que me confesse se for possível e quando minha consciência vos for conhecida, vereis se sou digna ou não de prosternar-me aos pés da imagem miraculosa que tendes em vossa santa casa.

— Mas ainda não é hora de confessar, disse o monge tornando-se mais doce; onde passareis a noite? Não temos lugar para vos alojar; seria melhor vir pela manhã.

Ao ouvir estas palavras, contei-lhe todas as razões que me haviam impedido de chegar mais cedo e, sem responder, foi falar ao guardião. Alguns minutos depois ouvi abrirem a igreja e o padre guardião dirigiu-se para a cabana do jardineiro, onde eu estava, e convidou-me a entrar com ele no templo. Será bom dar-vos uma idéia do padre Rafael. Ele era um homem com a idade que me tinham dito, mas a quem não se daria quarenta anos; era magro, alto, de um semblante espiritual e doce, falando muito bem o francês, se bem que com leve sotaque italiano, de boas maneiras e simpático por fora embora sombrio e feroz por dentro, como logo terei ocasião de vos convencer plenamente.

— Minha menina, disse-me graciosamente esse religioso, embora a hora seja absolutamente imprópria e não costumemos receber peregrinos tão tarde, mesmo assim ouvirei vossa confissão e depois veremos como fazer para que passeis uma noite decente até amanhã a hora em que podereis saudar a santa imagem.

Dito isso, o monge acendeu algumas lâmpadas ao redor do confissionário e me disse para sentar-me ali. E depois de fazer retirar o irmão e fechar todas as portas, pediu-me que confiasse nele. Perfeitamente tranqüilizada na companhia de um homem tão doce de aparência, os medos que senti por causa do padre Clemente, após ter-me humilhado aos pés de meu diretor, abri-me inteiramente a ele, e com minha candura e minha confiança normais, revelei-lhe tudo o que me dizia respeito. Contei-lhe todas as minhas faltas e confiei-lhe todas as minhas desgraças, sem omitir coisa alguma, nem mesmo a marca vergonhosa que me fizera o execrável Rodin.

O padre Rafael escutou-me com a maior atenção, fez-me mesmo repetir vários detalhes com ar de piedade e interesse... e suas perguntas principais levaram repetidamente aos seguintes temas:

1° — Se era mesmo verdade que eu era órfã e de Paris;

2° — Se eu estava bem segura de que não tinha mais nem parentes, amigos, proteção ou alguém a quem escrevesse;

3º — Se eu confiara senão à pastora o desejo de vir ao convento; e se não fiquei de encontrar-me com ela ao voltar;

4º — Se era verdade que eu era virgem e não tinha mais de vinte e dois anos;

5º — Se estava certa de que ninguém me seguiu e se ninguém me viu entrar no convento.

Após dar-se plenamente por satisfeito com estas perguntas e com a maneira como as respondi, com o ar mais ingênuo:

— Ora muito bem, disse-me o monge levantando-se e me pegando pela mão, vinde minha menina; é tarde demais para saudares a virgem esta noite, mas dar-vos-ei amanhã a doce satisfação de comungar aos pés de sua imagem, mas agora pensemos no modo de fazer-vos jantar e dormir.

Assim dizendo, conduziu-me para a sacristia.

— O que, disse-lhe eu então com uma espécie de inquietação que não conseguia dominar, o que, meu pai, dentro da vossa casa?

— E onde então, encantadora peregrina, respondeu-me o monge abrindo uma das portas do claustro que dão para a sacristia, e introduzindo-me na casa. O que, temeis passar a noite com quatro religiosos? Oh, vereis, meu anjo, que não somos tão carolas como parecemos e que sabemos muito bem divertir-nos com uma bela noviça.

Estas palavras, que o monge pronunciou não sem me fazer ofensas indecentemente em lugares que o pudor impede-me de dizer o nome, fizeram-me tremer até o fundo da alma: "Oh, justo céu, disse para mim mesma, serei eu ainda a vítima dos meus bons sentimentos, e o desejo que tenho de aproximar-me do que a religião tem de mais respeitável será punido uma vez mais como crime?" Enquanto avançamos, sempre na escuridão, a respiração do monge acelerava e ele parava de quando em vez para renovar a indecência dos seus gestos. Animado pelo êxito dos seus projetos, ele tomou mesmo a liberdade de enfiar uma das mãos sob minhas saias e segurando-me com a outra para que não fugisse, ele me conspurcou com toques desonestos em várias partes do corpo e me obrigou a receber beijos impudicos que me causaram horror.

— Ah, céus, estou perdida! disse-lhe eu.

— Receio que sim, respondeu-me o bandido, mas não é mais hora de refletir.

Continuamos andando, ele cada vez mais audacioso; eu, quase desmaiada: finalmente chegamos a uma escada numa extremidade do claustro. Rafael fez-me passar à sua frente, e como percebeu alguma resistência, empurrou-me com brutalidade praguejando da maneira mais dura, e repetindo que não dava mais para recuar:

— Ah, logo verás se não seria bem melhor para ti caíres no esconderijo de ladrões do que no meio de quatro libertinos como os que vão divertir-se contigo.

Todos os motivos de terror se multiplicaram tão rapidamente aos meus olhos que não tive sequer tempo de alarmar-me com essas palavras; mal as ouvi e logo novos motivos de alarma atingiram-me os sentidos. A porta se abre e vejo ao redor de uma mesa três monges e três moças, todos os seis no estado mais indecente do mundo; duas delas estavam inteiramente nuas, a terceira estava sendo despida e os monges estavam quase que no mesmo estado.

— Meus amigos, disse Rafael ao entrar, faltava-nos uma, ei-la aqui. Permitti-me de vos apresentar um verdadeiro fenómeno. Eis aqui uma Lucrecia que traz consigo a um só tempo, nas espáduas a marca das mulheres de má vida e ali, continuou ele com um gesto tão significativo quanto indecente ... ali, meus amigos, a prova certa de uma virgindade comprovada.

Ouviu-se gargalhadas por toda a sala com esta recepção singular, e Clemente, quem me vira primeiro, logo bradou, já meio embriagado, que era preciso verificar os fatos sem demora. Como tenho necessidade de vos descrever a gente com quem estava, serei obrigada a interromper minha narrativa aqui. Deixar-vos-ei esperando o menos possível pela continuação da minha história. Imagino que ela seja suficientemente crítica para vos despertar algum interesse.

Já conheceis bem a Rafael e a Clemente e assim posso passar aos outros dois.

O padre Jerônimo, o superior da casa, era um velho libertino de sessenta anos, homem tão duro e brutal quanto Clemente, mais bêbedo que ele e que, calejado pelos prazeres da natureza era obrigado, para se reanimar, a recorrer a experiências depravadas que o ultrajam.

Antonin era um homenzinho de quarenta anos, seco, franzino, de temperamento ardente, aparência de sátiro, peludo como um urso, de uma libertinagem desenfreada, de uma impertinência e de uma maldade sem igual.

Florette era a mais jovem das mulheres, natural de Dijon, com uns quatorze anos, filha de um abastado burguês daquela cidade e raptada pelos sequazes de Rafael que, rico e com muito crédito na sua ordem, não esquecia nada que pudesse servir às suas paixões; ela era morena, de olhos muito bonitos e feições vivas. Cornélia tinha uns dezesseis anos, era loura, muito interessante, belos cabelos, uma pele encantadora e o mais belo corpo possível; era natural de Auxerre, filha de um comerciante de vinhos e fora seduzida pelo próprio Rafael que a atraía secretamente para suas armadilhas. Onfalo era uma mulher de trinta anos, muito grande, de um porte muito doce e agradável, formas muito pronunciadas, cabelos soberbos, o mais belo colo possível e os olhos mais ternos que se pode ver. Era filha de um vinhateiro de Joigny muito agradável e às vésperas de casar-se com um homem que devia fazer-lhe a fortuna, quando Jerônimo roubou-a de sua família pelas seduções mais extraordinárias, quando ela contava dezesseis anos. Esta a sociedade onde eu ia viver, esta a cloaca de impureza e imundícies onde pensara encontrar as virtudes como o asilo respeitável que as convinha.

— Logo fizeram-me entender, assim que me vi no meio daquele círculo horrendo, que seria melhor imitar a submissão de minhas companheiras.

— Podeis imaginar facilmente, disse-me Rafael, que de nada vos servirão as tentativas de resistência no retiro inabordável para onde vossa má estrela vos conduziu. Disseste-me haverdes provado muitas desgraças e segundo vossa narrativa isto é verdade, mas vedes que o maior de todos para uma jovem virtuosa ainda não está na lista de vossos infortúnios. Será natural ser virgem na sua idade; não será isto uma espécie de milagre que não pode durar muito mais tempo? . . . Eis aí as companheiras que, como vós, tentaram evitar-nos quando se viram obrigadas a nos servir, e que como vós fareis sabiamente, acabaram por submeter-se quando viram que a rebelião só lhes poderia resultar em maus tratos.

Na situação em que vos encontrais, Sofia, como esperais defender-vos? Olhai para o abandono em que vos encontrais no mundo; como haveis confessado, não vos restam parentes ou amigos; encarai vossa situação como um deserto, longe de qualquer socorro, ignorada por toda a terra, nas mãos de quatro libertinos que

certamente não têm vontade de vos poupar... a quem recorrereis então; será a esse deus a quem vindes implorar com tanto zelo, e que aproveita-se deste fervor para vos precipitar num pouco mais dentro da armadilha?

Não vedes que não há nenhum poder humano ou divino que possa retirar-vos de nossas mãos, que não há na classe das coisas possíveis, nem na dos milagres, nenhuma espécie de meio que possa conseguir fazer-vos conservar por muito mais tempo esta virtude da qual sois tão zelosa, que possa, enfim, vos impedir de transformar-vos em todos os sentidos e de todas as maneiras possíveis, vítima dos excessos impuros aos quais nos vamos entregar, todos os quatro. Despi-vos, então, Sofia, e que a mais total resignação possa tornar-vos merecedora de bondades da nossa parte, que logo serão substituídas pelos tratamentos mais cruéis e ignominiosos se não vos submeterdes; tratamentos que apenas nos excitarão mais, sem proteger-vos contra a nossa intemperança e nossas brutalidades.

Eu sentia que estas terríveis palavras não me deixavam nenhum recurso, mas não era eu culpada de não empregar senão os que me indicavam meu coração e que me deixava ainda a natureza? Atiro-me aos pés de Rafael, emprego todas as forças de minha alma para lhe suplicar que não abuse do meu estado, as lágrimas mais amargas molham seus joelhos e tudo o que minha alma pode ditar-me de mais patético, procuro dizer em prantos, mas não sabia ainda que as lágrimas têm um atrativo a mais aos olhos do crime, e da devassidão. Ignorava que tudo o que tentava para comover esses monstros apenas os inflamava ainda mais... Rafael levanta-se enfurecido.

— Pega esta mendiga, Antonin, disse ele franzindo o sobrolho, e ponha-a nua num instante aos nossos olhos, ensina-lhe que não é entre homens como nós que a compaixão pode ter direitos.

Antonin agarrou-me com um braço seco e nervoso e misturando palavras e ações de pragas espantosas, em dois minutos arrancou-me as vestes e me deixou nua aos olhos da assembléia.

— Eis uma bela criatura, disse Jerônimo, que o convento me esmague se vi algo mais belo nestes trinta anos.

— Um momento, disse o guardião, ponhamos um pouco de ordem nos nossos procedimentos: todos conhecem as nossas fórmulas de recepção; que ela se

submeta a todas, sem faltar uma, que durante esse tempo estas três outras mulheres fiquem junto de nós para satisfazer nossos desejos ou para excitá-los em nós.

Logo formou-se um círculo, colocaram-me no meio e durante mais de duas horas fui examinada, considerada, apalpada por cada um dos quatro libertinos, recebendo de cada um elogios ou críticas.

Permiti-me, madame, disse nossa bela prisioneira, corando prodigiosamente neste ponto, de vos ocultar parte dos detalhes obscenos que ocorreram na primeira parte dessa cerimônia; que vossa imaginação vos descreva tudo o que a devassidão pode, em tal caso, ditar aos libertinos, que ela os veja passarem sucessivamente de minhas companheiras para mim, comparar, aproximar, confrontar, discorrer, e provavelmente ainda não fará senão uma pálida idéia do que se executou naquelas primeiras orgias, bem pálidas em comparação com todos os horrores de que logo seria vítima.

— Vamos, disse Rafael cujos desejos prodigiosamente exacerbados pareciam ter chegado ao ponto de não mais serem contidos, é tempo de imolar a vítima; que cada um de nós se prepare para fazê-la submeter-se aos seus prazeres favoritos.

E o indecoroso homem, colocando-me num sofá na atitude propícia aos seus execráveis prazeres, fazendo com que Antonin e Clemente me segurassem... Rafael, italiano, monge e depravado, se satisfez afrontosamente sem me desvirginar. Oh, cúmulo do desregramento! poder-se-ia dizer que cada um desses homens devasos era feito de uma glória para esquecer a natureza na escolha dos seus prazeres indignos .. .

Clemente aproxima-se, excitado pelo espetáculo de infâmias que seu superior, bem mais ainda por tudo a que se entregou observando-o. Ele me declara que não será mais perigoso para mim do que seu guardião e que o lugar onde oferecerá sua homenagem deixará minha virtude sem perigo. Ele me põe de joelhos, à sua frente, e depois de pé, colando-se a mim nessa posição, suas ignominiosas paixões se saciam num lugar que me proibia, durante o sacrifício, de queixar-me da sua anormalidade.

Segue-se Jerônimo; seu templo é o de Rafael, mas ele não se introduz no santuário; satisfeito em observar o peristilo, emocionado por episódios primitivos

cuja obscenidade não se descreve, ele só chegou à saciedade dos seus desejos pelos meios bárbaros que, remontando à infância da vítima do libertino, o faz gozar de uma espécie de tirania que ampara algumas ponderações sofisticadas, que transmite, desgraçadamente, de século para século, um costume odioso e do qual a humanidade sempre estremecerá.

— ifs aí os felizes preparativos, disse Antonin agarrando-me, vinde, bela Sofia, vinde que eu vos vingarei da irregularidade dos meus confrades e para que por fim colha as primícias agradáveis que sua intemperança deixa para mim...

Mas que detalhes... bom Deus... é-me impossível descrevê-los; dir-se-ia que esse perverso, o mais libertino dos quatro, embora parecesse o menos afastado dos modos da natureza, não consentia aproximar-se dela, pôr um pouco menos de inconformidade em seu culto, senão compensando com essa aparência uma depravação menor em tudo o que podiam me ultrajar ainda mais... Ai de mim, se alguma vez minha imaginação iludiu-se sobre tais prazeres, eu os cria castos como o deus que os inspirava, dados pela natureza para servir de consolo aos seres humanos, nascidos do amor e da delicadeza, estava muito longe de crer que o homem, a exemplo dos animais ferozes, não pudesse fruir deles senão fazendo tremer seus companheiros; eu o provei num tal grau de violência que as dores da dilaceração da minha virgindade foram as menores que tive de suportar naquele perigoso ataque, mas foi no momento de sua crise que Antonin terminou com gritos tão furiosos, com excursões tão mortíferas sobre todas as partes do meu corpo, por mordidas, enfim, semelhantes às carícias sangrentas dos tigres, que por instantes julguei ser presa de algum animal selvagem que se saciava a devorar-me. Terminados esses horrores, tombei sobre o altar onde fora imolada, inconsciente e imóvel.

Rafael mandou que as mulheres cuidassem de mim e me dessem de comer, mas um acesso de tristeza furiosa assaltou-me a alma nesse momento cruel; não pude suportar a horrível idéia de ter por fim perdido aquele tesouro de virgindade pelo qual teria sacrificado cem vezes a vida, de me ver marcada por aqueles que, ao contrário, deveriam prestar socorro e consolos morais. Minhas lágrimas correram abundantes, meus gritos ecoavam pela sala, eu rolava pelo chão, arrancava meus cabelos, suplicava aos meus carrascos que me dessem a morte, e embora aqueles perversos por demais empedernidos para tais cenas se ocupassem mais a desfrutar de novos prazeres com minhas companheiras em lugar de acalmar minha dor ou consolá-la, e mesmo importunados com meus gritos,

decidiram levar-me a repousar num lugar de onde não pudessem ouvi-los... Onfalo ia conduzir-me quando o pérfido Rafael, olhando-me novamente com lascívia, malgrado o estado cruel em que me encontrava, disse não querer que me levassem ainda sem que fosse novamente sua vítima... Mal concebeu seu projeto, ele o executou... mas seus desejos, tendo necessidade de um grau ainda maior de excitação, somente com o uso dos meios cruéis de Jerônimo é que ele consegue reunir as forças necessárias ao cumprimento de seu novo crime. Que excesso de devassidão, bom Deus! seria possível que esses monstros levassem sua ferocidade ao ponto de escolher o exato momento de uma crise de dor moral como a que eu sofria, para me submeterem a uma crise física tão bárbara?

— Oh!, por Deus, disse Antonin agarrando-me também, nada melhor de seguir do que o exemplo de um superior, e nada mais picante que as repetições; a dor, dizem, predispõe ao prazer, estou convencido de que esta bela menina vai tornar-me o mais feliz dos homens.

E malgrado minha repugnância, meus gritos e minhas súplicas, tornou-me pela segunda vez o alvo infeliz dos insolentes desejos daqueles miseráveis.

— Isto é bastante para a primeira vez, disse Rafael levando Florette consigo; vamos dormir; veremos amanhã se a doce Agnes aproveitou minhas lições, e todos se dispersaram. Eu estava aos cuidados de Onfalo; esta sultana, mais idosa que as outras, pareceu-me a encarregada dos cuidados das irmãs. Ela levou-me para nosso apartamento comum, uma espécie de torre quadrada tendo em cada ângulo um leito para cada uma das quatro. Um dos monges normalmente acompanhava as jovens quando elas se retiravam e fechava a porta com dois ou três ferrolhos. Foi Clemente o encarregado destes cuidados; uma vez lá dentro, era impossível sair; não havia nenhuma saída daquele aposento exceto um gabinete para nossas necessidades e toailete, cuja janela era também gradeada como a do quarto onde dormíamos. Afora isso, nenhuma espécie de móvel exceto uma cadeira e uma mesa junto do leito cercado de uma cortina, algumas caixas de madeira, algumas "chaises percées", bidês e uma mesa comum de toailete; mas somente no dia seguinte é que vi tudo isso; abatida demais para ver alguma coisa no primeiro momento, ocupei-me somente com minha dor.

"Oh, justo céu, dizia para mim mesma, está então escrito que nenhum a`o de virtude se emanará do meu coração sem ser imediatamente seguido de um tormento! Que mal fiz eu, meu Deus, desejosa de cumprir nesta casa um dever

piedoso, ofendi os céus querendo cumpri-lo, é este o preço que devia esperar? Oh, decretos incompreensíveis da Providência, dignai por instantes, abrir-vos aos meus olhos se não quiserdes que me revolte contra vossas leis!"

Lágrimas amargas seguiram a estas reflexões e estava ainda molhada quando, ao despontar o dia, Onfalo aproximou-se do meu leito.

— Querida companheira, disse-me ela, venho exortar-te a ter coragem; chorei como tu nos primeiros dias e agora o hábito está adquirido, farás o mesmo que eu; os primeiros momentos são terríveis, e não é somente a obrigação de saciar perpetuamente as idéias desenfreadas desses depravados que faz o suplício de nossa vida, é a perda da nossa liberdade, é a maneira brutal como somos tratadas, nesta casa infame ... Os desgraçados consolam-se em ver outros sofrerem perto deles.

Embora minhas dores fossem intensas, acalmei-as por um instante para pedir a minha companheira que me informasse dos males que me aguardavam.

— Escuta, disse-me Onfalo sentando-se perto de minha cama. Vou falar-te com confiança, mas lembra-te de jamais abusares dela ... O mais cruel dos nossos males, minha querida amiga, é a incerteza do nosso destino; é impossível dizer o que acontece conosco quando saímos daqui. Temos tantas provas quanta nossa solidão permite obter, que as jovens despachadas pelos monges jamais reaparecem no mundo; eles próprios nos previnem disso, não nos ocultando que este retiro é nosso túmulo. Todavia, todos os anos duas ou três saem daqui. O que acontece com elas então? Serão elas mortas? As vezes eles nos dizem que sim, outras vezes, que não. Mas nenhuma das que saíram, por mais que nos tenham prometido fazer queixas contra este convento e trabalhar para nossa libertação, nenhuma delas cumpriu sua palavra. Será que eles neutralizam essas queixas, ou põem essas jovens em condições de nada dizerem? Quando pedimos as recém-chegadas que nos dêem notícias das que se foram, nenhuma delas as conhece.

"O que acontece então com essas desgraçadas? eis o que nos atormenta, Sofia, eis a fatal incerteza que representa o verdadeiro tormento dos nossos desgraçados dias. Ha quatorze anos estou nesta casa e mais de cinqüenta jovens eu vi sair... onde estão elas? Por que todas, tendo jurado ajudar-nos, nenhuma delas cumpriu a palavra? Nosso número é limitado a quatro, pelo menos neste quarto, pois todas estamos persuadidas de que existe outra torre igual a esta onde prendem igual número; muitas coisas na conduta deles, muitas das suas palavras

nos convenceram disso, mas se estas companheiras existem, jamais as vimos. Uma das maiores provas que temos sobre isto é que nunca servimos mais de dois dias seguidos; fomos empregadas ontem, descansaremos hoje; certamente esses devassos não fazem um dia de abstinência. Além disso, nada justifica nosso retiro, a idade, a mudança de traços, o tédio, os desagradados, nada senão o capricho deles determina dar-nos a fatal dispensa que nos é impossível saber se nos será agradável.

"Vi aqui uma mulher de setenta anos, que partiu no verão passado; ela ficou aqui sessenta anos, e viu sair mais de trezentas mulheres, e desde que cheguei aqui já vi reformarem mais de doze que ainda não tinham dezesseis anos. Eu as vi partirem após três dias de chegadas; outras, no fim de um mês; outras, ainda, depois de vários anos; não há nisso nenhuma regra senão a vontade, ou melhor, os caprichos dos monges. A conduta também não tem valor algum; vi mulheres anteciparem seus desejos e que foram embora ao fim de seis semanas; outras que eram desenxabidas e fantásticas, eles conservavam por muitos anos. Portanto é inútil prescrever a uma recém-chegada qualquer tipo de conduta; a fantasia deles rompe todas as leis e não há nada de regular neles.

"Quanto aos monges, eles variam pouco; há dez anos Antonin está aqui, Clemente mora aqui há dezesseis anos, Jerônimo há trinta e Rafael há dezesseis. Eles substituíram o velho guardião, um homem de sessenta anos e que morreu num excesso de devassidão .. . Este Rafael, nascido em Florença, é parente próximo do papa, com quem dá-se muito bem; somente depois é que o pretenso milagre da virgem assegurou a reputação do convento e impediu que os maldizentes observassem muito atentamente o que se passa aqui, mas a casa já estava montada como a vês quando ele chegou aqui. Ela existe há quase cem anos, dizem, como está agora, e todos os guardiães que aqui vieram conservaram-na como uma ordem vantajosa para seus prazeres. Rafael, um dos monges mais libertinos do seu século, quis vir para cá apenas para viver uma vida de acordo com seus gostos; sua intenção é de manter os privilégios secretos durante o tempo que puder. Somos ligados à diocese de Auxerre, mas quer o bispo seja informado ou não, nunca o vemos aparecer por aqui. Em geral, o convento é pouco freqüentado; com exceção do tempo da festa, que ocorre no fim de outubro, durante o ano não aparecem mais de dez pessoas por aqui. Mas quando alguns estranhos aparecem, o guardião tem o cuidado de recebê-los bem e de lhes impor aparências incontáveis de austeridade e religião. Eles partem contentes,

elogiam a casa e a impunidades destes perversos se firma sobre a boa fé do povo e a credulidade dos devotos.

"De resto, nada é mais severo que as regras da nossa conduta e não há nada tão perigoso para nós como ofendê-los no que quer que seja. É essencial que eu entre em alguns detalhes contigo sobre isso, prosseguiu minha instrutora, porque aqui não é desculpa dizer: não me castigueis pela infração desta lei, eu a desconhecia. E preciso informar-se com as companheiras ou adivinhar tudo sozinha; nada te dizem e te castigam por tudo. A única punição permitida é o chicote, aplicado a qualquer parte do corpo, dependendo da falta, sem exceção sequer das partes mais delicadas e menos adequadas para esta ignomínia. É muito fácil um episódio dos prazeres desses perversos transformar-se na sua punição favorita. Tu a provaste ontem sem cometer falta alguma; e logo a provarás por tê-la cometido. Todos os quatro são muito dados a esta cruel depravação e todos os quatro se revesam como carrasco. A cada dia um deles é o que chamamos de regente do dia; é ele quem recebe os relatórios da mais velha do quarto, a encarregada de tudo o que se passa nos jantares dos quais participamos, que aplica as faltas e as castiga; passemos em revista cada um desses artigos:

"Somos obrigadas a nos levantar e estarmos prontas às nove horas da manhã; às dez trazem-nos pão e água para o desjejum; às duas horas servem-nos um almoço que consiste de uma sopa muito boa, um pedaço de carne cozida, um prato de legumes, às vezes algumas frutas e uma garrafa de vinho para as quatro. Regularmente, todos os dias, verão ou inverno, às cinco horas da tarde, o regente vem nos visitar; é então que ele recebe a delação da mais velha; e as queixas que esta pode fazer referem-se às meninas do seu quarto; se não houve nenhuma sugestão de mau humor ou revolta, se todas levantaram-se à hora prescrita, se elas se arrumaram como deviam, se comeram direito e se ninguém pensou em fuga. Eles nos fazem prestar contas de todas essas coisas e arriscamo-nos a sermos castigadas se não o fizermos.

"Daí, o regente do dia passa à nossa privada, examinando tudo ali; cumprida a sua tarefa, é raro que ele saia sem se divertir como uma de nós e, mais freqüentemente, com todas as quatro. Depois que ele sai, ficamos senhoras de nosso tempo, podemos ler ou conversar, distrairmo-nos entre nós mesmas ou de deitarmo-nos quando queremos; se devemos jantar naquela noite com os monges, um sino toca, avisando-nos para nos prepararmos. O regente do dia vem nos buscar pessoalmente, descemos para aquela sala onde nos vistes e a primeira

coisa que se faz é ler o livro de faltas desde a última vez que ali estivemos. Em primeiro lugar, as faltas cometidas naquele último jantar, consistindo de negligências, frieza para com os monges quando os servíamos, a despeito do aviso, de submissão ou de obediência, conforme a exigência; a isto acrescenta-se a lista das faltas cometidas no quarto durante os dois dias e relatadas pela mais velha. As delinqüentes ficam, uma de cada vez, no centro da sala; o regente do dia faz a lista das suas faltas e diz qual o castigo; a seguir elas são despidas pelo guardião ou por outro, se o guardião é o regente do dia, e o regente lhes ministra a punição imposta por ele próprio e de um modo tão violento que é difícil esquecê-la. A arte desses perversos é tal que é quase impossível passar-se um só dia cem que haja punições.

"Cumprida estas tarefas, as orgias começam e me seria impossível detalhá-las; tão bizarros são seus caprichos que não se lhes pode regrar. O objetivo essencial é jamais recusar... prevenir-se de tudo, e mesmo com este meio, por melhor que seja, nem sempre estamos em segurança. No meio das orgias, jantamos; somos admitidas a este repasto, sempre bem mais requintado e suntuoso que os nossos; as bacanais recomeçam quando os monges já estão meio embriagados; é então que sua imaginação desregrada atinge às raias do excesso; à meia-noite nos separamos, quando cada um deles pode ficar com uma de nós para passar a noite, a favorita vai deitar-se na cela dele e pela manhã vai ter-se com as outras. Estas voltam para seu quarto, encontrando-o arrumado e preparado. As vezes, pela manhã, pode ser que um dos monges mande chamar uma de nós para sua cela; é o irmão que cuida de nós que vem nos buscar e que nos conduz àquele que nos deseja. Depois é este que nos traz de volta ou manda o irmão trazer-nos, quando não precisa mais de nós.

Este carcereiro que cuida dos nossos quartos e que às vezes nos conduz, é um velho animal que logo conhecerás, com setenta anos de idade, zarolho, coxo e mudo; ele tem a ajuda de três outros no serviço total da casa: um prepara as refeições, um que arruma as celas dos padres, varre tudo e ainda ajuda na cozinha, e o porteiro que viste quando entraste. Nós nunca vemos os criados, a não ser aquele que nos serve, e a menor palavra com ele torna-se um dos nossos mais graves crimes. O guardião às vezes nos vem ver mesmo que não seja o dia para isso; ele então realiza algumas cerimônias indecentes das quais adquirirá prática e cuja inobservância é crime, pois o desejo que eles têm de encontrar crimes para terem o prazer de puni-los faz com que estes se multipliquem ao infinito. É muito raro que Rafael nos procure sem querer alguma coisa: a

obediência é então nossa lei e a degradação da nossa sorte. De resto, estamos sempre fechadas à chave e nunca temos oportunidade de respirar o ar puro, muito embora exista um jardim bem grande, mas como ele é gradeado e os monges temem uma fuga, muito mais perigosa porque informariamos a justiça temporal ou espiritual dos crimes que se cometem aqui. Jamais cumprimos qualquer dever religioso; também somos proibidas de falar ou pensar nisso; estas coisas são uma das faltas que merecem o castigo mais severo.

"Eis tudo o que te posso ensinar, minha cara compaheira, disse nossa superiora terminando suas instruções, a experiência te ensinará o resto, toma coragem, se isto te é possível, mas renuncia para sempre ao mundo. Não sabemos de uma só mulher que tenha saído desta casa que fosse vista novamente.

Esta última advertência me inquietou muito e perguntei a Onfalo qual era sua verdadeira opinião sobre o destino das mulheres despachadas.

— Que queres que te responda, disse-me ela, a esperança está sempre a destruir esta infeliz opinião; tudo me prova que um túmulo lhes serve de retiro e mil idéias provocadas por quimeras vêm sempre destruir esta convicção fatal.

"Somente pelas manhãs, prosseguiu Onfalo, é que vêm nos dizer que pretendem despachar uma de nós; o regente do dia aparece antes do desjejum e diz, suponho: Onfaio, arruma tuas coisas, o convento vai despachar-te, virei buscar-te ao cair da noite, e depois sai. A reformada abraça suas companheiras, promete-lhes milhares de vezes que vai servi-las, levar suas queixas, divulgar o que se passa; chega a hora, o monge aparece, a mulher parte e nunca mais se tem notícia alguma do que lhe pode ter acontecido. Entretanto, se é um dia de jantar, este se realiza como de ordinário; a única coisa que observamos nesse dia é que os monges se esgotam menos, que bebem muito mais, mandam-nos para cama bem mais cedo, que só nos resta deitar e nunca nos pedem nada na manhã seguinte.

— Querida amiga, disse eu à nossa superiora agradecendo suas instruções, talvez elas nunca passassem de crianças que não tinham forças para cumprir a palavra...

— Crianças, interrompeu Onfalo; nestes quatro anos, uma de trinta e nove anos, uma de quarenta, uma de quarenta e seis e uma de cinquenta juraram mandar notícias suas e não cumpriram o juramento.

— Não importa, repliquei, queres fazer comigo esta promessa recíproca? Começo por jurar-te antecipadamente por tudo o que me é mais sagrado no mundo que ou morrerrei ou destruirei estas infâmias. Prometes-me a mesma coisa de tua parte?

— Certamente, disse-me Ônfalo, mas estejas certa da inutilidade destas promessas; mulheres bem mais idosas que tu, talvez bem mais irritadas, se tal é possível, de famílias importantes da província e tendo por isso mais armas que tu, mulheres, numa palavra, que teriam dado a vida por mim, não cumpriram os mesmos juramentos; portanto, quero que permitas à minha cruel experiência encarar o nosso como inútil e de não contar muito com ele.

Passamos então ao carácter dos monges e aos de nossas companheiras.

— Não há na Europa, disse-me Ônfalo, homem mais perigoso que Rafael e Antonin; a falsidade, crueldade, perversidade, impertinência e a irreligião são suas qualidades naturais e jamais se viu alegria em seus olhos exceto quando estão entregues aos seus vícios. Clemente, que parece o mais rude, é o melhor de todos, e só deve temê-lo quando está mebriagado; então é melhor tomar cuidado para não lhe faltar, pois muitas vezes corremos sérios riscos. Quanto a Jerônimo, ele é naturalmente brutal, as chicotadas, os maus tratos são coisas certas com ele, mas quando suas paixões estão saciadas ele fica dócil como um cordeiro; a diferença essencial entre ele e os dois primeiros que só reanimam as suas senão com traições e atrocidades.

"Quanto às meninas, continuou a superiora, há muito pouco

o que dizer delas; Florette é uma menina sem muita inteligência

e com a qual se faz o que se quer. Cornélia tem muita alma e sensibilidade, nada pode consolá-la do seu destino, ela é naturalmente triste e se abre muito pouco com as suas companheiras.

Após receber todas estas instruções, perguntei à minha companheira se não era absolutamente possível constatar se havia ou não uma torre contendo outras infelizes como nós.

— Se elas existem, como estou quase certa, disse Onfalo, só poderíamos saber disso pela indiscrição dos monges ou pelo padre mudo que nos cuida e também deve cuidar delas; mas tais informações se nos tornariam muito perigosas. Aliás,

de que nos serviria saber se somos as únicas ou não, já que não nos podemos ajudar? Se agora me perguntas que provas tenho disto, eu te direi que várias das palavras deles, que dizem sem pensar, são mais que suficientes para nos convencer; que certa feita, ao sair pela manhã da cama de Rafael, quando passava pelo umbral da porta e quando o próprio Rafael ia levar-me para meu quarto, eu vi, sem que ele percebesse, o padre mudo entrar na cela de Antonin com uma jovem muito bela, de uns dezessete ou dezoito anos e que certamente não estava no nosso quarto. O padre, ao se ver descoberto, a precipitou rapidamente na cela de Antonin, mas eu a vi e ninguém falou disso depois. Eu também teria agido mal se alguém soubesse do que vi. Portanto, é certo que há outras mulheres além de nós aqui, porque como jantamos com os monges um dia, elas jantam com eles no dia seguinte, em número provavelmente igual ao nosso.

Onfalo acabou de falar quando Florette entrou, vindo da cela de Rafael onde passara a noite, e como era expressamente proibido dizerem urnas às outras o que se passara com elas nesses casos, ao nos ver acordadas ela nos deu simplesmente bom-dia e deitou-se esgotada na sua cama, onde ficou até às nove horas, quando todas deviam levantar-se. A doce Cornélia aproximou-se de mim, chorou ao me olhar e disse-me:

— Oh, minha querida, que criaturas desgraçadas somos!

Trouxeram-nos o desjejum, minhas companheiras obrigaram-me a comer um pouco e apenas o fiz para agradá-las; o dia passou-se tranqüilamente. Às cinco horas, como Onfalo dissera, o regente do dia entrou; era Antonin. Ele me perguntou rindo sobre minha aventura e como me sentia; como não respondi senão baixando os olhos cheios de lágrimas:

— Ela se acostumará, ela se acostumará, disse gracejando, não há outra casa em França onde se forme as moças melhor que aqui.

Fez sua visita, pegou a relação de faltas das mãos da superiora, que como era boa demais para fazer tal coisa corretamente, quase sempre dizia que não tinha nada a dizer, e antes de ir embora Antonin aproximou-se de mim ... Tremi, pensei que ia tornar-me uma vez mais a vítima desse monstro, mas como isto podia acontecer à toda hora, que importava se fosse então ou no dia seguinte? Embora ele me deixasse após algumas carícias brutais e se lançasse sobre Cornélia, ordenando que enquanto ele operasse nela todas nós devíamos ajudá-lo em suas paixões. O perverso, farto de voluptuosidade, não se recusando nenhuma,

terminou sua operação com a infeliz como fizera comigo na noite anterior, isto é, com os episódios mais premeditados de brutalidade e depravação.

Estas espécies de atos em grupo ocorriam com muita freqüência; era quase sempre uso que quando um monge desfrutava de uma das irmãs, as outras três deviam cercá-lo para inflamar seus sentidos por todos os lados e para que a voluptuosidade lhe pudesse penetrar por todos os órgãos. Relato aqui estes detalhes impuros querendo no mais repeti-los, pois minha intenção não é de me acabrunhar mais ainda com a indecência dessas cenas. Descrever uma é descrevê-las todas, e da minha longa estadia naquela casa, pretendo apenas vos falar dos acontecimentos essenciais sem vos assustar demasiado com os detalhes. Como não era o dia do nosso jantar, ficamos tranqüilas, minhas companheiras consolaram-me como puderam, mas nada era capaz de atenuar tristezas como as minhas. Em vão tentaram, quanto mais falavam dos meus males, mais intensos se me pareciam.

No dia seguinte, às nove horas, o guardião veio ver-me, embora não fosse o dia, e perguntou a Onfalo se eu já começara a tomar jeito, e sem dar muita atenção à resposta, abriu uma das malas da nossa privada e tirou vários trajés femininos:

— Como não tendes nada, disse-me ele, é melhor que pensemos em vos vestir, talvez um pouco mais por nós que por vós mesma; pelo menos do ponto de vista de reconhecimento; quanto a mim, não sou muito favorável a todas essas roupas inúteis quando mandássemos embora as mulheres que nos servem todas nuas como animais, parece-me que o inconveniente seria insignificante, mas nossos padres são homens do mundo que querem luxo e aparato e por isso é preciso satisfazê-los.

E jogou sobre a cama várias camisolas, meia dúzia de camisas, alguns chapéus, meias e sapatos e disse-me para experimentar tudo aquilo; ajudou-me na toalete sem deixar de usar nenhuma das apalpadelas indecentes que a situação lhe permitia. Havia três vestidos de tafetá, um de seda das índias que me serviam e ele deixou-me usá-los e mandou-me aproveitar todo o resto, lembrando-me que tudo aquilo pertencia à casa e eu deveria devolvê-los se fosse embora antes de usá-los. Estes diferentes detalhes excitaram-no e ele mandou-me assumir a posição que sabia agradar-lhe... quis pedir-lhe que me poupasse, mas vendo a ira e a cólera já em seus olhos achei melhor obedecer logo... o libertino, cercado das

outras três mulheres, satisfez como costumava fazer ignorando os costumes, a religião e a natureza. Nada era mais constante nessas desordens como esse maldito italiano; ele jamais abandonava suas abomináveis práticas. Eu o excitara e ele me agradou muito no jantar; e fui escolhida para passar a noite com ele; minhas companheiras retiraram-se e fui com ele para seu apartamento.

Não vos falo das minhas repugnâncias nem das minhas dores, madame, vós podereis imaginá-las muito bem, sem dúvida, e o quadro monótono prejudicaria muito os que ainda tenho a contar. Rafael tinha uma cela encantadora, mobiliada pela voluptuosidade e bom gosto; nada faltava do que pudesse tornar aquela solidão agradável e adequada ao prazer. Assim que fechou a porta Rafael, despindo-se e mandando-me fazer o mesmo, excitou-se durante muito tempo pelos mesmos meios que o esquentavam como agente. Posso dizer que fiz naquela noite um curso de libertinagem tão completo quanto a mais refinada mulher mundana pode saber sobre esses exercícios imundos. Após ter sido mestra, voltei a ser aluna, mas era preciso que fosse tratada como fui, e embora não tivesse pedido indulgência, logo tive de implorar com quentes lágrimas; mas ele zombou das minhas preces, tomou contra meus movimentos as precauções mais bárbaras e quando se viu bem senhor de mim, tratou-me durante duas horas inteiras com uma severidade sem par. Ele não se limitava às partes destinadas àquele uso, mas percorria, instintivamente, os lugares mais contrários, os globos mais delicados, nada escapava ao furor do meu carrasco cujas titilações lascivas seguiam os dolorosos sintomas tão agradáveis ao seu prazer. As vezes ele suspendia por instantes a celeridade do exercício cruel ao qual se entregava, suas mãos tocavam-me e seus beijos infames imprimiam-se com ardor sobre os vestígios da sua raiva. Às vezes soltava-me para ver-me defender e fugir, correndo pela apartamento, e os golpes que recebia eram mais violentos ainda. Que posso dizer-vos madame, que o próprio altar do amor não foi poupado; meus movimentos mal o expunha e esse bárbaro dirigia para ele seus ataques. Eu estava ensaquentada.

— Deitemo-nos, disse enfim o sátiro espantosamente excitado com essas odiosas ações preliminares; talvez julgues demais para ti, mas por certo não o é para mim; não se deixa escapar nada desse santo exercício e isto é apenas uma amostra do que gostaria realmente de fazer.

Deitamo-nos, e Rafael foi tão libertino quanto depravado e manteve-me durante toda noite escrava dos seus criminosos prazeres. Aproveitei um instante

de calma, que julguei ver entre suas devassidões, para suplicar-lhe que me dissesse se podia esperar sair um dia daquela casa:

— Certamente, respondeu Rafael, entraste aqui apenas para isso; quando nós quatro tivermos acertado em te dar a liberdade, certamente a terás:

— Mas, perguntei eu desejosa de arrancar-lhe alguma coisa, não temeis que as mulheres mais jovens e menos discretas que eu juro que serei por toda vida, não podem algum dia revelar o que se passa aqui?

— É impossível, disse o guardião.

— Impossível?

— Sim, certamente que sim...

— Poderieis explicar-me .. .

— Não, é um segredo nosso, mas tudo o que te posso dizer é que discreta ou não, te será perfeitamente impossível revelar alguma coisa, quando tiveres saído, do que se faz aqui dentro.

Ditas estas palavras, mandou-me brutalmente mudar de conversa e não me atrevi a responder. Às sete horas da manhã mandou o irmão levar-me para o quarto. Reunindo o que ele me dissera com o que ouvira de Onfalo, pude convencer-me, desgraçadamente sem dúvida, que era certo que as atitudes as mais violentas eram todas contra as mulheres que saíam da casa, e que elas só não falariam nunca se as metessem num retiro que lhes tolhia todos os movimentos. Fiquei agitada por muito tempo com esta idéia e por fim consegui dissipá-la à força de combatê-la com a esperança. Estava inquieta como minhas companheiras.

Numa semana fiz todo o meu circuito e pude, nesse intervalo terrível, convencer-me sobre os diferentes desvios, as diversas infâmias de cada um desses monges, mas sobretudo de Rafael, o facho da libertinagem que só se acendia com os excessos de ferocidade e como se esse vício dos corações corrompidos pudesse ser neles o órgão de todos os outros, somente exercendo-os é que o prazer os coroava.

Antonin foi o que mais tive de suportar; era impossível calcular até que ponto este perverso levava sua crueldade no delírio das suas aberrações. Somente estas, terríveis, o predispunham ao prazer; acalentavam seu fogo e quando se entregava a elas, era apenas para aperfeiçoá-las até o fim. Espantado, não obstante os meios que ele empregava, por não conseguir fecundar nenhuma de suas vítimas, eu perguntei à nossa superiora como podia ser isso.

— Destruindo imediatamente, disse-me Onfalo, o fruto dos seus ardores; assim que nota qualquer progresso, ele nos faz beber durante três dias seguidos seis enormes copos de determinada tisana que ao quarto dia não deixa nenhum vestígio da sua intemperança. Isto aconteceu com Cornélia, já ocorreu comigo três vezes e não resulta em nenhum inconveniente para nossa saúde; ao contrário, sentimo-nos bem melhor depois.

"De resto, é somente com ele, como podes ver, continuou minha companheira, que se pode temer esse perigo; a irregularidade dos desejos de cada um dos outros não nos faz temer nada.

— Ai de mim, respondi, no meio de uma enormidade de horrores e impurezas que ora desgostam, ora revoltam, me é muito difícil dizer qual deles me fadiga menos; estou farta de todos, e gostaria de já estar lá fora, seja qual for o destino que me aguarda.

— Mas seria possível que logo se satisfizessem contigo, continuou Onfalo, pois chegaste aqui por acaso e ninguém contava com teu aparecimento; oito dias antes de chegares acabava-se de mandar uma embora e jamais se faz isto sem haver uma substituta já certa. Nem sempre são eles mesmos que fazem o recrutamento; eles têm agentes bem pagos que os servem com zelo; estou quase certa que assim que chegar outra nova, podes crer que serás despachada. Além disso, estamos às vésperas da festa; raramente esta se passa sem que uma de nós seja mandada embora; ou eles seduzem as jovens pela confissão ou prendem uma delas; mas isto é raro. Nem sempre aparece uma franguinha boa.

Chegou por fim a famosa festa; podeis acreditar, madame, com que impiedade monstruosa se portaram aqueles monges nesse acontecimento? Eles imaginaram que um milagre visível aumentaria muito o fulgor da sua reputação. Assim, eles vestiram Florette, a menor e mais jovem de nós, com todos os ornamentos da virgem. Amarraram-me pela cintura com cordas que ficavam ocultas e ordenaram-me que erguesse os braços com unção para o céu quando da elevação da hóstia.

Como essa infeliz criaturinha fora ameaçada do tratamento mais cruel se dissesse uma única palavra, ou não fizesse seu papel, ela o cumpriu da melhor maneira possível e a fraude teve todo o sucesso que se poderia esperar. O povo espantou-se com o milagre, deixou ricas oferendas à virgem e foi embora mais convencido que nunca da eficácia das graças daquela mãe celestial.

Nossos libertinos quiseram para completar sua impiedade, que Florette aparecesse no jantar com os mesmos trajes com que recebera tantas homenagens e cada um deles excitou seus odiosos desejos para submetê-la com aquelas roupas à irregularidade dos seus caprichos. Excitados com esse primeiro crime, os monstros não pararam aí; em seguida deitaram-na de barriga sobre uma grande mesa, acenderam velas e colocaram a imagem do nosso salvador à sua cabeça, e ousaram consumir sobre os rins daquela desgraçada o mais temível dos nossos mistérios. Eu desmaiei com esse espetáculo horrível, pois não consegui suportá-lo. Rafael, vendo isso, disse que para me cativar era preciso que eu também servisse do altar. Agarraram-me, puseram-me no mesmo lugar de Florette e o infame italiano, com episódios bem mais atrozes e sacrílegos, consumou em mim o mesmo horror que fizera na minha companheira. Retiraram-me dali inerte e foi preciso carregar-me para meu quarto onde chorei durante três dias seguidos lágrimas bem amargas pelo crime horrível que perpetraram em mim ... Esta lembrança ainda me despedaça o coração, madame, não consigo pensar nisso sem chorar; a religião é em mim o efeito do sentimento e tudo o que a ofende ou ultraja faz sangrar meu coração.

Entretanto, soubemos que a nova companheira, a qual esperávamos, fora agarrada na multidão que acorrera à festa. Pode ser que essa recruta tivesse sido levada para o outro serralho, pois ninguém chegou ao nosso. Tudo continuou inalterado durante algumas semanas; quando um novo acontecimento redobrou minha inquietação. Havia já um mês que eu estava naquela casa odiosa quando Rafael entrou na nossa torre por volta das nove horas da manhã. Ele parecia muito irritado, uma espécie de alucinação aparecia em seu semblante; ele nos examinou a todas, colocou-nos uma após outra em sua posição preferida e parou diante de Onfalo, ficando vários minutos a contemplá-la nessa posição. Ele se agita secretamente, entrega-se a algumas fantasias escolhidas, mas não consuma nada... Em seguida, fazendo-a levantar-se, fita-a por instantes com olhos severos e com a ferocidade pintada no rosto.

— Já nos servistes bastante, disse ele por fim, a sociedade vos despacha, venho trazer-vos vossa liberdade; preparai-vos, virei buscar-vos pessoalmente ao cair da noite.

Dito isto, ele a examina ainda com a mesma atitude, torna a pô-la na sua posição favorita, molesta-a por instantes e sai do quarto.

— Assim que ele saiu, Onfalo lançou-se em meus braços:

— Ah, disse-me ela em prantos, eis o instante que temo tanto quanto desejo ... que acontecerá comigo, bom Deus?

Fiz todo o possível para acalmá-la, mas nada consegui; ela me fez os juramentos mais expressivos de fazer tudo para nos libertar e para dar queixa desses traidores se fosse possível e se tivesse meios para isso. A maneira como me prometeu não me deixou dúvidas de que o faria ou então que a coisa era impossível. O dia correu normalmente e pelas seis horas Rafael tornou a aparecer.

— Vamos, disse bruscamente a Onfalo, estais pronta?

— Sim, meu pai.

— Partamos, prontamente.

— Permitti que me despeça das minhas companheiras.

— Bom, bom, é inútil, disse o monge arrastando-a pelo braço, sois esperada, segui-me.

Então ela perguntou se devia levar alguns pertences.

— Nada, nada, disse Rafael, tudo isto aqui pertence à casa, não é? Não precisais mais disso.

E depois, redarguindo como se tivesse falado demais:

— Todas estas coisas vos serão inúteis, receberéis outras que cairão bem melhor para vosso corpo.

Pedi ao monge que me permitisse acompanhar Onfalo somente até a porta da casa, mas ele respondeu-me com um olhar tão feroz e duro que recuei apavorada

sem repetir o pedido. Nossa infeliz companheira saiu olhando-me com olhos cheios de inquietação e lágrimas e assim que ela se foi, nós três entregamo-nos às tristezas daquela separação dolorosa. Meia hora depois, Antonin veio buscar-nos para o jantar. Rafael só apareceu uma hora mais tarde, parecia muito agitado, falava baixo com os outros e, mesmo assim, tudo o mais passou-se como normalmente. Contudo, observei, como

Onfalo me prevenira, que nos despacharam para nosso quarto bem mais cedo e que os monges beberam infinitamente mais que o costumeiro, entregaram-se à excitação dos seus desejos sem, porém, consumá-los. O que poderia se deduzir destas coisas? Eu o fiz porque fica-se alerta a tudo em tais ocasiões, mas não tive o espírito de ver-lhes as conseqüências, e talvez eu possa vos contar estas particularidades sem o efeito espantoso que me causaram.

Esperamos durante dois dias notícias de Onfalo, convencidas de que ela não faltaria ao juramento que fizera, persuadidas, logo depois que os cruéis meios que se usara contra ela lhe tirariam toda possibilidade de nos ajudar. Mas não vendo nada acontecer no fim de sete dias, minha inquietação ficou ainda mais viva. No quarto dia após a partida de Onfalo, levaram-nos para o jantar como era normal, mas qual não foi a nossa surpresa ao vermos uma nova companheira entrar por outra porta no mesmo instante que chegávamos.

— Eis aí quem a sociedade destina para substituir a que partiu, senhoritas, disse-nos Antonin; tende a bondade de viver com ela como uma irmã, e de lhe atenuar sua sorte em tudo o que depender de vós. Sofia, disse-me então o superior, sois a mais velha da classe e vos promovo ao posto de superiora; já conheceis seus deveres e tenha o cuidado de cumpri-los com exatidão.

Teria preferido recusar, mas não podendo fazê-lo, eternamente obrigada a sacrificar meus desejos e vontades àqueles monstros, inclinei-me e prometi tudo fazer para que ele ficasse satisfeito.

Então retiraram do busto da nossa nova companheira os mantos e véus que cobriam seu corpo e sua cabeça e vimos uma jovem de quinze anos, com o corpo muito interessante e delicado; seus olhos, embora úmidos de lágrimas, pareceram-nos do mais gracioso langor, e elas nos fitou graciosamente a cada uma de nós. Posso dizer que jamais vi olhares mais ternos; seus cabelos eram platinados e longos, caindo sobre os ombros em cachos naturais; sua boca era fresca e vermelha, a cabeça de porte nobre e havia qualquer coisa de tão sedutor no

conjunto que era impossível vê-la sem sentir-se involuntariamente atraída por ela. Logo soubemos por ela mesma que se chamava Otávia, era filha de um rico negociante de Lyon, que fora raptada em Paris; voltava com uma governanta para a casa de seus pais, quando foram atacadas à noite entre Auxerre e Vermenton, sendo raptada malgrado seus esforços, para trazê-la até essa casa sem que jamais tivesse notícias do carro que a conduzia e da mulher que a acompanhava. Havia uma hora que estava fechada, sozinha, numa sala baixa onde chegara após percorrer longos subterrâneos, e onde se entregara ao desespero, quando foram buscá-la para reuni-la a nós, sem que nenhum dos monges lhe dirigisse uma única palavra.

Nossos quatro libertinos, imediatamente extasiados diante de tantos encantos, não puderam senão admirá-los. O império da beleza obriga a respeitá-lo, o perverso mais corrupto lhe presta, apesar de tudo, uma espécie de culto que não se infringe sem remorsos. Mas os monstros como aqueles a quem servíamos não cedem muito a tais freios:

— Vamos senhorita, disse o guardião, permiti-nos ver, peço-vos, se o resto de vossos encantos respondem ao que a natureza pôs em tanta profusão em seu semblante.

E como a bela jovem se perturbasse, como ela corasse sem compreender o que lhe queriam dizer, o brutal Antonin agarrou-a pelo braço e lhe disse, com pragas e imprecações de grande indecência e que é impossível repetir: "Não compreendeis então, menininha ridícula, que o que estamos dizendo é que deveis pôr-vos nua imediatamente ... " Novas lágrimas ... novas defesas, mas Clemente logo a agarrou e num minuto arrancou-lhe tudo o que ocultava as graças daquela jovem encantadora.

Jamais se viu pele mais branca, nem formas mais harmoniosas, mas meu pincel não sabe pintar tudo o que vi de beleza; todavia, tanto frescor, tanta inocência e delicadeza iam tornar-se presa daqueles bárbaros. Parece que é somente para serem desonradas por eles é que a natureza lhe parecia ter prodigalizado tantos favores.

O círculo formou-se ao redor dela, e assim como eu fizera, também ela o percorreu em todos os sentidos. O ardente Antonin não teve forças de resistir, um cruel atentado contra aqueles encantos mal desabrochados determina a homenagem e o incenso aos pés do deus ... Rafael vê que é hora de se pensar em

coisas mais sérias; ele próprio não está em estado de esperar, agarra a vítima, coloca-a na posição de satisfazer seus desejos. Que novos encantos nos são então revelados! Não conseguindo seus intentos, pede a Clemente que a segure. Otávia chora, mas não lhe dão importância; o fogo brilha no olhar daqueles italiano execrável; mestre do lugar onde assaltará, dir-se-ia que ele não pensa nos caminhos senão para melhor impedir todas as resistências; nenhum ardil, nenhum preparativo é empregado. Que enorme desproporção entre o atacante e a rebelde, este consuma a conquista; um grito tocante da vítima anuncia-nos por fim sua derrota. Mas nada acalma seu feroz vencedor; mais ela lhe implora alívio, mais ele empurra com ferocidade, e a desgraçada, como acontecera comigo, é desonrada sem ter deixado de ser virgem.

— Jamais os louros foram tão difíceis, disse Rafael se recompondo, pensei que pela primeira vez na minha vida fracassaria em colhê-los.

— Que eu a tome por ali, disse Antonin sem deixá-la levantar-se; não é mais que uma brecha na muralha e abristes apenas a mais estreita.

Assim dizendo, avançou ferozmente para o combate e num minuto é senhor do local; ouvem-se novos gemidos . . .

— Deus seja louvado, desse monstro horrível, teria duvidado da derrota sem as queixas da vencida, e só aprecio um triunfo quando à custa de prantos.

— Em verdade, disse Jerônimo avançando com o feixe na mão, não atrapalharia de modo algum esta doce posição, pois ela favorece melhor aos meus desejos.

Ele a examina, toca-a, apalpa-a; o ar vibra com um silvo terrível. Aquelas belas carnes mudam de cor, a cor carmezim mais viva mistura-se ao branco puro do lírio, mas o que talvez num instante divertisse o amor se a moderação dirigisse suas excentricidades, torna-se incessantemente um crime contra suas leis. Nada detém o pérfido monge, mais a novata se queixa, mais intensa a severidade do regente... tudo é tratado da mesma maneira e nada obtém graça; logo, não há uma só parte do corpo que não ostente a marca da sua barbárie e é enfim sobre os vestígios sangrentos dos seus odiosos prazeres que o pérfido acalma seu fogo.

— Serei mais doce que todos eles, disse Clemente agarrando a bela entre os braços e colando-lhe um beijo impuro sobre sua boca de coral... eis o templo onde farei meu sacrifício...

Outros beijos inflamam ainda mais aquela boca adorável, formada pela própria Vênus. É o réptil impuro maculando uma rosa. Ele obriga a infeliz às infâmias que lhe comprazem. Otávia se defende, mas logo é forçada a calar-se e o perverso triunfa, e o órgão feliz dos prazeres, o mais doce asilo do amor, se conspurca enfim com tais horrores.

O resto da noitada passou-se como já sabeis, mas a beleza, a idade tocante daquela jovem, excitando ainda mais os perversos, todas as suas atrocidades redobram e foi mais a saciedade que a piedade, mandando a infeliz para seu quarto, que lhe deu pelo menos algumas horas de calma da qual tinha enorme necessidade. Eu bem desejaria poder consolá-la pelo menos naquela primeira noite, mas obrigada a passar a noite com Antonin, era eu mesma, ao contrário, quem me achava necessitada de socorro. Eu tivera a infelicidade, não de agradar, a palavra não seria adequada, mas de excitar mais ardentemente que as outras os infames desejos daquele devasso e há muito tempo eram poucas as semanas quando eu não passava quatro ou cinco noites em sua cela.

Na manhã seguinte, ao voltar ao meu quarto, encontrei a nova companheira em prantos; disse-lhe tudo o que me fora dito para me acalmar, mas como não conseguiram comigo, tampouco fui feliz em aliviá-la. Não é fácil consolar-se de uma mudança de sorte sofrida dessa maneira; além disso, aquela jovem tinha uma grande dose de devoção, de virtude, honra e sentimento e seu estado não lhe parecia, por isso, senão mais cruel. Rafael, que se agradara muito dela, passou várias noites seguidas com ela, mas tão cruéis favores apenas tornaram-na ainda mais infeliz. Onfalo tinha razão ao me dizer que antiguidade não pesava nas reformas, que somente pelos ditames dos caprichos dos monges, ou talvez algumas buscas posteriores, é que se podia ser despachada ao fim de oito dias como ao fim de vinte anos. Otávia estava conosco menos de seis semanas quando Rafael veio anunciar-lhe sua partida... ela nos fez as mesmas promessas que Onfalo e, como esta, desapareceu sem que jamais soubéssemos o que lhe acontecera.

Passamos quase um mês sem vermos uma substituta chegar. Foi durante esse intervalo que eu tive, como Onfalo, ocasião de me convencer de que não éramos

as únicas mulheres naquela casa e que uma outra torre sem dúvida guardava número igual ao nosso, mas Onfalo apenas suspeitara, ao passo que minha aventura, bem convincente, confirmara todas as minhas suspeitas. Eis o que aconteceu. Eu passara a noite na cela de Rafael e saía, como era costume, às sete horas da manhã, quando um irmão tão velho e desagradável quanto o nosso, e que não vira antes, apareceu de repente no corredor com uma alta jovem de dezoito ou vinte anos

e que me pareceu muito bela. Rafael, que devia conduzir-me ao meu quarto, demorava; ele chegou quando eu estava face a face com aquela jovem que o irmão não sabia como ocultar aos meus olhos.

— Para onde conduzis esta criatura? perguntou o guardião furioso.

— A vossa cela, meu reverendo padre, disse o abominável mercúrio. Vossa Grandeza esqueceu-se que me deu esta ordem ontem à noite.

— Eu vos disse às nove horas.

— Às sete, monsenhor, vós me haveis dito que a querieis ver antes da vossa missa.

E durante todo esse tempo eu examinava aquela companheira que me olhava com o mesmo espanto.

— E o que importa, disse Rafael conduzindo-me para dentro de sua cela e fazendo entrar aquela jovem. Eis aí, Sofia, disse ele após ter fechado a porta e despachado o irmão, esta jovem ocupa em outra torre o mesmo posto que ocupais na vossa; ela é a superiora; não há inconveniente algum que nossas duas superiores se conheçam e para que o conhecimento seja mais completo, Sofia, vou fazer-te ver Marianne toda nua.

Esta Marianne, que me parecia uma jovem muito desavergonhada, despiu-se num instante. Rafael me obrigou a prestar-me, diante dele, aos ataques daquela nova Safo que, levando sua afronta ao auge, quis triunfar do meu pudor. O espetáculo, repetido duas ou três vezes, excitou novamente os desejos do monge. Ele agarrou Marianne, submetendo-a aos prazeres preferidos, enquanto eu servia de perspectiva. Por fim, satisfeito com essa nova devassidão, despachou-nos cada um para seu quarto, impondo-nos o silêncio.

Prometi o segredo exigido e voltei para junto de minhas companheiras, segura agora de que não éramos as únicas que servíamos aos prazeres monstruosos daqueles libertinos desenfreados.

Otávia logo foi esquecida; uma encantadora menina de doze anos, fresca e bela, mas de beleza bem inferior à daquela a quem substituía. Florette também partiu, jurando-me, como Onfalo, me dar notícias suas, mas também sem, nenhum resultado, como aquela infeliz. Ela foi substituída por uma jovem de Dijon de quinze anos, muito bonita, que logo me tirou os desagradáveis favores de Antonin, mas vi que se perdera as boas graças daquele monge, estava também igualmente próxima de perder as de todos os outros. A inconstância daqueles desgraçados me fazia tremer sobre meu destino; senti muito bem que ela anunciava meu afastamento e já estava certa demais de que aquela cruel reforma era uma sentença de morte, ficando por instantes alarmada. Digo por instantes! Infeliz como eu era, poderia estar eu apaixonada pela vida, quando a maior felicidade que me podia acontecer era deixá-la?

Estas reflexões me consolaram e me fizeram esperar minha sorte com tanta resignação que não empreguei nenhum meio para melhorar minha posição. Os maus procedimentos me esmagavam, não havia um instante quando não se queixavam de mim, não se passava um dia sem que eu fosse castigada; orava aos céus e esperava minha sentença. Foi talvez à véspera de recebê-la que a mão da Providência, cansada de me atormentar da mesma maneira, arrancou-me daquele novo abismo, para logo lançar-me num outro. Não vamos passar para estes acontecimentos antes de contar aqueles que por fim nos livraram a todas daquela casa indigna.

Era preciso que os horrendos exemplos do vício recompensado perdurassem ainda naquelas circunstâncias, como sempre haviam acontecido aos meus olhos a cada evento de minha vida; estava escrito que os que me haviam atormentado, humilhado, agrilhado, recebiam incessantemente, na minha opinião, o preço da sua maldade, como se a Providência se tivesse encarregado de me mostrar a inutilidade da virtude. Funesta lição que não me corrigiu em nada e que, tivesse eu de escapar da espada pendurada sobre minha cabeça, não me impediria de ser sempre escrava daquela divindade do meu coração.

Certa manhã, quando o esperávamos, Antonin apareceu no nosso quarto e nos anunciou que o reverendo padre Rafael, parente e protegido do santo padre, fora nomeado, por Sua Santidade, general da Ordem de São Francisco.

— E eu, minhas meninas, disse-nos ele, passo a ser o guardião de Lyon; dois novos padres logo nos substituirão nesta casa e talvez cheguem ainda hoje. Também é possível que eles as mandem todas embora como pode ser que as conservem aqui. Mas seja qual for a vossa sorte, aconselho-vos para vosso próprio bem, e para honra dos dois confrades que deixamos aqui, a ocultar os detalhes da nossa conduta e de confessar, portanto, somente aquilo que é conveniente.

Uma novidade assim tão agradável para nós não permitia que recusássemos àquele monge o que ele parecia desejar. Prometemos tudo o que ele queria e o libertino ainda quis despedir-se de todas nós. O fim que vislumbrávamos das nossas desgraças nos fez suportar os últimos golpes sem reclamações; nada lhe recusamos e ele partiu para sempre da nossa presença. Serviram-nos o jantar como sempre; umas duas horas mais tarde, o padre Clemente entrou em nosso quarto com dois religiosos veneráveis pela sua idade e pela sua aparência.

— Deveis convir, padre, disse um deles a Clemente, deveis convir que esta devassidão é horrível e que é bem singular que o céu a tenha suportado por tanto tempo.

Clemente concordou humildemente com tudo, desculpou-se pelo que nem ele nem seus confrades haviam inovado e que todos eles haviam encontrado tudo como ali estava e como entregavam; que, na verdade, as vítimas variavam, mas que não tinham feito outra coisa senão seguir o costume dos seus predecessores.

— Seja, respondeu o mesmo padre, que me pareceu ser o novo guardião e que, com efeito, o era. Seja, mas vamos destruir logo esta execrável devassidão, padre, ela revoltaria os que vivem no mundo e deixo-vos a imaginar o que poderia fazer quanto aos religiosos.

Então, esse padre nos perguntou o que queríamos. Cada uma de nós respondeu que queria voltar para seu país ou sua família.

— Assim será, minhas filhas, disse o monge, e darei a cada uma de vós a quantia necessária para chegar à sua destinação. Mas é preciso que partais uma

de cada vez, com dois dias de intervalo e que jamais reveleis nada do que se passou nesta casa.

Juramos ... mas o guardião não se contentou com este juramento; exortou-nos a nos aproximarmos dos sacramentos; nenhuma de nós recusou e ali ele nos fez jurar ao pé do altar que ocultaríamos para sempre o que se passara no convento. Fiz como as outras, e se para vós infringo minha promessa, madame, é que compreendi mais o espírito que a letra do juramento que exigia o bom padre. Seu objetivo era o de que jamais fizéssemos qualquer queixa e estou bem certa de que, ao vos contar esta aventura, dela nada resultará de desagradável para a ordem daqueles padres.

Minhas companheiras partiram primeiro, e como nos era proibido virmos a nos reunir depois, e como fomos separadas uma das outras desde a chegada do novo guardião, nunca mais nos vimos. Tendo pedido para ir para Grenoble, deram-me dois luíses para a viagem; recebi de volta as roupas com que chegara àquela casa, encontrando nelas os oito luíses que ainda me restavam e, satisfeita por deixar para sempre aquele asilo espantoso do vício, mergulhei na floresta, encontrando-me pouco depois no caminho de Auxerre, no mesmo local onde o deixara para me lançar nas armadilhas, precisamente três anos após aquela loucura, isto é, com vinte e cinco anos, que completaria em poucas semanas.

Meus primeiros cuidados foram ajoelhar-me e pedir a Deus novos perdões pelas faltas involuntárias que cometera; fi-lo com mais devoção do que o fizera junto dos altares conspurcados da casa infame que eu abandonava com tanta alegria. Lágrimas de arrependimento correram-me pelo rosto.

"Ai de mim! disse para mim mesma, era pura quando deixei esta estrada daquela vez, guiada por um princípio de devoção tão funestamente ilusório ... e em que triste estado vejo-me agora!"

Com estas funestas reflexões, um pouco acalmadas pelo prazer de ver-me livre, prossegui no meu caminho. Para não vos aborrecer por muito tempo, madame, com detalhes que poderiam cansar vossa paciência, só falarei, se assim o quiserdes, dos acontecimentos ou de coisas essenciais, que então mudaram o rumo da minha vida.

Após descasar alguns dias em Lyon, vi um dia num jornal estrangeiro pertencente à dona da casa onde estava alojada, e qual foi minha surpresa ao ver

uma vez mais o crime recompensado, ao ver no apogeu um dos principais autores dos meus sofrimentos. Rodin, aquele infame que me punira tão cruelmente por tê-lo impedido de cometer um crime, obrigado a deixar a França sem dúvida por ter cometido outros, fora, segundo aquele jornal, nomeado primeiro médico do rei da Suécia, com salários consideráveis. "Que ele seja feliz, o perverso, que o seja pois a Providência o quer, e tu, desgraçada criatura, sofre sozinha, sofre sem te queixares, pois está escrito que as tribulações e os sofrimentos devem ser a partilha terrível da virtude".

Deixei Lyon três dias depois, para tomar o caminho do Delfinado, cheia da louca esperança de que um pouco de prosperidade me esperasse naquela província. Estava apenas a umas duas léguas de Lyon, viajando a pé como costumava, com duas camisas e lenços nos bolsos, quando encontrei uma mulher idosa que me abordou com ar dorido e que implorou caridade. Compassiva como é meu natural, desconhecendo os encantos do mundo que sejam comparáveis aos de servir, abro minha bolsa para dar-lhe algumas moedas, mas a indigna criatura, bem mais rápida que eu, embora a julgasse velha e fraca, agarrou-me habilmente a bolsa, deu-me violento golpe no estômago e só apareceu aos meus olhos, quando consegui levantar-me, a uns cem passos dali, cercada de quatro bandidos, que me faziam gestos ameaçadores se ousasse aproximar-me.

"Oh, céus, exclamei com amargor, será então impossível que uma ação virtuosa possa nascer-me no coração e que não seja logo punida com as desgraças mais cruéis para mim no universo?"

Nesse momento terrível, toda a minha coragem quase me abandonou. Hoje peço perdão aos céus, mas a revolta estava bem junto do meu coração. Dois caminhos terríveis se abriram à minha frente; eu quis, ou ir ter com os ladrões que me haviam lesado tão cruelmente ou voltar para Lyon e entregar-me à libertinagem ... Deus me deu a graça de não me deixar sucumbir, e embora a esperança que ele acendeu novamente na minha alma fosse apenas a autora das adversidades ainda mais terríveis, agora agradeço-o por ter-me amparado. Os grilhões das desgraças que hoje me conduzem, embora inocente, ao cadafalso, não me valerão mais que a morte; outras coisas me teriam valido a vergonha, os remorsos, a infâmia e aquela é bem menos cruel para mim que estas.

Continuei meu caminho, decidida a vender em Viena as poucas coisas que tinha comigo para chegar a Grenoble. Eu caminhava triste quando a um quarto de

légua daquela cidade vi na planície à direita da estrada dois homens a cavalo e que pisoteavam um terceiro aos pés das suas montarias e que, após terem-no deixado como morto, partiram à toda brida ... Esse espetáculo terrível enterneceu-me às lágrimas ..

"Ai de mim, disse eu, eis aí um infeliz mais lamentável que eu; resta-me pelo menos a saúde e a força, posso ganhar a vida, e se ele não é rico, que o seja como eu, mais ei-lo estropiado pelo resto da vida. O que será dele!"

Mesmo que me devesse evitar tais sentimentos de comiseração, mesmo que eu viesse a ser cruelmente punida por isso, não pude resistir novamente a esses sentimentos. Aproximo-me do moribundo; tinha comigo um pouco de álcool que o fiz aspirar; ele abre os olhos, seus primeiros movimentos são de reconhecimento, e me levam a continuar meus cuidados; rasgo uma das minhas camisas para pensá-lo, um dos poucos bens que me restavam para prolongar a vida, faço-o em pedaços para esse homem. Estanco-lhe o sangue que corre de alguns dos seus ferimentos, dou-lhe a beber um pouco de vinho que trazia comigo num frasco para reanimar-me no caminho quando me sentisse cansada, e emprego o resto para lhe lavar as contusões.

Por fim, o desgraçado recupera suas forças e sua coragem; embora a pé e com pertences tão leves, ele não me parece pobre. Trazia consigo alguns objetos de valor, anéis, um relógio e outras jóias, mas muito danificados pelo que passara. Por fim, quando consegue falar, pergunta-me quem é o anjo benfazejo que o socorre e o que pode fazer para testemunhar sua gratidão. Tendo ainda o simplismo de crer que uma alma presa pelo reconhecimento devia ser minha para sempre, acreditei poder desfrutar com segurança o doce prazer de compartilhar minhas lágrimas com aquele que as vertera nos meus braços, conto-lhe todas as minhas aventuras. Eles ouve com interesse e quando termino com a última catástrofe que me ocorrera e que o faz ver o cruel estado de miséria em que me encontro:

— Como sou feliz, exclama, de poder pelo menos reconhecer o que acabais de fazer por mim! Chamo-me Dalville, continua o aventureiro, tenho um belo palácio nas montanhas, a quinze léguas daqui; ofereço-vos um abrigo se quiserdes seguir-me, e não vos alarmeis com esta oferta, pois vou explicar-vos como me sereis útil. Sou casado, minha mulher precisa de uma mulher certa e como despedimos a última, uma mulher de mau caráter, ofereço-vos seu lugar.

Agradei humildemente ao meu protetor e perguntei-lhe por que um homem como ele me parecia arriscava-se a viajar sem acompanhantes, expondo-se ao que lhe acontecera, a ser maltratado por ladrões...

— Um tanto gordo, jovem e vigoroso, disse-me Dalville, tenho há muito tempo o hábito de ir de minha casa até Isère deste modo; minha saúde e minha bolsa saem lucrando com isso. Não é que eu queira poupar-me das despesas, pois graças a Deus, sou rico, e logo vos provarei isso se tiverdes a bondade de me acompanhar. Os dois homens que vistes me atacar são dois insignificantes cavalheiros do lugar, sem capa e espada, um é guarda do corpo e o outro é policial, isto é, dois escroques. Na semana passada ganhei deles cem luíses numa casa em Isère; bem longe de receber deles uma parte, contentei-me com sua palavra, encontro-os hoje, cobro-lhes o que me devem e haveis visto como me pagaram.

Deplorei com esse honesto cavalheiro a dupla desgraça de que fora vítima, quando ele me propôs pormo-nos a caminho.

— Sinto-me um pouco melhor, graças aos vossos cuidados, disse Dalville; a noite se aproxima, vamos para um albergue a umas duas léguas daqui onde, alugando cavalos amanhã pela manhã, chegaremos à minha casa ao entardecer.

Decidida a aproveitar-me da ajuda que o céu parecia enviar-me, auxílio Dalville a pôr-se a caminho, amparo-o durante o trajeto e deixando de lado todo caminho conhecido, andamos por atalhos na direção dos Alpes. Encontramos efetivamente, após duas léguas, o albergue de que ele me falara, onde jantamos alegre e decorosamente juntos; após a refeição, ele me recomenda à dona do albergue, que me faz deitar na sua cama. No dia seguinte, com duas mulas alugadas e escoltadas por um criado do albergue a pé, chegamos às fronteiras do Delfinado, rumando sempre para as montanhas. Dalville, muito maltratado, não pôde suportar a viagem inteira; esta não me cansou, pois estava acostumada a viajar assim. Paramos em Virieu, onde fui alvo dos cuidados e da mesma honestidade do meu guia; no dia seguinte prosseguimos a viagem, sempre na mesma direção.

As quatro horas da tarde chegamos ao pé das montanhas. O caminho tornava-se quase impraticável; Dalville recomenda ao nosso acompanhante para que não me deixe, receoso de um acidente, e entramos pelas gargantas, subindo sempre por caminhos tortuosos por quase quatro léguas. E de tal forma deixamos para trás todo caminho e habitação humanos que me imaginei estar no fim do universo.

Senti-me um pouco inquieta, a contragosto. Desviando-me ali em rochedos inalcançáveis, lembrava-me dos desvios da floresta do Convento de Sainte Marie des Bois e a aversão que tomara por todos os lugares ermos fez-me tremer de medo deste.

Por fim divisamos um castelo erguido à beira de um precipício terrível e que parecia estar suspenso sobre a ponta de uma rocha escarpada, dando mais a idéia de uma morada de fantasmas do que de gente viva. Víamos o castelo, mas nenhum caminho que parecesse conduzir até lá. O que percorríamos, próprio somente para cabras, coberto de pedregulhos, levava até lá, mas por incontáveis curvas.

— Eis minha casa, disse-me Dalville, quando divisei o castelo, e respondi-lhe que estava espantada ao vê-lo morar em tal solidão.

Ele me respondeu rispidamente que se mora onde se pode morar.

Fiquei tão chocada quanto assustada com seu tom de voz; nada me escapa na desgraça, uma inflexão mais ou menos pronunciada daqueles de quem dependemos, mata ou reanima a esperança. Então, como não mais podia recuar, não dei a entender nada. Por fim, após muito andarmos até aquele antigo castelo, chegamos lá. Dalville desceu de sua mula, mandou-me fazer o mesmo, entregou os animais ao criado, pagou-lhe e mandou ir embora, outra atitude que me desagradou enormemente. Dalville percebeu minha preocupação.

— Que tendes Sofia, perguntou-me ele dirigindo-se a pé para sua casa, não estais fora da França, este castelo fica nas fronteiras do Delfinado, mas depende sempre dela.

— Seja, senhor, respondi, mas como podeis ter vindo morar num lugar tão perigoso?

— Oh, perigoso, não, disse-me Dalville, olhando-me disfarçadamente à medida que avançávamos, não é nada perigoso, minha menina, mas tampouco é morada de gente honesta.

— Ah, senhor, respondi, fazeis-me tremer, para onde me conduzis?

— Levo-te para servir a falsários, disse-me Dalville agarrando-me pelo braço e fazendo-me atravessar à força uma ponte levadiça que desceu à nossa chegada e

logo depois foi erguida. Aí estás, acrescentou assim que chegamos ao pátio. Vês aquele poço? prosseguiu ele mostrando-me uma cisterna grande e profunda junto da porta, onde duas mulheres nuas e agrilhoadas moviam a roda que despejava água num reservatório.

— Ali estão tuas companheiras, e teu trabalho; trabalharás doze horas por dia girando aquela roda, serás como tuas companheiras bem e devidamente castigada toda vez que relaxares. Receberá seis onças de pão preto e um prato de favas por dia. Quanto à tua liberdade, renuncia a ela pois jamais verás o céu. Quando morreres serás jogada naquele buraco que vês ao lado do poço, em cima de trinta ou quarenta que já estão ali e poremos outra em teu lugar.

— Pelos céus, senhor, exclamei lançando-me aos pés de Dalville, lembrai que vos salvei a vida, que por instantes, comovido pelo reconhecimento, parecíeis oferecer-me a felicidade e era isto o que esperava.

— Que entendes, diga-me, pelo sentimento de gratidão com que imaginas ter-me conquistado. Pensa melhor, criatura vil, que fazias tu quando me socorreste? Entre a possibilidade de seguires teu caminho e a de vires comigo, escolheste a última, como teu coração te inspirou. Pensavas então em alegrias? Por que diabos pensas que sou obrigado a te recompensar pelos prazeres que me deste e como te pode chegar à cabeça que um homem como eu, que nada no ouro e na opulência, um homem com mais de um milhão de renda, e pronto para ir a Veneza para desfrutar destas rendas à vontade, se digna aviltar-se e dever alguma coisa a uma miserável como tu?

"Tivesses dado-me a vida, não te deveria nada, pois trabalhaste apenas para ti. Ao trabalho, escrava, ao trabalho. Aprende que a civilização, ao derrubar as instituições da natureza, não lhe roubou nenhum dos seus direitos. Ela criou seres fortes e seres fracos, sua intenção sempre foi a de que estes fossem subordinados àqueles, como o cordeiro sempre é subordinado ao leão, como o inseto ao elefante. A sagacidade e a inteligência do homem variam a posição do indivíduo; não é a força física que determina a posição, é a que ele adquire com suas riquezas. O homem mais rico torna-se o homem mais forte, o mais pobre passa a ser o mais fraco, mas isto, junto com os motivos que sustentam seu poder, a prioridade do forte sobre o fraco sempre esteve nas leis da natureza, que são iguais aos grilhões que prendem o fraco e que estão nas mãos do mais rico ou do mais forte, e pelas quais ela esmaga o mais fraco ou então o mais pobre.

"Mas estes sentimentos de gratidão que reclamas, Sofia, ela os ignora. Jamais esteve entre suas leis que o prazer a que um se entrega seja motivo para que aquele que o recebe relaxe seus direitos sobre o outro. Vês nos animais que nos servem exemplo desses sentimentos de que te gabas? Quando te domino pela minha riqueza ou pela minha força, será natural que eu te entregue meus direitos, ou por que tu mesma me serviste ou por que tua política mandou-te recompensares a ti mesma servindo-me?"

"Mas mesmo que o serviço fosse prestado de igual a igual, jamais o orgulho de uma alma elevada se deixará aviltar pela gratidão. Não é sempre o humilhado o que recebe do outro, e esta humilhação que ele sente não paga suficientemente ao outro o serviço que ele prestou — é um prazer para o orgulho elevar-se acima do seu semelhante, e se a obrigação, ao humilhar o orgulho daquele que a recebe, torna-se um fardo para ele, que direito se tem de obrigá-lo a suportá-lo? Por que devo consentir em deixar-me humilhar toda vez que olho para aquele a quem devo obrigações?"

"A ingratidão, em lugar de ser um vício, é, portanto, uma virtude das almas fortes, assim como a beneficência é a virtude das almas fracas. O escravo a prega ao seu senhor porque tem necessidade dela, também o boi ou o asno a preconizariam se soubessem falar. Porém o mais forte, mais bem guiado pelas suas paixões e pela natureza, não se deve entregar a quem o serve ou a quem o adula. Que eles sirvam tanto quanto queiras, se isto lhes dá prazer, mas que jamais exijam nada em troca.

Com estas palavras, às quais Dalville não me deu tempo de responder, dois criados me agarraram por ordem sua, despiram-me e agrilhoaram-me com minhas duas companhias, a quem fui obrigada a ajudar desde aquela mesma tarde, sem que me permitissem sequer descansar da viagem fatigante que fizera. Não havia um quarto de hora que estava presa àquela roda fatal quando o bando de moedeiros falsos, terminando sua jornada de trabalho, cercou-me para me examinar, com seu chefe à frente. Todos eles me acabrunharam de tantos sarcasmos e impertinências sobre a marca desonrosa que trazia inocentemente no meu corpo desgraçado. Aproximaram-se de mim, tocaram-me em todo o corpo, fazendo gracejos cruéis e criticando tudo o que lhes oferecia a contragosto.

Terminada essa cena dolorosa, afastaram-se um pouco. Dalville, pegando então um chicote, que sempre estava à mão, deu-me cinco violentas chicotadas sobre todas as partes do corpo.

— Eis como serás tratada, disse-me ele golpeando-me, quando desgraçadamente não cumprires tua obrigação. Apanhas agora não porque falhaste, mas apenas para mostrar-te como trato os que falham.

Cada chibatada arrancava-me a pele e como jamais sentira dores tão intensas nem nas mãos de Bressac nem na dos bárbaros monges, soltei gritos lancinantes e me debati nas correntes. Estas contorções e estes gritos provocaram risadas nos monstros que me viam e tive a cruel satisfação de aprender ali que se existem homens que, guiados pela vingança ou por indignidade voluptuosas, podem divertir-se com a dor dos outros, existem outros seres barbaramente organizados para gozar dos mesmos prazeres sem outros motivos que não o encanto do orgulho, ou a mais horrenda curiosidade. Portanto, o homem é naturalmente mau, ele está no delírio das suas paixões quase sempre como na sua calma, e em todos os casos, os males do seu semelhante podem ser prazeres execráveis para ele.

Três redutos escuros e separados um do outro, fechados como prisões, ficavam ao redor daquele poço; um dos criados que me agrilhoara, mostrou o meu, e após ter recebido dele minha porção de água, favas e pão, retirei-me para o que me era destinado. Foi ali que pude então entregar-me a todo o horror da minha situação.

"Será possível, dizia-me eu, que existam homens tão bárbaros para matar dentro deles o sentimento da gratidão, aquela virtude à qual me entregava com tanto prazer, se algum dia uma alma honesta me punha em posição de senti-la? Será que ela pode ser desconhecida dos homens e aquele que a mata com tanta desumanidade deve ser senão um monstro?"

Estava absorta nessas reflexões, mescladas com lágrimas, quando a porta do meu cárcere abriu-se de repente: era Dalville. Sem dizer uma só palavra, põe no chão uma vela acesa, lança-se sobre mim como um animal feroz, submete-me aos seus desejos repelindo com socos os meus gestos de defesa, ignora as que são obra do meu espírito, satisfaz-se brutalmente, pega a vela e desaparece, fechando a porta.

"Está bem, disse para mim mesma, será possível levar mais longe o ultraje, e que diferença pode fazer-se entre tal homem e o animal menos domesticado dos bosques?"

O sol nasce sem que eu pudesse ter tido um só instante de repouso, nossos cárceres são abertos, somos novamente acorrentadas e recomeçamos nossa triste tarefa. Minhas companheiras eram mulheres de vinte e cinco a trinta anos que, embora embrutecidas pela miséria e deformadas pelo excesso de castigos físicos, ainda mostravam alguns traços de beleza; seu corpo era belo e bem proporcionado e uma delas ainda tinha belíssimos cabelos. Uma triste conversa deixou saber que ambas, em tempos diferentes, haviam sido amantes de Dalville, uma em Lyon e a outra em Grenoble. Que ele as trouxera para aquele horrível asilo onde passaram ainda alguns anos como amantes dele e que como recompensa pelos prazeres a ele dados, foram condenadas àquele trabalho humilhante.

Soube também que no momento ele tinha uma amante encantadora e que, mais feliz que elas, por certo iria com ele para Veneza, para onde estava às vésperas de mudar-se, se as quantias consideráveis que enviara recentemente para a Espanha, lhes dessem as letras de câmbio que esperava para a Itália, porque não queria levar seu ouro consigo para Veneza. Ele jamais o mandava, era para um país diferente daquele onde pretendia morar que fazia passar suas moedas falsas, enviando-as aos seus correspondentes. Assim, ele não era rico no lugar onde pretendia fixar-se, senão em papéis de um reino diferente. Portanto, jamais podia ser descoberto e sua fortuna permanecia solidamente estabelecida. Mas tudo podia ruir por terra num instante e o abrigo em que pensava dependia unicamente daquela última negociação, na qual a maior parte dos seus tesouros estava comprometido; se o Cadiz aceitasse suas piastras e luíses falsos, e lhe enviasse em troca papéis excelentes a serem descontados em Veneza, ele ficaria feliz para o resto da vida. Se a trapaça fosse descoberta, corria o risco de ser denunciado e enforcado, como merecia.

"Ai de mim, disse ao saber destas coisas, a Providência será justa pelo menos uma vez; ela não permitirá que um monstro como este tenha êxito e todas nós seremos vingadas."

Ao meio-dia davam-nos duas horas de descanso, que aproveitávamos sempre indo separadamente respirar e comer em nossas celas. Às duas horas éramos

novamente acorrentadas e nos faziam trabalhar a roda até a noite, sem que jamais nos permitissem entrar no castelo. A razão porque nos deixavam assim nuas cinco meses por ano era por causa do calor insuportável, com o trabalho excessivo que fazíamos e, segundo minhas companheiras, para melhor recebermos as chicotadas que nosso miserável senhor nos aplicava de vez em quando. No inverno davam-nos uma calça e um gibão para vestir, uma espécie de roupa que nos cobria toda e que, ao mesmo tempo, nos expunha facilmente às chibatadas do nosso carrasco.

Durante o dia, Dalville não apareceu, mas à meia-noite ele fez o mesmo que na noite anterior. Quis aproveitar daquele momento para lhe suplicar que atenuasse minha sorte.

— E com que direito, perguntou-me o bárbaro, quando suas paixões foram satisfeitas. É porque quero passar um instante contigo? Mas eu não me jogo aos teus pés pedindo teus favores de modo a que me possas exigir compensação. Não te peço nada... simplesmente pego o que desejo e não vejo nisso senão o uso de um direito que tenho sobre ti. Não há nada de amor no que faço, este é um sentimento que meu coração jamais conheceu. Sirvo-me de uma mulher por necessidade, como se serve de um vaso para uma necessidade diferente. Porém jamais dou àquele ser senão meu dinheiro ou minha autoridade a submete aos meus desejos; não há nem estima nem ternura, e não devo o que pego senão a mim mesmo e não exigindo dela senão a submissão. Não vejo por que ser-te grato por isso. Será o mesmo que dizer que o ladrão que arranca a bolsa de um homem numa floresta porque se julga mais forte que ele, lhe deve alguma gratidão pelo erro cometido. O mesmo é válido para o que se faz com uma mulher; pode ser um direito dele repeti-lo, mas jamais razão suficiente para recompensá-la por isso.

Dalville, que já se satisfizera, saiu bruscamente após dizer essas palavras, e mergulhei novamente em meus pensamentos que, como bem o imaginais não lhe eram elogiosos. À tarde ele veio ver-nos trabalhar e notando que não fornecêramos durante o dia a quantidade normal de água, pegou seu cruel chicote e nos deixou todas três ensanguentadas sem que (embora apanhasse tanto quanto as outras) deixasse de vir aquela mesma noite e se comportasse comigo como das outras vezes.

Mostrei-lhe os ferimentos que me cobriam e ousei lembrá-lo da vez que rasguei minha roupa para pensar os seus. Mas Dalville, ainda desfrutando do meu corpo, respondeu às minhas queixas com uma dúzia de bofetadas entremeadas

com outras tantas pragas, e depois me largou assim que se satisfez, como sempre fazia. Isto durou quase um mês, após o que recebi do meu carrasco pelo menos a graça de não mais expor-me ao horrível tormento de vê-lo apoderar-se do que não tinha direito de tomar. Mas minha vida em nada mudou, os maus tratos continuaram exatamente iguais.

Um ano se passou nessa cruel situação quando por fim chegou a notícia de que Dalville não só fizera a fortuna esperada, que não só receberia uma quantidade imensa de papéis descontáveis em Veneza como queria, como também lhe encomendavam mais alguns milhões de moedas falsas em troca das quais lhe enviariam papéis pagáveis em Veneza. Era impossível que aquele bandido fizesse uma fortuna tão grande e inesperada. Ele ia partir com mais de um milhão de rendas; aí estava o novo exemplo que a Providência me preparava; esta era a maneira como queria ainda convencer-me de que a prosperidade era recompensa do crime, enquanto que a infelicidade era a da virtude.

Dalville preparou-se para partir. Veio ver-me quase à meia-noite, o que não fazia há muito tempo. Foi ele mesmo quem me anunciou sua fortuna e sua partida. Lancei-me aos seus pés, implorei-lhe com as mais vivas instâncias para que me desse a liberdade e o pouco dinheiro que quisesse dar-me para me levar a Grenoble.

— Em Grenoble tu me denunciarás.

— Está bem, senhor, disse eu regando seus joelhos com minhas lágrimas; juro-vos que jamais pisarei naquela cidade; para vos convencerdes melhor, levai-me convosco para Veneza. Talvez lá não encontre corações tão empedernidos como na minha pátria, e quando tiverdes me levado para lá, juro-vos por tudo o que me é mais sagrado que jamais vos importunarei.

— Não te darei socorro algum, nem um escudo, respondeu duramente o perverso. Tudo o que sabe à esmola e caridade é coisa tão repugnante para o meu caráter que estivesse eu coberto de três vezes mais ouro, jamais pensaria em dar um tostão sequer a um mendigo. Tenho princípios sobre estas coisas e dos quais jamais me afastarei. O pobre faz parte da ordem natural das coisas; ao criar os homens com forças desiguais, a natureza nos convenceu do seu desejo de que esta desigualdade se conservasse mesmo nas mudanças que nossa civilização provoca nas suas leis.

"O pobre substitui o fraco, já te disse; ajudá-lo equivale a eliminar a ordem estabelecida, e combater a da natureza, é destruir o equilíbrio que se encontra na base das suas mais sublimes disposições. É trabalhar em prol de uma igualdade perigosa para a sociedade; é encorajar a indolência e a preguiça, é ensinar ao pobre a roubar o rico, quando este recusar-se a ajudá-lo, e isto por hábito, pois do contrário essa ajuda terá dado ao pobre o direito de obtê-la se trabalhar."

— Oh, senhor, como estes princípios são cruéis! Falarieis deste modo se não tivésseis sido sempre tão rico?

— É preciso que o tenha sido sempre, mas soube dominar minha sorte, soube espezinhar o fantasma da virtude que jamais conduz senão à força ou ao hospital, soube ver logo que a religião, a beneficência e a humanidade se transformavam em obstáculos a todos os que visam alcançar a fortuna, e consolidei a minha sobre os escombros dos preconceitos do homem. Foi zombando das leis divinas e humanas, foi sacrificando sempre o fraco quando o encontrava no caminho, foi abusando da boa fé e da credulidade dos outros, arruinando o pobre e roubando o rico, que alcancei o templo escarpado da divindade a quem adorava. Por que não me imitaste? Tua fortuna estava nas tuas mãos, a virtude quimérica que preferiste àquela consolou-te dos sacrifícios que lhe fizeste? Não há mais tempo, desgraçada, não há mais tempo; chora as tuas faltas, sofre e trata de encontrares, se puderes, no seio dos fantasmas que adoras, o que a credulidade te fez perder.

Com estas palavras, Dalville lançou-se em cima de mim... mas ele me causava tal horror, suas máximas horríveis me inspiravam tanto ódio que o repeli duramente; ele quis empregar a força, mas não teve êxito, e vingou-se usando de crueldades. Fui engolfada por golpes, mas ele não conseguiu possuir-me. O fogo apagou-se sem êxito e as lágrimas perdidas do demente vingaram-me, por fim, dos seus ultrajes.

No dia seguinte, antes de partir, aquele desgraçado nos deu nova cena de crueldade, de barbárie que não se encontra igual nos anais dos Andrônicos, dos Neros, dos Venceslaus, nem dos Tibérios. Todo mundo acreditava que sua amante partiria com Dalville. Ele a mandara vestir-se para isso; mas no momento de montar a cavalo, a conduziu até nós:

— Eis aí teu lugar, vil criatura, disse-lhe ele mandando-a despir-se. Quero que meus camaradas lembrem-se de mim deixando-lhes por prêmio a mulher por quem me julgavam apaixonado. Mas como só bastam três aqui ... como farei uma

viagem perigosa na qual minhas armas ser-me-ão úteis, vou experimentar minhas pistolas numa de vocês.

Assim dizendo, ele armou uma delas, apontou-a contra o peito de cada uma das três mulheres presas à roda e por fim, dirigindo-se a uma das suas antigas amantes:

— Vai, disse-lhe ele queimando-lhe os miolos, vai levar notícias minhas para o outro mundo, vai dizer ao diabo que Dalville, o mais rico dos bandidos da terra, é aquele que desafia com maior insolência a mão do céu e a sua.

Aquela infeliz só expirou após debater-se por muito tempo nas suas cadeias, espetáculo horrível que o infame assistiu deliciado. Depois mandou que a tirassem dali para dar lugar à sua amante.

Quis que ela desse três ou quatro voltas na roda, recebendo da sua mão uma dúzia de chicotadas. Terminadas essas atrocidades, o abominável homem monta a cavalo seguido de dois criados e se afasta para sempre dos nossos olhos.

Tudo mudou no dia seguinte à partida de Dalville. Seu sucessor, homem bom e muito sensato, mandou-nos soltar imediatamente.

— Este não é trabalho para um sexo frágil e doce, disse-nos ele com bondade. São animais que devem cuidar dessa máquina. O trabalho que fazemos já é bastante criminoso sem ofender ainda mais o ser supremo com atrocidades gratuitas.

Ele nos instalou no castelo, repôs sem interesse a amante de Dalville na posse de todas as coisas com que se ocupava na casa e nos colocou, a minha companheira e a mim na oficina de cunhagem de moedas, trabalho muito menos cansativo, sem dúvida, e pelo qual éramos recompensadas com quartos muito bons e alimentação excelente. Ao fim de dois meses, o sucessor de Dalville, chamado Roland, nos deu a notícia da chegada a salvo de seu confrade à Veneza. Ele instalou-se naquela cidade, realizou sua fortuna e desfrutava da prosperidade da qual se podia vangloriar.

Era preciso que o destino de seu sucessor fosse o mesmo; o infeliz Roland era honesto, era o que bastava para que ele fosse prontamente esmagado. Certo dia, quando tudo estava tranqüilo no castelo, que sob as leis daquele bom senhor o trabalho, embora criminoso, era feito com facilidade e prazer, de repente as

paredes são atacadas. À falta de passagem da ponte, os fossos foram escalados e a casa, antes que se tivesse tempo de pensar na sua defesa, se viu invadida por mais de cem cavaleiros da polícia. Foi preciso render-se, fomos todos acorrentados como animais, prenderam-nos aos cavalos e conduziram-nos para Grenoble.

"Oh, céus, exclamei ao entrar na cidade. Eis aqui a cidade onde tive a louca idéia de julgar que encontraria a felicidade."

Os processos dos moedeiros falsos foi rápido, todos foram condenados à forca. Quando viram a marca que eu tinha, quase não se deram ao trabalho de me interrogar e eu ia ser enforcada como os outros, quando consegui, finalmente, despertar um pouco de piedade do famoso magistrado, honra daquele tribunal, juiz íntegro, cidadão querido, filósofo esclarecido cuja beneficência e humanidade gravarão no tempo da memória o nome célebre e respeitável. Ele me escutou ... e fez mais, convencido da minha boa fé e da veracidade das minhas desgraças, dignou-se consolar-me com suas lágrimas. Oh, grande homem, devo-te homenagem, permita a meu coração prestá-la, a gratidão de uma infeliz não será nada pesada para ti, e o tributo que ela te oferece ao honrar teu coração será sempre o mais doce deleite do seu.

O próprio Senhor S... tornou-se meu advogado. Minhas queixas foram ouvidas, meus gemidos encontraram eco nas almas e minhas lágrimas correram sobre corações que não eram de bronze e que sua generosidade abriu para mim. Os depoimentos gerais dos criminosos que iam ser executados vieram em apoio, pelo seu favor, do zelo daquele que tanto se interessara por mim. Fui declarada seduzida e inocente, plenamente reabilitada e liberada da acusação com total e inteira liberdade de ser o que quisesse. Meu protetor acrescentou aos seus serviços a tarefa de me arranjar uma subscrição que me valeu quase mil francos. Por fim eu vislumbrava a felicidade, meus pressentimentos pareciam cumprir-se e acreditava ter chegado ao fim das minhas desgraças, quando a Providência houve por bem convencer-me que estava ainda muito longe disso tudo.

Ao sair da prisão, hospedei-me num albergue diante da ponte de Isère onde, segundo me disseram, seria recebida honestamente. Minha intenção, conforme os conselhos do Senhor S ... era de ficar ali alguns dias para tentar empregar-me na cidade ou voltar para Lyon, se não conseguisse nenhuma colocação, com cartas de recomendação que ele tivera a bondade de dar-me. Eu comia naquele albergue o chamado table de l'hôte quando, no segundo dia, vi que era atentamente

observada por uma senhora gorda e bem vestida, que se dava o título de baronesa. A força de examiná-la também, acreditei reconhecê-la, dirigimo-nos uma para a outra e abraçamo-nos como duas pessoas que se conhecem, mas que não conseguem lembrar-se de onde. Por fim a gorda baronesa, puxando-me para um lado:

— Sofia, disse-me ela, estarei enganada, não sois aquela a quem salvei, há uns dez anos, da prisão, e não vos lembraís da Dubois?

Pouco satisfeita com esta descoberta, respondi com cortesia; mas estava conversando com a mulher mais educada e mais correta da França e não havia como escapar. A Dubois me cumulou de atenções, disse-me que estava interessada pelo meu caso como toda a cidade, mas que ignorava que se tratava da minha pessoa. Fraca, como de hábito, deixei-me conduzir até o quarto daquela mulher e contei-lhe todas as minhas desgraças.

— Minha querida amiga, disse-me ela abraçando-me, se eu quis ver-te mais particularmente foi para dizer-te que minha fortuna está feita e que tudo que tenho está à tua disposição.

— Olha, disse-me ela abrindo caixas cheias de ouro e diamantes. Eis aí os frutos do meu trabalho; se eu tivesse adulado a virtude, como o fazias, hoje já estaria enforcada ou presa.

— Oh, senhora, disse-lhe eu, se deveis tudo isto a crimes, a Providência, que sempre acaba sendo justa, não vos deixará desfrutar disso por muito tempo.

— Erro teu, disse a Dubois, não imagines que a Providência sempre favorece a virtude; que um pequeno instante de prosperidade te lança a tais erros. Não faz diferença, para a conservação das leis da Providência que aquele seja pervertido enquanto que este entrega-se à virtude; basta-lhe uma soma igual de vício e de virtude, e a pessoa que usa um ou outro é para ela a coisa mais indiferente do mundo.

"Escuta-me, Sofia, escuta-me com um pouco de atenção, disse-me ela sentando-se e fazendo-me sentar ao seu lado, és inteligente e gostaria de convencer-te. Não é a escolha que o homem faz do vício ou da virtude, minha querida, que o faz encontrar a felicidade, pois a virtude não é, como um vício, senão um modo de se portar no mundo. Não se trata, portanto, de seguir um e

não o outro, trata-se apenas de trilhar o caminho geral; aquele que se afasta dele, sempre erra. Num mundo inteiramente virtuoso, eu te aconselharia a virtude porque as recompensas a acompanhariam; a felicidade infalivelmente adviria dela; num mundo totalmente corrompido, jamais te aconselharia outra coisa senão o vício. Aquele que não segue o caminho dos outros perece inevitavelmente, tudo o que ele encontra o prejudica, e como é o mais frágil, é preciso, necessariamente, que seja vencido.

"É em vão que as leis queiram restabelecer a ordem e repor o homem no caminho da virtude; pervertidas demais para consegui-lo, fracas demais para ter êxito, elas o afastam por instantes do caminho aberto, mas jamais o farão abandoná-lo. Quando o interesse geral dos homens as levar à corrupção, aquele que não se quiser corromper com eles lutará contra o interesse geral; ora, que felicidade esperam aqueles que contrariam eternamente o interesse dos outros? Dir-me-ás que é o vício que contraria os interesses dos homens; concordarei contigo quanto a um mundo composto de partes iguais de depravados e virtuosos, porque então o interesse dos primeiros se choca visivelmente com o dos outros, mas não é assim numa sociedade totalmente corrompida; meus vícios, então, não ultrajando senão os depravados, determinam nele outros vícios que os recompensam e ambos ficamos felizes.

"A vibração torna-se geral, é uma enorme quantidade de choques e lesões mútuas, onde cada um, recuperando imediatamente o que acaba de perder, vê-se sempre numa posição agradável. O vício não é perigoso senão para a virtude, porque, frágil e tímida, ele jamais ousa alguma coisa, mas se ela for banida da terra, o vício, não afrontando senão os depravados, não perturbará mais ninguém, fará eclodir novos vícios, mas não se alternará com as virtudes.

"Objetar-me-ás com os bons efeitos da virtude? outro sofisma, eles servem somente ao fraco e são inúteis àquele que, pela sua energia, basta-se a si mesmo e que não necessita da sua sagacidade senão para corrigir os caprichos da sorte. Como queria que tudo te desse certo durante toda a tua vida, minha querida filha, se tomavas sempre o caminho contrário ao de todo mundo? Se te tivesses deixado levar pela corrente, terias encontrado o porto como eu. Aquele que deseja remar contra a corrente chegaria 16 em cima com a mesma rapidez daquele que desce? Um quer contrariar a natureza, o outro se entrega a ela. Sempre me falas da Providência, e quem te prova que ela ama a ordem e, por conseguinte, a virtude? Não está ela sempre te dando exemplos dessas injustiças e dessas irregularidades?

É enviando aos homens a guerra, a peste e a fome, e tendo formado um universo pervertido em todas as suas partes, que ela manifesta aos teus olhos seu extremo amor pela virtude? E por que queres que as pessoas depravadas a desagradem, já que ela própria age apenas pelos vícios, que tudo é vício e corrupção, que tudo é crime e desordem na sua vontade e nas suas obras?

"E, ademais, de quem recebemos estes impulsos que nos impelem para o mal? Não é sua mão que no-los dá, haverá uma só vontade nossa, ou sensação nossa, que não venha dela? Será então razoável dizer que ela nos abandonaria ou nos daria inclinações para uma coisa que lhe seria inútil? Se, portanto, os vícios a servem, por que desejaríamos combatê-los, por que direito agiríamos para destruí-los e quem diz que resistiríamos à sua voz? Um pouco mais de filosofia no mundo logo poria tudo no seu devido lugar e faria ver aos legisladores, aos magistrados, que estes vícios que eles acusam e castigam com tanto rigor, têm às vezes um grau de utilidade bem maior que essas virtudes que pregam sem jamais recompensá-las?"

— Mas quando eu tiver a fraqueza, madame, respondi àquela corruptora, para me entregar aos vossos terríveis sistemas, como conseguirieis abafar o remorso que a cada momento nasceriam no meu coração?

— O remorso é uma ilusão, Sofia, redargüiu a Dubois, ele não passa do murmúrio imbecil da alma fraca demais para ousar eliminá-lo.

— E pode-se eliminá-lo?

— Nada mais fácil; só nos arrependemos daquilo que não estamos acostumados a fazer. Repete freqüentemente o que causa remorso e conseguirás eliminá-lo; enfrenta-o com o facho das paixões, com as leis poderosas do interesse e logo o terás dissipado. O remorso não prova o crime, mas indica somente uma alma fácil de subjugar. Se houver uma ordem absurda que te impeça de sair imediatamente deste quarto, tu não sairás daqui sem remorso, embora seja certo que não farás mal algum em sair.

"Portanto, não é verdade que somente o crime é que causa remorso; convencendo-se da nulidade dos crimes ou da sua necessidade com relação ao plano geral da natureza, seria portanto possível vencer tão facilmente o remorso que se teria em cometê-los, como te seria fácil abafar aquele que nasceria da tua saída deste quarto após a ordem ilegal que terias recebido para aqui ficar. É

preciso começar com uma análise exata de tudo o que os homens chamam de crime, começar por convencer-se que estes não passam de uma infração das suas leis e dos seus costumes nacionais, que eles assim caracterizam; o que chamamos de crime na França, deixa de sê-lo a algumas léguas dali, que não existe nenhuma ação que seja realmente considerada como um crime universalmente em toda a terra, e que, em conseqüência, nada no fundo merece razoavelmente o nome de crime, que tudo é uma questão de opinião e de geografia.

"Dito isto, é portanto absurdo querer se submeter à prática das virtudes que não passam de vícios em outros lugares, e a fugir de crimes que são boas ações em outros climas. Pergunto-te agora se este exame feito com reflexão pode causar remorso naquele que, por seu prazer ou por seu interesse, tenha cometido na França uma virtude da China ou do Japão que, todavia, a desonrará em sua pátria. Será que ele se deterá diante dessa vil distinção, e se for um pouco filosófico, será ele capaz de lhe causar remorso? Ora, o remorso só existe por causa da defesa, surge por causa do rompimento dos freios e não por causa da ação; será sensato deixá-lo subsistir em si, não será absurdo não eliminá-lo sem demora?

"Que a pessoa se acostume a considerar como indiferente a ação que provoca remorsos, que ela a julgue como tal pelo estudo ponderado dos modos e costumes de todas as nações da terra; em conseqüência desse raciocínio, que ela repita aquela ação, seja qual for, o mais freqüentemente possível, e o facho da razão logo destruirá o remorso, eliminará essa atitude tenebrosa, fruto apenas da ignorância, da pusilanimidade e da educação.

"Há trinta anos, Sofia, que uma seqüência perpétua de vícios e crimes me conduziu passo a passo rumo à fortuna, ei-la aqui; mais dois ou três golpes de sorte e passarei do estado de miséria e de mendicância em que nasci para mais de cinqüenta mil libras de renda. Será que imaginas que nessa carreira brilhantemente percorrida, o remorso tivesse por um instante me feito sentir seus espinhos? Não o creias, jamais o conheci. Um revés terrível me precipitaria imediatamente do pináculo ao abismo e mesmo assim não o admitiria; eu me queixaria dos homens ou da minha inépcia, mas estaria sempre em paz com minha consciência."

— Seja, mas ponderemos um instante sobre vossos princípios de filosofia. Com que direito pretendeis exigir que minha consciência seja tão firme quanto a vossa, já que ela não está acostumada desde a infância a vencer os mesmos

preconceitos; com que direito exigis que meu espírito, que não está organizado como o vosso, possa adotar os mesmos sistemas? Vós admitis que existe uma soma de males e de bens na natureza, e que, em consequência, é preciso que haja certa quantidade de seres que praticam o bem, e uma outra classe que se dedique ao mal. O partido que tomo, mesmo em vossos princípios, está, portanto, na natureza. Logo não exigis que eu me afaste das regras que ela me prescreve,

e como encontráis, assim o dizeis, a felicidade na carreira que seguís, também me seria impossível encontrá-la fora daquela que eu percorro. Não imagináis, ademais, que a vigilância das leis deixa em repouso por muito tempo àqueles que a infringem; não acabais de ver com vossos próprios olhos um exemplo disso? De quinze bandidos entre os quais tive a infelicidade de morar, um se salva e quatorze morrem ignominiosamente.

— E é isto que chamas de desgraça? Que importa, em primeiro lugar, essa ignominia a quem não tem mais princípios? Quando se infringiu tudo, quando a honra não passa de um preconceito, a reputação uma fantasia, o futuro uma ilusão, não é a mesma coisa perecer na forca ou na cama? Há duas espécies de bandidos no mundo, aquele a quem uma fortuna poderosa, um crédito prodigioso põe ao abrigo desse fim trágico e aquele que não o evitará se for preso; este último, nascido sem bens, não deve ter senão dois pontos de vista, se for inteligente: a fortuna ou o suplício. Se tiver êxito no primeiro, ele tem o que desejava, se só alcança o segundo, o que pode ele lamentar, já que não tem nada a perder?

"Assim, com relação aos bandidos, as leis são nulas, pois elas não alcançam o poderoso, o que é feliz escapa-lhe, e o desgraçado, não tendo outro recurso senão sua arma, deve enfrentá-las sem medo.

— E não credes que a justiça divina recebe num mundo melhor aquele a quem o crime não assustou neste?

— Creio que se existisse um deus, haveria menos males na terra; creio que se o mal existe na terra, ou estas desordens são exigidas por esse deus, ou então ele não tem forças para impedi-las; e não temo um deus que é apenas fraco ou perverso, enfrento-o sem medo e rio-me dos seus raios.

— Fazeis-me tremer, madame, disse-lhe eu levantando-me, perdoai-me por não poder escutar por mais tempo vossos execráveis sofismas e vossas odiosas blasfemias.

— Pára, Sofia, se não posso vencer tua razão, que eu seduza pelo menos o teu coração. Tenho necessidade de ti, não me recuses tua ajuda; eis aqui cem luíses, ponho-os de lado na tua frente, se o golpe der certo, eles serão teus.

Escutando somente a minha inclinação natural para fazer o bem, perguntei imediatamente à Dubois do que se tratava, para impedir com todas as minhas forças o crime que ela se preparava para conter.

— É o seguinte. Já observaste o jovem negociante de Lyon que come conosco há três dias?

— Quem, Dubreuil?

— Precisamente.

— E então?

— Ele está apaixonado por ti, ele próprio me confiou isto. Ele tem seiscentos mil francos em ouro ou em notas numa caixinha que fica junto de sua cama. Deixa-me fazer crer a esse homem que tu consentes em escutá-lo; quer seja verdade ou não, o que te importa? Eu me encarregarei de propor-lhe um passeio fora da cidade, eu o convencerei que ele terá resultados contigo nesse passeio; tu o divertirás, mantê-lo-ás afastado o mais tempo possível. Enquanto isso, eu o roubarei, mas não fugirei daqui, pois seus pertences já estarão em Turim enquanto eu estarei ainda em Grenoble.

"Nós empregaremos toda a arte possível para que ele não suspeite de nós; fingiremos ajudá-lo em suas buscas; enquanto isso, anunciarei minha partida, ele não se espantará com isso, tu me seguirás e os cem luíses serão teus quando chegarmos a Piemont.

— Aceito, madame, disse eu à Dubois, decidida a avisar o infeliz Dubreuil da infâmia que se tramava contra ele.

E para melhor iludir aquela mulher perversa:

— Mas, pensei madame, acrescentei, que se Dubreuil está apaixonado por mim, não posso conseguir mais dele avisando-o ou me vendendo a ele, do que podeis oferecer-me para traí-lo?

— É verdade, disse a Dubois, na verdade começo a crer que o céu te deu mais arte do que a mim para o crime. Está bem, continuou ela escrevendo, eis aqui minha nota de mil luíses, atreve-te a recusar agora.

— Não o farei madame, disse-lhe eu aceitando a nota, mas podeis atribuir isso somente ao meu desgraçado estado e à minha fraqueza o erro que cometo ao ajudá-la.

— Gostaria de elogiar teu espírito, disse a Dubois, tu gostas mais que eu, culpe tua desgraça por isso; pois seja como quizeres, serve-me sempre e ficarás satisfeita.

Tudo foi providenciado; naquela mesma noite comecei a dar alguma atenção a Dubreuil e reconheci efetivamente que ele gostava de mim.

Nada mais constrangedor que minha situação; estava sem dúvida bem longe de me prestar ao crime proposto, eu podia ganhar três vezes mais; contudo, repugnava-me a idéia de ver enforcada uma mulher a quem devia minha liberdade dez anos antes; queria impedir o crime sem denunciá-la, e com qualquer outra bandida refinada como a Dubois, eu o teria conseguido. Eis portanto o que eu decidi fazer, ignorando que a manobra furtiva daquela abominável criatura não só destruiria todos os meus projetos como também me castigaria por tê-los concebido.

No dia marcado para o passeio, a Dubois nos convidou para jantar em seus aposentos; aceitamos e, terminada a refeição, Dubreuil e eu descemos para tomarmos o carro que nos preparavam. A Dubois não nos acompanhou; portanto, fiquei sozinha com Dubreuil por um momento antes de embarcarmos:

— Senhor, disse-lhe eu precipitadamente, escutai-me com atenção, mas sem alardes e observai rigorosamente o que vos prescreverei. Tendes um amigo de confiança neste albergue?

— Sim, tenho um jovem associado com quem posso contar como se fosse eu próprio.

— Então, senhor, ide sem demora mandá-lo ficar em vosso quarto e não sair dali por um instante sequer até voltarmos do passeio.

— Mas tenho a chave do quarto no meu bolso; o que significa esta precaução a mais?

— É mais importante do que julgais, senhor, fazei isto, por favor, ou então não sairei convosco. A mulher de cujos aposentos saímos é uma malfeitora e providenciou o passeio que vamos fazer juntos para roubar-vos descansadamente durante nossa ausência. Apressai-vos, senhor, ela nos observa e é perigosa; que eu não dê a impressão de vos estar prevenindo de alguma coisa; dai imediatamente a chave de vosso quarto ao vosso amigo, que ele fique lá com mais algumas pessoas, se tal for possível e que ninguém saia dali até que voltemos. Eu vos explicarei o resto quando tivermos embarcado.

Dubreuil compreende-me, aperta-me a mão para agradecer e vai dar as ordens que recomendei. Volta pouco depois e saímos; no caminho conto-lhe toda a história. O jovem me dá provas de todo o seu reconhecimento pelo serviço que lhe presto e após ter-me implorado para que lhe contasse minha verdadeira situação, deixou claro que nada do que lhe contasse das minhas aventuras o repugnariam o suficiente para impedi-lo de me oferecer sua mão e sua fortuna.

— Nossas condições são iguais, disse-me Dubreuil, eu sou filho de um negociante como vós; nossos negócios vão muito bem e os vossos fracassaram; estou muito feliz por poder reparar os erros da fortuna para convosco. Pensai nisso, Sofia, sou independente, não dependo de ninguém e vou a Genebra para aplicar as quantias que vosso aviso me salva. Vós ireis comigo e quando lá chegarmos, eu me tornarei vosso esposo e voltareis a Lyon como minha esposa.

Esta aventura me alegrava muito e não ousava recusá-la, mas não podia fazê-lo sem deixar claro a Dubreuil sobre tudo que lhe poderia causar arrependimentos. Ele tornou a insistir... Desgraçada criatura que eu sou, será preciso que a felicidade só me seja oferecida para que eu sinta mais intensamente a tristeza de jamais poder alcançá-la, e assim foi pelos desígnios da Providência, pois mal desabrochava na minha alma uma virtude, esta me precipitava para a desgraça! Nossa conversa já nos fizera afastar duas léguas da cidade e íamos descer do carro para passar às margens do Isère, onde queríamos passear, quando, de repente, Dubreuil disse que se sentia terrivelmente mal... Ele desembarca e põe-se a vomitar horrivelmente. Ponho-o de volta no carro e corremos para Grenoble;

Dubreuil está tão doente que é preciso carregá-lo para seu quarto. Seu estado surpreende os amigos que, por ordens suas, não tinham saído do apartamento ... Eu não o deixo por um minuto sequer... chega o médico. Oh, céus, o estado do jovem infeliz é revelado, ele está envenenado. Mal ouço a notícia, corro ao apartamento da Dubois, a perversa... ela já partira. Vou ao meu quarto, meu armário está arrombado, o pouco dinheiro e os pertences que tinham foram roubados e a Dubois, dizem-me há três horas já viaja na carruagem para Turim.

Não havia dúvida de que era ela a autora de todos esses crimes; ela fora até o quarto de Dubreuil, irritara-se ao ver tanta gente e por isso vingou-se em mim. Envenenara Dubreuil no jantar para que, ao voltar, se tivesse conseguido roubá-lo, o desgraçado jovem, mais ocupado em salvar a própria vida, não poderia persegui-la, a deixaria em segurança, e para que o acidente da sua morte, ocorrendo em meus braços, lançasse sobre mim as suspeitas do crime. Volto correndo para o quarto de Dubreuil, mas não me deixam aproximar dele; ele expirava perto de seus amigos, mas desculpando-me e assegurando-os da minha inocência e proibindo-os de me perseguirem. Mal fechou ele os olhos, seu associado apressou-se em dar-me a notícia e dizer-me para que ficasse tranqüila ..

Ai de mim, como poderia ficar tranqüila; como poderia deixar de chorar lágrimas amargas pela perda do único homem que, desde que caíra no infortúnio, se oferecera generosamente para tirar-me dele. Não poderia eu deplorar um roubo que me jogava de volta ao abismo da miséria do qual não conseguia sair de todo? Conteí tudo ao associado de Dubreuil e do que se combinara contra seu amigo, do que me acontecera; ele me lastimou e lamentou amargamente a perda do seu associado, culpando meu excesso de delicadeza que me impedira de ir queixar-me assim que soube dos projetos da Dubois. Combinamos que aquela horrível criatura que precisava apenas de mais quatro horas para pôr-se a salvo em outro país, lá chegaria bem antes que pudéssemos persegui-la, que isto nos custaria muito caro, que o dono do albergue, vivamente comprometido nas queixas que eu ia fazer e defendendo-se vigorosamente, talvez acabasse por esmagar alguém que em Grenoble acabara de escapar de um processo criminal e não podia subsistir ali senão à custa da caridade pública...

Estas razões me convenceram e de tal modo assustaram-me que decidi partir imediatamente, sem despedir-me do Senhor S... meu protetor. O amigo de Dubreuil aprovou esta decisão, não escondeu que se esta aventura viesse a lume, os depoimentos que ele seria obrigado a fazer me comprometeriam, por maiores

que fossem suas precauções, tanto por causa da minha ligação com a Dubois como devido ao meu último passeio com seu amigo. Por isso, renovou o conselho para que saísse imediatamente de Grenoble sem ver ninguém, assegurando-me, de sua parte, que jamais faria qualquer coisa contra mim.

Pensando, sozinha, em toda essa aventura, vi que o conselho do jovem era melhor ainda mais porque eu tinha ar de culpada, embora ele estivesse certo de que eu não o era; que a única coisa que falava claramente em meu favor — o aviso dado a Dubreuil, talvez mal explicado por ele no momento da morte — não seria uma prova muito convincente e não devia contar muito com ela. Assim, decidi-me imediatamente e comentei com o associado de Dubreuil.

— Eu gostaria, disse-me ele, que meu amigo me tivesse encarregado de fazer alguma coisa por vós; eu cumpriria tudo com o maior prazer; gostaria mesmo que ele me tivesse dito que fora vós que o aconselhara a cuidar do seu quarto durante vosso passeio; mas ele não fez nada disso; disse-nos apenas, várias vezes, que não éreis culpada de nada e que não deveríamos de modo algum perseguir-vos.

“Portanto, sou obrigado a cumprir somente as ordens que ele me deu. A desgraça que dizeis ter-vos ocorrido por causa dele me decidiria fazer qualquer coisa a mais por vós, se o pudesse, senhorita, mas apenas começo a trabalhar no comércio, sou jovem e extremamente limitado; nada de Dubreuil me pertence e sou obrigado a entregar tudo à sua família. Mesmo assim, permiti-me, Sofia, de vos prestar um pequenino serviço; eis aqui cinco luíses, e ali está, disse-me ele fazendo-me acompanhar ao seu quarto, uma mulher com quem conversei no albergue. Eis aí uma comerciante honesta de Chalon-sur-Saône, minha terra, para onde volta após ter ficado um dia em Lyon a negócios.”

"Senhora Bertrand, disse o jovem apresentando-me a ela, eis aqui uma jovem a quem vos recomendo. Ela está com vontade de instalar-se na província; peço-vos, como se trabalhasseis para mim, para lhe dar toda ajuda possível para que ela possa instalar-se na nossa cidade de maneira conveniente ao seu nascimento e à sua educação. Que nada disso lhe custe coisa alguma, eu vos prestarei contas assim que nos vermos ... Adeus, Sofia ... a Senhora Bertrand parte esta noite; ide com ela e que um pouco mais de felicidade possa acompanhar-vos numa cidade onde talvez logo tenha a satisfação de vos reencontrar e de vos testemunhar por toda vida a gratidão pelo vosso bom procedimento para com Dubreuil.

A honestidade daquele jovem, que no fundo nada me devia, fez-me chorar; aceitei sua ajuda jurando que iria trabalhar para pôr-me em condições de lhe retribuir um dia. "Ai de mim, disse para mim mesma retirando-me, se o exercício de uma nova virtude vem precipitar-me no infortúnio, pelo menos, pela primeira vez na minha vida, a aparência de um consolo me é oferecida neste abismo espantoso de males onde a virtude me lança mais uma vez." Não vi mais o meu jovem benfeitor e parti como fora decidido, acompanhando a Senhora Bertrand, na noite seguinte à morte de Dubreuil.

A Bertrand possuía um pequeno carro coberto, tirado por um cavalo, que conduzíamos alternadamente de dentro. Ali também estavam acomodados seus pertences e boa quantia em dinheiro vivo; ela também levava uma menina de dezoito meses, a quem ainda amamentava e a quem, para minha desgraça, logo passei a amar como se fosse minha filha.

A Senhora Bertrand era uma mulher tagarela, sem educação ou inteligente, faladora, aborrecida e que se portava como quase todas as mulheres vulgares. Todas as noites retirávamos regularmente os pertences e levávamos tudo para o albergue e dormíamos no mesmo quarto. Chegamos a Lyon sem nenhuma novidade, mas durante os dois dias em que aquela mulher cuidou dos seus negócios, eu tive naquela cidade um encontro muito singular. Eu passeava à margem do Ródano com uma das moças do albergue a quem pedira que me acompanhasse, quando de repente vi dirigir-se para mim o reverendo padre Antonin, agora guardião das recoletas daquela cidade, carrasco da minha virgindade e que conhecera, como bem o lembrais, madame, no pequeno convento de Sainte Marie des Bois para onde minha desgraçada estrela me conduzira. Antonin me abordou grosseiramente e me perguntou, diante daquela criada, se eu gostaria de ir visitá-lo em sua nova casa e repetir nossos antigos prazeres.

— Eis aí uma boa menina, disse-me ele falando da minha acompanhante, que será igualmente bem recebida. Temos na nossa casa gente muito boa e capaz de cuidar de duas encantadoras jovens.

Corei prodigiosamente com tais palavras e por instantes quis fazer ver àquele homem que ele se enganara, mas não conseguindo, tentei por todos os meios pelo menos contê-lo diante da minha acompanhante, mas nada acalmava aquele insolente e suas solicitações tornaram-se mais insistentes. Por fim, após termos

recusado várias vezes a acompanhá-lo, ele pôs-se insistentemente a exigir meu endereço. Para livrar-me dele dei-lhe um endereço falso; ele o escreveu no seu caderninho e nos deixou, garantindo que logo nos veríamos novamente.

Voltamos ao albergue; no caminho expliquei como pude, a história daquele infeliz conhecimento à criada que estava comigo, mas seja porque não a convenci ou por tagarelice natural desse tipo de mulher, percebi, pelas palavras da Bertrand, que ela fora informada do meu conhecimento com aquele monge perverso. Ele, porém, não apareceu e partimos de Lyon. Como tivéssemos saído tarde, no primeiro dia chegamos apenas a Villefranche e foi ali, madame, que me ocorreu a catástrofe horrível que me faz hoje aparecer na vossa presença como criminosa, sem que eu tivesse participado daquela funesta situação, assim como não participei de nenhuma das outras pelas quais me vedes abatida pelos golpes do destino, e sem ter sido conduzida ao abismo da desgraça senão pelo sentimento de beneficência que me era impossível apagar do coração.

Chegamos, no mês de fevereiro, às seis horas da tarde em Villefranche, jantamos e fomos deitar cedo, minha companheira e eu, para começarmos mais cedo nossa viagem no dia seguinte. Havia duas horas que dormíamos quando uma fumaça terrível, entrando no nosso quarto, nos despertou sobressaltadas. Logo vimos tratar-se de um incêndio... oh, meu Deus, o incêndio já estava muito intenso; abrimos a porta, ainda semi-nuas e ouvimos ao nosso redor o barulho de paredes que desabavam, o ruído terrível de vigamentos que se rompem e os gritos espantosos dos desgraçados que caíam no salão. Uma cortina de labaredas devoradoras lançou-se contra nós e mal nos dá tempo de correr para fora, ficando misturadas com a multidão de infelizes que como nós, estavam nus, com queimaduras e buscando socorro na fuga.

Nesse instante lembro-me que a Bertrand, mais ocupada em salvar-se do que a sua filha, não pensara em salvá-la. Sem nada dizer-lhe corro para dentro do nosso quarto, em meio às chamas que me cegam e queimam-me várias partes do corpo, agarro a pobre criaturinha e corro a levá-la para sua mãe. Mas ao apoiar-me sobre uma trave meio queimada, falta-me o pé e meu primeiro movimento é estender as mãos. Esse impulso da natureza me deixa cair o fardo precioso que seguro e a infeliz criança cai nas chamas aos olhos da mãe. Aquela mulher injusta, sem pensar no começo da minha ação para salvar sua filha, nem na maneira como ocorrera a queda, vem atacar-me, desvairada pela dor, atirando-se

impetuosamente contra mim, acusando-me da morte da filha e cobrindo-me de socos que, no estado que estava, não podia evitar.

Enquanto isso, o incêndio é controlado, o grande número de pessoas que o combatiam conseguiu salvar a metade do albergue. O primeiro cuidado da Bertrand é de retornar ao seu quarto, um dos menos atingidos. Ali ela renova suas queixas dizendo-me que eu devia ter deixado sua filha ali onde não teria corrido risco algum. Mas, ao procurar pelos seus pertences, vê que fora roubada. Não mais escutando nada senão seu desespero e sua raiva, acusa-me em altos gritos de ter sido a causadora do incêndio e de tê-lo provocado apenas para roubá-la mais à vontade; disse que ia denunciar-me e passando da ameaça ao ato, pede para falar com o juiz da cidade.

Quis protestar minha inocência, mas ela não me escutou; o magistrado que ela chamara estava perto, pois fora ele próprio quem ordenara o combate ao incêndio. Ele aparece a pedido da mulher cruel. Esta apresenta sua queixa, conta tudo que lhe vem à cabeça para dar força e legitimidade à sua queixa, descreve-me como uma mulher de vida má, escapada da força em Grenoble, como uma criatura a quem um jovem, com certeza seu amante, a encarregara de cuidar contra sua vontade. Ela fala do monge de Lyon; em suma, não se esquece de nada do que a calúnia, envenenada pelo desespero e pela vingança, pode inspirar.

O juiz recebe a queixa, examina-se a casa e descobre-se que o fogo começou num celeiro cheio de feno onde, segundo o depoimento de várias pessoas, me viram entrar. Ao procurar uma privada, mal orientada pelas criadas a quem perguntei, entrei naquele celeiro e ali fiquei por tempo suficiente para provocar a suspeita daquilo de que me acusavam. O processo começa e se desenrola de acordo com todas as regras, as testemunhas são ouvidas, nada do que posso alegar em minha defesa é recebido com atenção; comprova-se que eu sou a incendiária, que queimei a criança somente por excesso de crueldade; prova-se que eu tinha cúmplices que efetuavam o roubo enquanto eu agia de outra parte e, sem mais esclarecimentos, no dia seguinte deverei ser levada para a prisão de Lyon e encarcerada como incendiária, infanticida e ladra.

Acostumada há muito tempo com a calúnia, a injustiça e a desgraça, que desde minha infância só me fazem entregar-me a um sentimento qualquer de virtude, encontrando em seu lugar somente espinhos, minha dor foi mais estúpida que lancinante e chorei mais sem queixar-me muito. Todavia, como é natural para

a criatura sofredora procurar todos os meios possíveis de sair do abismo onde seu infortúnio a lançou, o padre Antonin me veio à lembrança; por menor socorro que esperasse dele, não me recusei a vontade de vê-lo e pedi que ele viesse ver-me. Como não sabia o que eu queria, ele apareceu, mas fingiu não me reconhecer. Então eu disse ao carcereiro que ele talvez não se lembrasse de mim, pois eu era muito jovem quando ele foi meu confessor. E por isso eu pedi que me visse a sós. Todos concordaram, e assim que me vi a sós com aquele monge, lancei-me aos seus pés e lhe implorei que me salvasse da cruel situação em que me encontrava; provei-lhe minha inocência e não lhe ocultei que as palavras desagradáveis que ele me dirigira dois dias antes haviam lançado contra mim a pessoa a quem eu fora recomendada e que agora era minha inimiga. O monge escutou-me com muita atenção e mal terminei, o perverso, como resposta, mandou que eu me entregasse a ele, mas, recuando horrorizada ante aquela proposta execrável:

— Escuta, Sofia, disse-me ele, e não te portes como sempre tão logo se infringe teus malditos preconceitos; vês para onde te conduziram, teus princípios e podes agora convencer-te facilmente que eles só serviram para lançar-te de abismo em abismo. Deixa então de obedecê-los pelo menos uma vez se quiseres que te salvem a vida. Só vejo um meio de conseguir isso; um dos nossos padres daqui é parente próximo do governador e do intendente, eu o prevenirei. Diz que és sobrinha dele e ele te confirmará, com a promessa de ingressares no convento para sempre. Estou convencido de que ele impedirá que o processo vá adiante. Com isto, desaparecerá e ele te enviará para mim e eu me encarregarei de te ocultar para sempre. Mas tu serás minha. Não escondo que será escrava para servir aos meus caprichos e tu os saciarás todos sem pensar, já os conheces. Sofia, tu me compreendes, portanto, escolhe entre esta saída e a morte e não me faças esperar pela resposta.

— Ide, meu padre, respondi horrorizada, ide. Sois um monstro por ousardes abusar assim da minha situação para colocar-me entre a morte e a infâmia. Ide, saberei morrer inocente e pelo menos morrerei sem remorsos.

Minha resistência excita o perverso que ousa mostrar até que ponto suas paixões estão exacerbadas. O infame se atreve a conceber carícias de amor em meio ao horror e às correntes, até mesmo sob a espada que está por abater-me. Quero fugir-lhe mas ele me persegue, lança-me sobre a desgraçada palha que me serve de leito e ali consuma inteiramente seu crime, e pelo menos oculta os traços

funestos que não posso mais fazer para que ninguém saiba da abominação dos seus desejos.

— Escuta, disse-me ele arrumando-se, não queres que te seja útil; em boa hora te abandono. Não te servirei, nem te aborrecerei, mas se disseres uma só palavra contra mim, eu te acusarei de crimes ainda maiores e eliminarei num instante qualquer meio que possas ter para defender-te. Pensa bem antes de falar e compreenda o espírito das palavras que direi ao carcereiro ou eu te esmago de uma vez por todas.

Ele bate à porta e o carcereiro entra:

— Senhor, disse-lhe o perverso. Esta menina está enganada; ela queria falar com o padre Antonin que está em Bordeaux, não a conheço nem a conhecia antes. Ele me pediu que a ouvisse em confissão e o fiz. Vós conheceis nossas leis, nada tenho a dizer. Cumprimento-os a ambos e estarei sempre pronto a vir quando precisarem do meu ministério.

Dizendo estas palavras, Antonin sai e me deixa tão estupefata com a sua trapaça, quanto com sua insolência e libertinagem.

Nada funciona melhor que os tribunais inferiores; quase sempre compostos de idiotas, rigoristas imbecis ou de fanáticos brutais, quase sempre seguros de que outros corrigirão sua estupidez, nada os detêm quando têm de cometê-las. Fui condenada por unanimidade à morte por oito ou dez pessoas que formavam o respeitável tribunal daquela cidade de falidos e imediatamente levada para Paris para confirmação da minha sentença. Os pensamentos mais amargos e dolorosos surgiram então para acabar de me estraçalhar o coração.

"Sob que estrela fatal nasci para que me tornasse impossível conceber um só sentimento virtuoso sem que fosse logo seguido por um dilúvio de males. Como pode ser que essa Providência esclarecida cuja justiça me comprazo em adorar, ao me punir pelas minhas virtudes, ao mesmo tempo oferece a glória para os que me esmagam com seus vícios? Um usurário na minha infância quer obrigar-me a cometer um roubo; recuso e ele fica rico, enquanto eu fico às vésperas de ser enforcada. Ladrões querem violar-me no bosque porque não desejo acompanhá-los, eles prosperam e eu caio nas mãos de um marquês devasso que me dá cem chibatadas com nervo de boi por não querer envenenar sua mãe. Dali vou parar na casa de um médico a quem salvo de cometer um crime execrável; o carrasco, para

recompensar-me, me mutila, me marca e manda embora. Seus crimes se realizam, sem dúvida, ele faz fortuna e eu sou obrigada a mendigar meu pão. Quero aproximar-me dos sacramentos, quero implorar fervorosamente ao ser supremo que me envia tantas desgraças, o augusto tribunal onde espero purificar-me num dos mais santos dos nossos mistérios, torna-se o mais terrível teatro da minha desonra e da minha infâmia. O monstro que abusa de mim e que me desonra, recebe sem demora as maiores honrarias enquanto eu caio novamente nos abismos horríveis da minha miséria. Quero ajudar um pobre, e ele me rouba. Ajudo um homem desfalecido, o perverso faz-me girar uma roda como besta de carga. Esmaga-me com chicotadas quando as forças me faltam, todos os favores da sorte lhe são dados e estou prestes a perder a vida por ter trabalhado à força para ele. Uma mulher indigna quer seduzir-me para um novo crime e torno a perder os poucos bens que possuo para salvar a fortuna de sua vítima e para evitar sua desgraça. O infeliz quer recompensar-me dando-me seu nome e expira nos meus braços antes que possa fazê-lo. Exponho-me a um incêndio para salvar uma criança que não é nada minha e eis-me pela terceira vez sob o gládio da Têmis. Imploro a proteção de um desgraçado que me desonrou, ousou esperar que ele se sensibilize com o excesso dos meus infortúnios e novamente ao preço da minha desonra é que o bárbaro me oferece ajuda. Oh, Providência, será que eu sou obrigada por fim a duvidar da tua justiça? Que outros flagelos maiores ter-se-iam abatido sobre mim se, a exemplo dos meus perseguidores, eu tivesse sempre adulado o vício?"

Estas, madame, as imprecações que, a contragosto, ousava expressar ... Que me eram arrancadas pelo horror da minha sorte, quando vos dignastes olhar-me com piedade e compaixão. Mil desculpas, madame, por ter abusado da vossa paciência por tanto tempo, reabri minhas chagas, perturbei vosso repouso e isto é tudo que vós e eu colheremos da narrativa destas cruéis aventuras. O sol está nascendo, meus guardas vão chamar-me, permiti que eu corra para a morte. Não a temo mais; ela abreviará meus tormentos, acabará com eles. Só pode temê-la o ser feliz cujos dias correm puros e serenos. Mas para a desgraçada criatura que só pisou em cobras, cujos pés sangrentos só percorreram caminhos espinhosos, que só conheceu os homens apenas para odiá-los, que só viu o facho do dia apenas para detestá-lo, aquela a quem reveses cruéis roubaram os pais, fortuna, socorro, proteção, amigos; aquela que nada tem no mundo senão lágrimas para beber e tribulações para nutrir-se... esta, eu vos digo, deve dirigir-se para a morte sem tremer; ela a deseja como a um porto seguro onde a tranqüilidade renascerá para

ele no seio de um deus justo demais para permitir que a inocência aviltada e perseguida nesta terra não encontre um dia, no céu, a recompensa pelas suas lágrimas.

O honesto Senhor de Corville não pudera ouvir a narrativa sem ficar prodigiosamente comovido. Quanto à Senhora de Lorsange, em quem (como dissemos) os monstruosos erros da juventude não havia apagado sua sensibilidade, estava prestes a desmaiar:

— Senhorita, disse ela a Sofia, é difícil ouvir-vos sem se ter por vós o mais vivo interesse ... Mas devo dizer-vos que um sentimento inexplicável, mais vivo do que o que vos descrevo, me atrai irresistivelmente para vós, e torna meus os vossos males. Vós me haveis ocultado vosso nome, Sofia, e também vosso nascimento; eu vos imploro para que me reveleis vosso segredo. Não imaginai que seja apenas vã curiosidade que me leva a falar-vos assim. Se o que suspeito é verdade ... Oh, Justine, se fôsseis minha irmã!

— Justine ... madame, que nome!

— Ela hoje teria vossa idade.

— Oh, Juliette, é a vós que escuto, disse a infeliz prisioneira lançando-se nos braços da Senhora de Lorsange, tu... minha irmã! Oh, meu Deus, como blasfemei. Duvidei da Providência... Ah, morrerei bem menos infeliz pois pude abraçar-te mais uma vez.

E as duas irmãs, fortemente abraçadas, expressavam-se e entendiam-se apenas pelos seus soluços e suas lágrimas ... O Senhor de Corville não pôde conter as suas e vendo que era-lhe impossível dar maior atenção àquele caso, saiu imediatamente e passou para outro aposento.

Ele escreveu ao guardião dos selos, pintando em traços de sangue o horror da sorte da infeliz Justine e apresentou-se como garantia da sua inocência, exigiu que até completo esclarecimento do processo a pretensa culpada tivesse seu castelo por prisão e encarregou-se de representá-la à primeira ordem do chefe soberano da justiça. Escrita a carta, ele encarrega os dois cavaleiros, a quem revela sua identidade, de levá-la imediatamente e de vir levar sua prisioneira para sua casa se receber ordens para tal do chefe da magistratura. Os dois homens, vendo o que

iam fazer, não temendo comprometer-se pela obediência, saíram, enquanto um carro se aproximava...

— Vinde, bela infeliz, disse então o Senhor de Corville a Justine, encontrando-a ainda nos braços de sua irmã. Vinde, tudo mudará para vós dentro de um quarto de hora. Não se dirá mais que vossas virtudes não encontrarão sua recompensa neste mundo e que não encontras nunca senão almas de ferro ... segui-me, sois minha prisioneira, e sou eu quem respondo por vós.

E o Senhor de Corville explica então em poucas palavras tudo o que acaba de fazer...

— Homem respeitável e querido, disse a Senhora de Lorsange caindo aos joelhos do seu amante, eis o mais belo ato que fizestes em vossa vida. Cabe àquele que conhece verdadeiramente o cora-cão do homem e o espírito da lei vingar a inocência oprimida, socorrer o infeliz, vencido pela sorte ... Sim, ei-la, ei-la, vossa prisioneira, senhor... vai, Justine, vai, corre a beijar os passos daquele protetor justo que não te abandonará como os outros ... Oh, senhor, se os laços do amor me foram tão preciosos convosco, muito mais se tornarão eles, embelezados pelos nós da natureza, apertados pela mais terna estima!

E as duas mulheres abraçavam-se aos joelhos de um homem tão generoso e os molhavam com suas lágrimas. Algumas horas depois eles chegam ao castelo. O Senhor de Corville e a Senhora de Lorsange, empenhavam-se ao máximo em fazer Justine passar do excesso de desgraça ao cúmulo da alegria e da prosperidade. Eles a alimentavam com os pratos mais deliciosos e suculentos, faziam-na dormir nos melhores leitos, queriam que mandassem neles, dedicavam-lhe enfim, todas as gentilezas que se podia esperar de duas almas sensíveis ... Ministraram-lhe medicamentos durante alguns dias, banharam-na, enfeitaram-na e embelezaram-na. Ela era o ídolo daqueles dois amantes, e estes logo a faziam esquecer suas desgraças. Com alguns cuidados, um excelente artista se encarregou de fazer desaparecer aquela marca ignominiosa, fruto cruel da perversidade de Rodin. Tudo respondia aos desejos de Senhora de Lorsange e seu encantador amigo e já os traços do infortúnio se apagavam do semblante encantador da amável Justine... já as graças retomavam seu domínio. Às cores lívidas das suas faces de alabastro sucederam-se as rosas da primavera; o riso, há tanto tempo apagado dos seus lábios, por fim reaparecera nas asas dos prazeres.

As melhores notícias chegaram de Paris. O Senhor de Corville pusera toda a França em ação. Renovara o zelo do Senhor S., que se unira a ele para descrever as desgraças de Justine e dar-lhe uma tranqüilidade que lhe era mais que devida. As cartas do rei chegaram finalmente, limpando Justine de todos os processos instaurados injustamente contra ela desde sua infância, dando-lhe o título de cidadã honesta, impondo para sempre o silêncio em todos os tribunais do reino que haviam tramado contra aquela infeliz, e dando-lhe mil e duzentas libras de pensão sobre os fundos confiscados na oficina dos moedeiros falsos do Delfinado. Ela por pouco não morreu de felicidade ao saber de tão faustosas notícias. Durante muitos dias derramou lágrimas bem doces no seio dos seus protetores, quando de repente seu estado de espírito mudou sem que fosse possível saber por quê. Tornou-se sombria, inquieta, pensativa e às vezes chorava sem que ela mesma pudesse explicar o motivo das suas lágrimas.

— Não nasci para tanta felicidade, dizia ela às vezes para a Senhora de Lorsange... Oh, minha querida irmã, é impossível que ela possa durar.

Seria bom dizer que, terminadas todas essas providências, ela não deveria ter mais nenhuma espécie de inquietação; os cuidados que todos tinham de nada dizer nas memórias que haviam preparado em seu favor, sobre nenhum dos personagens com os quais ela se comprometeu e cujo crédito podia ser temido, ainda assim não podiam acalmá-la. Todavia, nada o conseguia. Dizia-se que aquela pobre jovem, destinada unicamente à desgraça e sentindo sempre a mão do infortúnio suspensa sobre sua cabeça, já previa o último golpe que a esmagaria.

A Senhora de Lorsange ainda estava morando no campo; chegava-se ao fim do verão e se planejava um passeio quando formou-se uma terrível tempestade para atrapalhá-lo. O calor excessivo obrigara a deixar aberto todo o salão. Estalam os raios, cai o granizo, os ventos sopram impetuosos, o fogo do céu agita as nuvens de maneira horrível. A Senhora de Lorsange se assusta... A Senhora de Lorsange, que tem um medo horrível do trovão, pede a sua irmã que feche todas as janelas depressa. O Senhor de Corville entrou nesse momento; Justine, apressando-se para acalmar sua irmã, corre para uma janela, luta por instantes contra o vento que a empurra. De repente, o clarão de um raio joga-a no meio do salão e deixa-a sem vida no assoalho.

A Senhora de Lorsange solta um grito terrível... e desmaia. O Senhor de Corville pede socorro e este logo chega. Fazem a Senhora de Lorsange recuperar os sentidos, mas a desgraçada Justine fora de tal modo atingida que não havia esperança alguma de salvá-la. O raio lhe entrara pelo seio direito, queimara-lhe o peito e saíra pela boca, desfigurando de tal modo o seu rosto que era horrível de ver. O Senhor de Corville quis retirá-la dali imediatamente, mas a Senhora de Lorsange levantou-se com grande calma e o impede de fazê-lo.

— Não, disse ela ao seu amante, não. Deixa-me vê-la por um instante. Tenho necessidade de contemplá-la para me dar forças na resolução que tomei; escutai-me, senhor, e não recuseis a atitude que vou tomar e da qual nada no mundo me fará desistir.

"As desgraças inauditas que essa infeliz sofreu, embora tenha sempre respeitado a virtude, têm qualquer coisa de extraordinário, senhor, para que eu não abra os olhos para mim mesma. Não imagineis que esteja cega aos falsos brilhos de felicidade que vimos desfrutar durante suas aventuras aqueles perversos que a atormentaram. Estes caprichos da sorte são enigmas da Providência que não devemos desvendar, mas que jamais nos devem seduzir; a prosperidade do perverso não é senão uma prova à qual a Providência nos submete, ela é como o raio cujos fogos ilusórios embelezam por instantes a atmosfera apenas para precipitar nos abismos da morte os infelizes a quem fascina... Eis aí o exemplo aos nossos olhos; calamidades seguidas, desgraças espantosas e ininterruptas desta jovem infeliz são um aviso que o eterno me dá de me arrepender dos meus erros, de escutar a voz dos meus remorsos e de lançar-me, enfim, nos seus braços. Que tratamento devo eu temer dele, eu... cujos crimes vos fariam tremer, se os conheceis... ou cuja libertinagem, irreligião, abandono de todos os princípios marcaram cada instante da vida... o que devo esperar, se é assim que tratam aquela que não cometeu um único erro voluntário que lhe trouxesse o arrependimento.

"Separemo-nos, senhor, chegou a hora... nenhum elo nos liga, esqueci de mim e concordai que eu siga um atalho eterno para abjurar aos pés do ser supremo as infâmias com que me conspurquei. Este golpe terrível para mim era, não obstante, necessário para minha conversão nesta vida, e para a felicidade que ouse esperar na outra. Adeus, senhor, não mais me vereis. O último sinal que espero da vossa amizade é o de que não façais nenhuma indagação para saber o que aconteceu comigo; espero-vos num mundo melhor, vossas virtudes devem

conduzi-lo até ele e possam as macerações do lugar onde vou, para expiar meus crimes, passar os anos infelizes que ainda me restam, permitir-me rever-vos um dia.

A Senhora de Lorsange deixa imediatamente a casa, faz atrelar um carro, leva consigo algum dinheiro, deixa todo o resto ao Senhor de Corville mostrando-lhe os legados piedosos, e corre para Paris, onde ingressa no Convento das Carmelitas onde ao fim de alguns anos torna-se o modelo e o exemplo, tanto pela sua grande devoção como pela sabedoria do seu espírito e a extrema regularidade dos seus costumes.

O Senhor de Corville, digno de obter os mais altos postos de sua pátria, é a eles alçado, sendo honrado por fazer ao mesmo tempo a felicidade do povo, a glória do seu soberano e a fortuna dos seus amigos.

Oh, vós que ledes esta história, possais tirar dela o mesmo proveito que aquela mulher mundana e corrigida; possais convencer-vos com ela que a verdadeira felicidade está somente no seio da virtude, e que se Deus quer que ela seja perseguida na terra, e para preparar no céu a mais faustosa recompensa.